

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO.
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROSANE PAGNUSSAT

**O ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OUVINTES
NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA EDUCATIVA**

FREDERICO WESTPHALEN/RS

2025

ROSANE PAGNUSSAT

**O ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OUVINTES
NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA EDUCATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Luana Teixeira Porto.

FREDERICO WESTPHALEN/RS

2025

P159e Pagnussat, Rosane

O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa / Rosane Pagnussat. – 2025.
183 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen, 2025.
Orientadora: Dra. Luana Teixeira Porto.

1. Educação inclusiva. 2. Língua Brasileira de Sinais – Libras.
3. Inclusão. 4. Cultura surda. 5. Comunidade surda. I. Porto, Luana Teixeira.
II. Título.

CDU 37

ROSANE PAGNUSSAT

**O ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA OUVINTES
NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA EDUCATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: prof.^a Dr.^a. Luana Teixeira Porto.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Luana Teixeira Porto (Orientadora)

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)

Prof.^a Dr.^a Camila Aguilar Busatta (Banca Interna)

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)
(1^a arguidora)

Prof. Dr. Felipe Gustsack

(Universidade Federal de Santa Maria)

(2^a arguidor)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Teixeira Porto (Suplente)

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)

IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino/Unidade

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Câmpus de Frederico Westphalen – RS

Rua Assis Brasil, nº. 709, Bairro Itapagé, CEP 98400-000

Frederico Westphalen – RS.

Direção do Campus

Diretora Geral: Profa.^a Dra.^a Elisabete Cerutti

Diretor Acadêmico: Prof^o Carlos Eduardo Blanco Linares

Diretor Administrativo: Prof^o Alzenir José de Vargas

Departamento/Curso

Chefe do Departamento de Ciências Humanas: Prof.^a Maria Cristina Gubiani Aita

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação: Prof.^a

Dr.^a Luci Mary Duso Pacheco

Disciplina

Dissertação

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Luana Teixeira Porto

Mestranda

Rosane Pagnussat

Linha de Pesquisa

Processos Educativos, Linguagens e Tecnologias

Temática

O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa.

DEDICATÓRIA (in memoriam)

Com todo o meu carinho, dedico esta pesquisa à memória do meu querido sobrinho e afilhado, Vinicius Padilha Pagnussat. Seu nobre gesto de aprender a Língua Brasileira de Sinais para se conectar com seu colega surdo é uma inspiração constante e um belo exemplo de empatia, respeito e valorização da cultura surda, valores que ecoam em cada linha desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de expressar minha profunda gratidão. Palavras, por mais bem escolhidas que sejam, parecem insuficientes para reconhecer o apoio inestimável de todos que estiveram ao meu lado nesta jornada.

Sou grata a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, por permitirem que meus objetivos fossem alcançados.

À minha mãe, Melania Maria Pagnussat, mulher de garra, determinação e luta, minha eterna inspiração. Cada conselho, cada gesto de carinho e cada palavra de incentivo foram essenciais para eu chegar até aqui. Obrigada por ser meu alicerce, fortaleza e porto seguro de seus filhos. Você é e sempre será minha maior inspiração de amor e dedicação.

Ao meu pai, Antoninho Pagnussat *in memoriam*, que partiu muito cedo, quando eu ainda era uma criança de apenas quatro anos. Pai, mesmo com a tua ausência física, sei que nos acompanhas com teu amor eterno e tua presença espiritual.

À minha irmã, Rosangela Pagnussat, que tornou esta caminhada possível com sua colaboração e generosidade. Você é um exemplo de amor e amizade, de ética, profissionalismo e humanidade. Tenho imenso orgulho de ser tua irmã e testemunhar tua grandeza em cada gesto e em cada palavra. Obrigada por acreditar em mim, por investir nos meus sonhos e por ser uma luz constante em minha vida. Teu apoio foi essencial para que eu pudesse seguir em frente. Essa conquista é, em grande parte, reflexo do teu amor e cuidado. Você merece todo o reconhecimento do mundo.

Ao meu irmão, Roberto Pagnussat, que, mesmo de longe, sempre estive presente de forma significativa. Ao meu irmão Ronaldo Pagnussat por me ouvir com generosidade, orientar com firmeza e carinho, e por ser um porto seguro em tantas fases da vida. Agradeço o incentivo, vocês mostraram que a distância nunca diminui o valor do amor fraternal. Obrigada por serem parte de quem sou hoje.

À minha orientadora, Professora Doutora Luana Teixeira Porto, por ter acolhido a proposta de pesquisa e me encorajado durante o seu desenvolvimento. Sua ética, profissionalismo e

sabedoria são inspiradores. Obrigada por acreditar em mim, por me guiar com maestria no caminho da pesquisa e por compartilhar comigo sua vasta experiência e conhecimento. Você é mais do que uma orientadora; é um exemplo de excelência acadêmica.

As professoras doutoras Camila Aguilar Busatta e Tania Micheline Miorando, membros da banca de qualificação, aos professores membros da banca de defesa Dr^a Camila Aguilar Busatta e Dr. Felipe Gustsack pela atenção criteriosa, os apontamentos preciosos e as palavras encorajadoras foram fundamentais para o aprimoramento desta dissertação. Foi uma honra compartilhar este momento com pessoas tão especiais. Agradeço a todos pela leitura dedicada e pelas contribuições valiosas.

Agradeço ainda à coordenação da URI pela acolhida e a todo corpo docente do PPGEDU pelo conhecimento técnico compartilhado no Programa de Pós-Graduação em Educação, meu sincero agradecimento pelo convívio e aprendizado construído.

Agradeço de forma carinhosa aos colegas amigos do mestrado que juntos vivenciaram e acompanharam essa trajetória em sala de aula ou pelos contatos virtuais.

Em especial, à minha amiga e colega Patrícia Andréa Rauber Knorst, com quem compartilhei horas de estrada com ótimas conversas, trocas de informações, revisão de aulas, risadas, angústias partilhadas, noites em hotéis, cafés da manhã e almoços, aulas e muitas aulas. Obrigada pela amizade e por tornar esta jornada mais leve e cheia de significado. Cada momento compartilhado com você foi único e especial.

Aos meus amigos surdos e à comunidade surda, minha profunda gratidão. Vocês não só enriqueceram minha jornada com seus ensinamentos e experiências, mas também me mostraram a importância de lutar pela valorização da cultura surda e da Língua Brasileira de Sinais - Libras. A Língua Brasileira de Sinais é muito mais do que um meio de comunicação; é uma forma de expressão única que promove a inclusão e fortalece laços entre surdos e ouvintes. Obrigada por me permitirem fazer parte desta luta e por me inspirarem a seguir tentando fazer a diferença em busca de uma sociedade mais justa e bilíngue. Vocês são exemplos de resiliência, força e união, pois lutam diariamente por respeito e inclusão.

Às amigas, Janete Palu e Cristiane Visentin, agradeço pelas trocas de informações, conselhos e pelo carinho que me deram ao longo desta caminhada. Obrigada por acompanharem de perto este processo enriquecedor e, ao mesmo tempo, desafiador.

Aos colegas de trabalho, e importantes amigos, Andressa Sartori, Eliara Bandeira, Juliano Deotti e Katiano Picinini que diariamente me instigavam e incentivam a me desafiar na pesquisa, obrigada pelas dicas valiosas e as sugestões dadas para melhoria dessa dissertação.

Ademais, para finalizar, não poderia deixar de registrar meu agradecimento especial a minha amiga Vanessa Paula Rizzotto, que, desde a graduação em Educação Especial, nossos caminhos se uniram em uma jornada de aprendizado pela comunidade surda. Mesmo à distância, compartilhamos pesquisas e informações valiosas. Seu canal, Bla Bla Bla Libras, reflete seu compromisso genuíno com essa causa. Nossas conversas e trocas de ideias fortalecem nossa busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

A cada um de vocês, obrigada.

“...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

(Boaventura de Sousa Santos)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para estudantes ouvintes do Ensino Médio, propondo uma abordagem educativa voltada à aprendizagem da Libras como segunda língua para não-surdos. A pesquisa, de natureza qualitativa, bibliográfica e documental, adota uma perspectiva teórica e exploratória, com foco na análise de competências linguísticas, metodologias de ensino e recursos didáticos voltados a esse público. A investigação busca compreender como o ensino da Libras pode contribuir para a promoção da inclusão social e cultural da comunidade surda, por meio da formação de estudantes ouvintes capazes de se comunicar em Libras e de atuar como agentes da inclusão no contexto escolar. A fundamentação teórica baseia-se em uma revisão da literatura acadêmica e na análise das legislações federais relacionadas a Libras, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para discorrer sobre as sequências didáticas utilizou-se como referencial teórico Zabala, Dolz, Noverraz e Schneuwly. A partir desse referencial, são discutidas estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem significativa da Libras no Ensino Médio, com destaque para a elaboração e aplicação de sequências didáticas sustentadas em materiais multimodais. A proposta visa não apenas ampliar as habilidades comunicativas dos alunos ouvintes, mas também fortalecer a valorização da cultura surda e da diversidade linguística no ambiente escolar. Este estudo busca colaborar para a construção de práticas educacionais inclusivas, contribuindo para uma formação cidadã mais sensível, empática e comprometida com os direitos linguísticos e culturais da comunidade surda, e com a construção de uma sociedade mais justa, bilíngue e democrática. Dando sequência, o trabalho se concentra na organização e coleta dos materiais necessários, além da elaboração de uma sequência didática voltada para o ensino de Libras. Proposta fundamentada em metodologias assistivas e que aborda conteúdos programáticos, como a história da comunidade surda, os parâmetros da Libras e noções básicas de língua de sinais, integrando temas do cotidiano escolar e da cultura surda. Assim sendo, a pesquisa culminou na elaboração de cinco sequências didáticas que integram o vocabulário básico da Libras com aspectos da cultura surda. Estas propostas pedagógicas se fundamentam em uma análise abrangente do panorama de investigações e da regulamentação legal da Língua Brasileira de Sinais no Brasil. Destaca-se a originalidade da abordagem, que articula a implementação de materiais didáticos multimodais e metodologias ativas, alinhadas às propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O principal resultado é a criação de um recurso educativo inovador que visa aprimorar as competências comunicativas de estudantes ouvintes no Ensino Médio, contribuindo diretamente para a formação de uma sociedade bilíngue e para o fomento da inclusão e da valorização da cultura surda no ambiente escolar.

Palavras-chave: Libras; Ensino Médio; Inclusão; Segunda Língua; Cultura Surda.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the teaching of Brazilian Sign Language (Libras) to hearing high school students, proposing an educational approach focused on the acquisition of Libras as a second language for non-deaf individuals. The research adopts a qualitative, bibliographic, and documentary methodology, with a theoretical and exploratory orientation. It emphasizes the analysis of linguistic competencies, teaching methodologies, and instructional resources tailored to this target audience. The study seeks to understand how the teaching of Libras can contribute to the promotion of social and cultural inclusion of the Deaf community, by preparing hearing students to communicate in Libras and to act as agents of inclusion within the school environment. The theoretical framework is grounded in a review of academic literature and in the analysis of federal legislation related to Libras, such as Law No. 10.436/2002 and Decree No. 5.626/2005, in addition to the National Common Curricular Base (BNCC). To discuss didactic sequences, the study draws on the theoretical contributions of Zabala, Dolz, Noverraz, and Schneuwly. Based on this framework, the research explores pedagogical strategies that foster meaningful learning of Libras in high school, with particular emphasis on the design and implementation of didactic sequences supported by multimodal materials. The proposal aims not only to expand the communicative skills of hearing students, but also to reinforce the appreciation of Deaf culture and linguistic diversity within the school context. This study seeks to contribute to the development of inclusive educational practices, promoting a more empathetic, socially aware, and civically engaged student body, committed to the linguistic and cultural rights of the Deaf community and to the construction of a more just, bilingual, and democratic society. Building upon this foundation, the study then focuses on the organization and collection of the necessary materials, as well as the development of a didactic sequence for teaching Libras. This pedagogical proposal is grounded in assistive methodologies and addresses programmatic content such as the history of the Deaf community, the linguistic parameters of Libras, and basic concepts of sign language, while integrating themes from everyday school life and Deaf culture. As a result, the research culminated in the creation of five didactic sequences that integrate basic Libras vocabulary with elements of Deaf culture. These pedagogical proposals are informed by a comprehensive analysis of the research landscape and the legal framework governing Brazilian Sign Language in Brazil. The originality of the approach lies in its integration of multimodal educational materials and active methodologies, aligned with the principles established in the BNCC. The main outcome of this study is the development of an innovative educational resource designed to enhance the communicative competencies of hearing high school students, directly contributing to the advancement of a bilingual society and to the promotion of inclusion and the appreciation of Deaf culture within the educational environment.

Keywords: Brazilian Sign Language; High School; Inclusion; Second Language; Deaf Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Organograma com os resultados encontrados durante a triagem culminando na organização das três categorias	43
Figura 02 - Girolamo Cardano	59
Figura 03 - Alfabeto Manual	59
Figura 04 - Juan Pablo Bonet	60
Figura 05 - Alfabeto Manual	61
Figura 06 - Abade De L'Épée /Primeira Escola de Surdos no Mundo	61
Figura 07 - Thomas e Laurent Clerc fundaram a Primeira Escola Permanente para Surdos dos Estados Unidos, em Hartford (Connecticut)	62
Figura 08 - Imposição do Oralismo	66
Figura 09 - Bilinguismo para Surdos	68
Figura 10 - Organização da sequência didática	100
Figura 11 - Breve História da Surdez	107
Figura 12 - Artefatos Culturais	113
Figura 13 - Entrevista com Shirley Vilhalva	115
Figura 14 - Dicionário da Língua de Sinais Munduruku	116
Figura 15 - Geral, dialogando com os estudantes	118
Figura 16 - Karin Strobel	119
Figura 17 - Alfabeto Manual	120
Figura 18 - “C” e “Ç” - Alfabeto Manual da Libras: Recorte das autoras	120
Figura 19 - Números	121
Figura 20 - Tela da videoaula “Alfabeto manual e números”	121
Figura 21 - Tela da videoaula “Parâmetros da Libras”	122
Figura 22 - As 46 configurações de mãos	123
Figura 23 - As 64 configurações de mãos	123
Figura 24 - As 75 configurações de mãos	124
Figura 25 - Sinais que apresentam a mesma configuração de mão “V”	124
Figura 26 - Sinais que apresentam a mesma configuração de mão “S”	125
Figura 27 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação	125
Figura 28 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação	125
Figura 29 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação	126

Figura 30 - Ponto de Articulação segundo Quadros e Karnopp	126
Figura 31 - Tela da videoaula “Ponto de articulação”	127
Figura 32 - Exemplo de Sinais com Movimento	127
Figura 33 - Exemplo de Sinais que podem ou não ter movimento	128
Figura 34 - Exemplo de orientação do movimento	128
Figura 35 - Exemplo de orientação “Quadros e Karnopp”	129
Figura 36 - Exemplo de sinais de orientação	129
Figura 37 - Exemplo de sinais de orientação e direção	130
Figura 38 - Exemplo de sinais de Expressões Faciais	130
Figura 39 - Aplicando os cinco parâmetros	131
Figura 40 - Cumprimentos	133
Figura 41 - Dicionário Acessibilidade Brasil.....	135
Figura 42 - Saudações	139
Figura 43 - Tela da videoaula “O Encontro”	140
Figura 44 - Forma indexical pronominal para a primeira e segunda pessoa do discurso, respectivamente	142
Figura 45- Sinais de Advérbios de Tempo	146
Figura 46 - Sinais de calendário meses do ano e dias da semana	147
Figura 47 - Sinais de elementos que compõem o Calendário	148
Figura 48 - Tela da videoaula “Material Escolar”	151
Figura 49 - Imagens de sinais e objetos de Material Escolar	152
Figura 50 - Tela da videoaula “disciplinas escolares e níveis de ensino”	153
Figura 51 - Sinais de Disciplina	154
Figura 52 - Sinais de Meios de Comunicação e redes sociais	154
Figura 53 - Tela da videoaula “Meios de Comunicação e Redes Sociais”	155
Figura 54 - Sinais de Verbos	157
Figura 55 - Videoaula “Verbos”	159
Figura 56 - Imagem da capa do livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”	159
Figura 57 - Vídeo Cinderela Surda	160
Figura 58 - Vídeo A árvore Surda	161
Figura 59 - Bla Bla Bla Libras	161
Figura 60 - HQ bilíngue	163

Figura 61 - Exemplo de organização da sala de aula para aplicar atividade de metodologia de rotação por estações 164

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Publicações de Teses e Dissertações ao longo de 10 anos	41
Tabela 02 - Mapeamento das pesquisas selecionadas por categorias	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Pontos norteadores de cada proposta: sequências didáticas	101
Quadro 02 - 1 Sequência Didática	104
Quadro 03 - 2 Sequência Didática	116
Quadro 04 - 3 Sequência Didática	136
Quadro 05 - Sistema da Libras	141
Quadro 06 - 4 Sequência Didática	149
Quadro 07- 5 Sequência Didática	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- APAS** - Associação de Pais e Amigos dos Surdos
- BNCC** - Base Nacional Comum Curricular
- CAPES** - Catálogo de Teses e Dissertações
- CBTCEM** - Currículo Base da Educação Básica do Território Catarinense para o Ensino Médio
- CCJC** - Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania
- CM** - Configuração das Mãos
- DCNEM** - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
- ENM** - Expressões Não-Manuais
- FECAM** - Federação Catarinense de Municípios
- IELB** - Igreja Evangélica Luterana do Brasil
- IFTO** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- L2** - Segunda Língua
- LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais
- LIS** - Línguas Indígenas de Sinais
- M** - Movimento
- MEC** - Ministério da Educação
- NEM** - Novo Ensino Médio
- OM** - Orientação das Mãos
- PA** - Ponto de Articulação
- PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PDI** - Pegadas da Inclusão
- PL** – Projeto Lei
- PPG** - Programa de Pós-Graduação
- PPGED** - Programa de Pós-Graduação em Educação
- SENSUPEG** - Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão
- TDICs** -Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
- UNIASSELVI** - Centro Universitário Leonardo da Vinci
- UNINTER** - Centro Universitário Internacional
- UNOESC** - Universidade do Oeste de Santa Catarina
- URI** - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Palavras iniciais: trajetória da pesquisadora	19
1.2 Delimitação e contextualização da pesquisa	28
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	36
2.1 Natureza da pesquisa	36
2.2 Estado do conhecimento	39
2.2.1 Libras no Ensino Médio – um retrato de pesquisas de mestrado e doutorado no período de 2013 a 2023	40
2.3 Análise dos trabalhos selecionados	43
2.3.1 Enfoque de estudos sobre categoria 1: Processos Educativos e o Ensino de Libras	44
2.3.2 Enfoque de estudos sobre categoria 2: Educação e Inclusão de Libras	50
2.3.3 Enfoque de estudos sobre categoria 3: Proposta Curricular para o Ensino de Libras	53
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	56
3.1 Raízes e evolução: breve história da Língua Brasileira de Sinais	56
3.2 Congresso de Milão (1880): Um marco de retrocesso para a educação bilíngue de surdos	63
3.3. Língua de Sinais e a educação de surdos no Brasil	65
3.3.1 Oralismo	66
3.3.2 Comunicação Total	66
3.3.3 Bilinguismo	67
3.3.4 Língua Brasileira de Sinais – Libras	69
3.4 Língua Brasileira de Sinais – Libras: reconhecimento, legislação e impacto na educação e sociedade	70
4. O NOVO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO E INCERTEZA.	78
4.1 Cenários da Oferta de Libras no Brasil: Uma Visão Nacional	81
4.2 Escola, educação e ensino inclusivo: promovendo a aprendizagem para todos...	85
4.3 Língua e Linguagem: expressões da essência comunicativa do ser	90
4.4 Inclusão do ensino de libras como segunda língua - L2: para ouvintes no Ensino Médio	94

5. APRENDIZAGEM DE LIBRAS PARA OUVINTES E SURDOS: A VALORIZAÇÃO DA CULTURA SURDA COM AUXÍLIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	97
5.1 Sequência Didática – Aprendizagem de Libras para estudantes ouvintes no Ensino Médio	98
5.2 Sequências Didáticas.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	175

1. INTRODUÇÃO

Os ouvidos que foram dados para ouvir a melodia da vida, os mais belos cantos dentre as mais belas vozes. Sem imaginar que perdemos o Dom de ouvir as maravilhas do som, temos a arte de sentir todas as vibrações. E nós que não conseguimos falar em sua língua temos a arte nas mãos, nosso corpo a bailar e na expressão de falar (Vilhalva, 2004, p. 69).

1.1 Palavras iniciais: trajetória da pesquisadora

As experiências que tive até agora me levaram a selecionar alguns momentos da minha vida que explicam minha trajetória e a origem da proposta de investigação desta dissertação. Assim dou início à introdução desta dissertação apresentando alguns elementos históricos que me constituem, com o propósito de traçar um panorama sucinto da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Busco destacar minha conexão com o tema pesquisado e os caminhos que me conduziram ao desenvolvimento desta dissertação. Acredito que compartilhar um pouco sobre minha própria trajetória é fundamental para que você, leitor, possa compreender a influência que minhas experiências pessoais exerceram na elaboração desta dissertação de mestrado. Em resumo, esta apresentação é um convite para explorarmos juntos como a individualidade da pesquisadora se entrelaça com o rigor científico.

Sou Rosane Pagnussat, filha de Antoninho Pagnussat e Melania Maria Pagnussat, nasci e cresci no município de São Miguel do Oeste, localizado no extremo oeste de Santa Catarina.

Minha jornada na busca por conhecimento foi marcada já na infância pela experiência precoce da perda paterna, um evento que, desde cedo, despertou em mim uma profunda curiosidade sobre a complexidade da vida e a busca por respostas. Essa ausência me ensinou desde cedo a observar o mundo e ter compreensão de muitos fatos desde cedo.

Meu pai faleceu quando eu tinha apenas quatro anos, e minha mãe, que havia estudado até a 4ª série do antigo ensino primário, viu-se sozinha na responsabilidade de prover o sustento da nossa família. Meus irmãos mais velhos, desde pequenos, também tinham a missão de trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Apesar das dificuldades, ela sempre fez questão de priorizar a formação escolar de seus quatro filhos, incentivando-nos a estudar. Por muitas vezes, meus tios(as) auxiliavam nas necessidades enfrentadas, não nos desamparando. Aos meus tios e tias, cuja presença carinhosa marcou minha infância e adolescência. O zelo, os cuidados e os conselhos generosamente dispensados a mim ao longo dos anos, eu agradeço. Como minha mãe saía cedo para o trabalho e voltava apenas de madrugada, minha irmã Rosângela assumiu a responsabilidade de garantir que eu me dedicasse aos estudos, antes mesmo de sequer ter pisado

em uma escola. Minha irmã, com sua brincadeira favorita “de ser professora”, me colocava e todos os primos menores, sentados enfileirados no pátio da casa para dar aula, e usando um quadro de madeira, rabiscava as primeiras letras do alfabeto e os números, em sua lousa, com um bastão de giz de mandioca “feito por ela”. Ela foi quem nos ensinou as primeiras noções básicas de alfabetização. No entanto, eu não tinha curiosidade em aprender, tampouco vontade de ir para a escola. Que angústia eram aquelas “aulinhas” para mim! Porém, com sua personalidade forte, Rosângela cobrava de mim, desde cedo, o interesse pela instrução escolar. Após os primeiros anos, as boas notas começaram a me motivar a seguir em frente, sempre com minha irmã presente e persistente na minha jornada escolar, mesmo diante das dificuldades. Essas memórias ainda fazem parte da minha história.

Desde criança, sempre fui alegre, carinhosa e curiosa, com um grande amor pelas artes, dança e esportes. Contudo, o ambiente escolar nunca foi um espaço acolhedor para mim. Não gostava de estudar e, muitas vezes, a escola se tornava uma verdadeira tortura, um local que eu não gostava de frequentar. A diversão e as brincadeiras eram mais atrativas que os cadernos pautados e os livros didáticos. As imagens, os sons e o movimento me ensinaram muito mais do que as regras gramaticais, a matemática, enfim, as demais disciplinas. O que me encantava eram os componentes curriculares de arte e educação física, as conversas com os colegas no intervalo e os encontros antes do sino soar anunciando o início da jornada escolar.

Apesar da minha aversão aos estudos, eu precisava ir à escola todos os dias. Mesmo não gostando de estar naquele espaço, sentia uma forte conexão com os colegas que, de alguma forma, também eram incompreendidos ou rejeitados por algum motivo: fosse por não entenderem os conteúdos, por serem gordos ou muito magros, por terem alguma deficiência, ou simplesmente por não gostarem de estudar.

Minha sensibilidade para com o outro se manifestou desde a infância de forma instintiva. Ao longo desse processo, passando para a adolescência e juventude, me aproximava frequentemente das pessoas que eram, muitas vezes, rejeitadas e deixadas de lado, com um impulso natural de oferecer apoio e amizade. Essas pessoas, muitas vezes vistas como excluídas, tornaram-se meus amigos mais próximos, e acredito que, naquele momento, já me preocupava profundamente com aqueles que, por algum motivo, precisavam de ajuda e compreensão.

No entanto, foi somente quando ingressei na universidade que o entusiasmo, o amor e a dedicação pelos estudos se fortaleceram verdadeiramente, e comecei a entender a importância de me dedicar à educação.

Em 1999, iniciei meus estudos na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), onde cursei Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas. Durante esse período, prestei concurso público para o magistério no Governo do Estado de Santa Catarina e fui aprovada na área na disciplina de Arte. No entanto, não pude assumir o cargo, pois ainda estava no quarto período do curso.

Em 2001, então, minha trajetória com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) começou a se desenhar de forma significativa. Naquele ano, um acadêmico surdo ingressou no curso de Artes. Percebia que ele, muitas vezes, encontrava-se isolado de sua turma devido à barreira da comunicação. Eu o observava e refletia sobre sua situação, especialmente porque também tinha um primo com perda auditiva, que era oralizado, mas usuário da língua de sinais.

Movida pelo desejo de me comunicar com meu primo e, ao mesmo tempo, apoiar o colega universitário surdo que enfrentava dificuldades para acompanhar as aulas, busquei um curso de Libras. As aulas eram ministradas por surdos da Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS), na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em São Miguel do Oeste.

Durante esse aprendizado, fui convidada pela comunidade surda a integrar o quadro de professores da associação. Obviamente aceitei com entusiasmo, pois via ali uma oportunidade não apenas de ensinar, mas de aprender e aprofundar meu envolvimento com a cultura surda. Esse contato transformou minha percepção sobre a importância da Libras e da inclusão, despertando em mim um verdadeiro encanto pela língua de sinais e pela comunidade surda.

Foi naquele momento, ao testemunhar as dificuldades enfrentadas por um colega surdo e ao buscar uma comunicação mais significativa com meu primo, que compreendi a necessidade de ampliar o meu acesso a Libras. Esse caminho, iniciado há tantos anos, continua a guiar minha trajetória acadêmica e profissional até hoje.

Essa sensibilidade pode ser expressa de forma poética no belo trecho de Cris Pizzimenti, em seu poema "Eu sou feita de retalhos", que reflete sobre como as experiências e os encontros ao longo da vida nos moldam. Ela escreve:

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em

retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de 'nós'. (In Facebook, página 'Uma pitada de encanto' by Cris Pizzimenti, 2013)

Essa ideia de ser “feita de retalhos” reflete perfeitamente o que aconteceu ao longo da minha trajetória. Cada encontro, cada experiência, foi um pedaço que adicionei à minha própria história e à minha visão de mundo. Quando ingressei na universidade, o contato com o acadêmico surdo, isolado por barreiras de comunicação, foi um desses "retalhos" que me fez crescer, aprender e me aprofundar no estudo da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Não era apenas uma questão de aprendizado acadêmico, mas de criar uma conexão genuína com o outro, uma nova parte da minha vida que, de algum modo, me completava e me tornava mais humana.

Com isso, iniciei meu contato com a comunidade surda, e, como no poema, cada novo encontro com essa comunidade se transformou em um "retalho" que me fez crescer, me ensinou e ampliou minha visão sobre a inclusão, o respeito e a valorização das diferenças. E assim, de "retalho em retalho", fui construindo uma trajetória de aprendizado e transformação, que, acredito, nunca estará finalizada. Sempre haverá um novo retalho a ser adicionado.

Em 2002, concluí minha formação acadêmica, e, nesse mesmo ano, as comunidades surdas, após longos anos de luta, conquistaram a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, assegurando também o direito ao intérprete como forma de garantir a acessibilidade em diversos contextos. Esse foi um marco importante na minha trajetória, pois, com a vigência desta lei e com a possibilidade de solicitar um intérprete nas universidades, fui contratada para trabalhar como intérprete de Libras no curso de Artes da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

A partir desse momento, a Língua de Sinais passou a ser uma parte fundamental da minha vida. Eu vivia e respirava Libras, pois trabalhava intensamente com surdos. Durante a semana, eu dedicava 40 horas na Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS) nos períodos matutino e vespertino, e ainda, no período noturno, dedicava mais 20 horas da minha semana na universidade como intérprete de Libras, o que me proporciona uma imersão total nesse universo. Esses momentos de dedicação, tanto à língua quanto à comunidade surda, foram essenciais para o meu fortalecimento, colaborando profundamente para minha formação profissional e pessoal.

Ainda em 2002, aprofundei meus conhecimentos ao ingressar na especialização em Arteterapia, Educação e Saúde, oferecida pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Durante esse período, aproveitei cada oportunidade para integrar e divulgar a cultura surda em meus trabalhos, debates e apresentações. Em meio às disciplinas do curso, busquei constantemente abordar questões relacionadas à Língua Brasileira de Sinais e à

vivência da comunidade surda, com o objetivo de promover uma maior compreensão e valorização dessa cultura. Essa integração me permitiu não apenas aprofundar conhecimentos acadêmicos, mas também ampliar a conscientização sobre a importância da inclusão e da acessibilidade no campo educacional e terapêutico.

Em 2004, após assumir o cargo no concurso público do magistério que havia prestado durante minha formação, fui obrigada a me desvincular da APAS. No entanto, minha relação com a comunidade surda não foi interrompida. Mesmo não fazendo parte oficialmente da associação, continuei participando ativamente dos eventos, visitas e momentos de confraternização. A amizade e o vínculo que criei com a comunidade surda se fortaleceram, e eu mantinha um contato constante, aproveitando minhas folgas e finais de semana para estar com eles.

Em 2009, iniciei uma nova graduação em Educação Especial pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Essa jornada, que durou cerca de quatro anos, foi acompanhada por uma amiga surda, que, além de ser minha colega de trabalho na Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS), também teve um papel fundamental em minha trajetória nesta nova graduação. Para esta amiga e colega, fui intérprete durante seu primeiro curso superior, Design de Produtos, também oferecido pela UNOESC, e até hoje tenho um carinho e admiração especial por ela, pois foi junto a ela e a outros profissionais surdos que tive a oportunidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais - Libras e me aproximar da comunidade surda.

Naquele momento, estávamos trilhando o mesmo caminho em prol da educação especial, um caminho de aprendizados, trocas e colaborações. Desenvolvemos parcerias em diversos momentos acadêmicos, como trabalhos, provas e projetos. Um dos destaques dessa trajetória foi o desenvolvimento da monografia de conclusão de curso, intitulada Práticas Pedagógicas em Artes para o Ensino e Aprendizagem na Educação Especial.

Em 2011, iniciei uma segunda especialização em Libras - Língua Brasileira de Sinais, oferecida pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Esse momento foi novamente especial e enriquecedor, não apenas por ser mais uma formação acadêmica, mas também pela convivência com duas amigas surdas com quem, novamente, compartilhei os estudos. Estudávamos nos finais de semana e tínhamos como hábito nos encontrar uma noite por semana para discutir as disciplinas, trocando experiências e ampliando nosso vocabulário e sinalização. Lembro com saudade dos momentos em que, juntas, debatíamos os textos e conteúdo da especialização, e essas discussões se tornavam ainda mais profundas quando íamos à Associação de Surdos - APAS. Lá, com outros surdos adultos, por vezes discutimos e

refletimos sobre os desafios da comunidade surda, ideais de inclusão e respeito, e sonhávamos com uma sociedade em que a Língua Brasileira de Sinais fosse respeitada, valorizada e utilizada ativamente no cotidiano, como salienta Morin (2003).

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem da instrução, da linguagem e da cultura. (Morin, 2005, p. 182)

Aquelas trocas e vivências fortaleceram minha compreensão e meu compromisso com a luta pela preservação e promoção da Língua de Sinais e da cultura surda, me motivando ainda mais a trabalhar por um futuro em que a comunicação entre surdos e ouvintes seja plena e respeitosa.

Em 2014, enquanto estava à frente da gestão escolar da Escola de Educação Básica Itajubá, no município de Descanso, distrito de Itajubá, busquei aprofundar meus conhecimentos na área de gestão e educação especial. Para isso, iniciei duas especializações simultaneamente. A primeira, em Educação Especial Inclusiva, pela UNIASSEVI, e a segunda, em Organização, Supervisão e Gestão Escolar, pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Ambas com temas de pesquisa voltados para a educação especial.

Essas especializações, mais uma vez, foram fundamentais para me ajudar a entender a importância da gestão escolar estar atenta às necessidades dos alunos da educação especial. Com elas, passei a perceber ainda mais como a gestão escolar pode promover um ambiente inclusivo, capaz de respeitar as singularidades de cada estudante e oferecer condições para que todos possam desenvolver seu pleno potencial.

Em 2016, decidi ingressar na especialização em Neuropsicopedagogia Clínica da Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão (SENSUPEG), com o objetivo de compreender melhor os processos de aprendizagem, tanto os meus quanto os dos alunos com os quais eu trabalhava. A cada quinze dias, minha irmã e eu viajavamos de São Miguel do Oeste até Chapecó para os encontros, e foi nesse movimento que percebi como as dificuldades de aprendizagem impactam a prática pedagógica, especialmente no contexto da educação especial.

Na gestão escolar e na universidade, trabalhava com alunos ouvintes, mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de integrar o conhecimento sobre as necessidades dos alunos surdos, em especial no ensino de Libras. A experiência de atuar com ambos os grupos me permitiu perceber como as metodologias e as abordagens pedagógicas precisam ser personalizadas para atender às particularidades de cada aluno, seja ele ouvinte ou surdo. A

prática pedagógica, em especial no ensino de Libras, exigia de mim uma atenção redobrada às diferentes formas de aprendizagem e comunicação, visto que, no contexto universitário, os alunos ouvintes ainda não estavam completamente preparados para interagir com surdos de maneira fluida.

O curso de Neuropsicopedagogia me proporcionou uma visão mais profunda das dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos e me ajudou a refletir sobre minha prática pedagógica. Com isso, pude adotar estratégias mais inclusivas e eficazes, não apenas no ensino de Libras, mas também na adaptação de métodos para atender a todos os perfis de alunos, respeitando suas necessidades específicas.

Minha ligação com a Universidade do Oeste de Santa Catarina então se encerra em 2019, quando me desvinculei da instituição. Porém, minha trajetória com a educação e a comunidade surda seguiu como uma constante, moldando minha carreira e minha visão de mundo ao longo dos anos.

Em 2020, retomei meus estudos ao ingressar em uma nova graduação, desta vez uma segunda Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). No ano seguinte, em 2021, decidi expandir minha formação acadêmica com duas segundas licenciaturas: uma em Letras - Libras, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), e outra em História, pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

Cada uma dessas graduações, juntamente com as especializações anteriores, desempenhou papel fundamental na construção do meu caminho, tanto no plano pessoal quanto no profissional. Elas me proporcionaram o conhecimento e a base necessária para seguir fortalecendo minha prática educacional e engajamento com a comunidade surda, além de ampliar minha visão sobre as diversas áreas do ensino.

Para concluir a descrição da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, gostaria de compartilhar a realização de um desejo que, embora tenha sido idealizado logo após a conclusão da minha primeira especialização, havia adormecido, mas não esquecido. Tal desejo sempre esteve presente, mas que, com o passar dos anos, acabou sendo deixado de lado. Esse desejo foi reacendido e fortalecido pelo convite de uma pessoa muito especial, Eliara Bandeira, que estava cursando o mestrado.

Confesso que o ingresso, a realização e a conclusão do mestrado sempre fizeram parte de uma das metas de minha caminhada, sendo um anseio antigo, mas, devido às condições financeiras e à sobrecarga de trabalho que, por muitos anos, chegou a 60 horas semanais, acabei adiando. No entanto, o convite veio em um momento de transformação e me impulsionou a retomar o que por tanto tempo parecia distante.

Após longos anos com esse desejo adormecido, resolvi me desafiar, e que alegria foi conseguir ingressar! Senti uma felicidade imensa por aceitar esse desafio e dar esse passo tão significativo. Foram dias intensos de leituras, escritas e reflexões, até finalmente conquistar meu espaço no universo da Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Câmpus de Frederico Westphalen.

Ao participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Câmpus de Frederico Westphalen, lancei-me ao desafio de apresentar, em minha carta de intenção, um panorama sobre uma possível pesquisa, voltada ao ensino de Libras para estudantes ouvintes do Ensino Médio. Escolhi a linha de pesquisa Processos Educativos, Linguagens e Tecnologias, e, ao longo das etapas de estudo, orientação, qualificação e defesa, fui aprimorando e reestruturando a proposta, consolidando minha trajetória acadêmica.

Expresso aqui minha satisfação em compartilhar essa pesquisa com minha professora orientadora Dra. Luana Teixeira Porto, que não apenas acolheu minha proposta de estudo, mas também a abraçou com dedicação.

Ao ingressar no mestrado, inicialmente, um dos meus objetivos era compreender e destacar a importância da Língua Brasileira de Sinais - Libras como um meio essencial de comunicação entre surdos e ouvintes. No decorrer da pesquisa, tornou-se ainda mais evidente que a aceitação, o respeito e o uso efetivo da Libras pela sociedade são fundamentais para garantir uma comunicação real e inclusiva.

Diante desse contexto, percebi que a escola desempenha um papel central nesse processo, sendo um espaço privilegiado para a promoção de práticas que favoreçam o ensino da Libras para ouvintes. A escolha pelo Ensino Médio como foco da pesquisa se deu pela possível maturidade dos estudantes e pela oportunidade de inserção de uma nova língua em sua formação, preparando-os tanto para uma convivência mais inclusiva quanto para demandas do mercado de trabalho. Como ressalta Freire (1987, p.79), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, partindo dessa premissa podemos destacar que cada encontro representa uma oportunidade de transformação mútua, um processo dialógico em que, somos imersos em nossas individualidades, influenciados e somos influenciados por aqueles que nos cercam.

Assim, a presente dissertação busca não apenas evidenciar a relevância do ensino da Libras para ouvintes, mas também reforçar a necessidade de uma força-tarefa educacional que envolva escolas, professores e políticas públicas na construção de uma sociedade mais justa e acessível.

No mês de setembro de 2023, iniciei esta jornada acadêmica ao lado de 15 colegas, cada um com suas histórias, expectativas e desafios. Desde então, cada ida à universidade se tornou mais do que um simples deslocamento; foi um momento de troca, aprendizado e construção coletiva. Os encontros, as conversas nos corredores, a convivência com colegas e amigos foram tão enriquecedores quanto os conteúdos debatidos em sala de aula.

Os professores e professoras, com dedicação e excelência, não apenas transmitiram conhecimento, mas também inspiraram reflexões e incentivaram o pensamento crítico. As aulas, os debates, os seminários, as apresentações e os congressos foram espaços fundamentais para amadurecer ideias e fortalecer a pesquisa. Cada experiência vivida ao longo do mestrado contribuiu para a construção dessa dissertação, tornando o percurso tão, ou mais, valioso quanto o próprio resultado.

Reafirmo, com grande reconhecimento, o papel fundamental da minha orientadora, Professora Luana Teixeira Porto, cuja dedicação e comprometimento foram essenciais ao longo desta jornada. Seus diálogos enriquecedores, suas reflexões profundas e suas valiosas ponderações não apenas orientaram este trabalho, mas também impulsionaram o amadurecimento da pesquisa, fortalecendo cada etapa do processo de construção deste texto.

Além disso, seu incentivo constante para que eu participasse de seminários, congressos e publicações ampliou minha visão acadêmica e contribuiu para a consolidação da pesquisa. Esse estímulo foi determinante para que eu expandisse meus horizontes, fortalecendo a relevância e a fundamentação deste estudo.

E para finalizar não posso deixar de mencionar a importância da qualificação e da defesa da dissertação, momento de grande aprendizado e amadurecimento, enriquecido pelas valiosas contribuições das professoras Prof.^a Dr.^a Camila Aguilar Busatta (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), Prof.^a Dr.^a Tania Micheline Miorando (Universidade Federal de Santa Maria) e do Prof. Dr. Felipe Gustsack (Universidade de Santa Cruz do Sul). Com uma leitura atenta e criteriosa, trouxeram apontamentos que não apenas fortaleceram a dissertação, mas também ampliaram as possibilidades de reflexão. Seus questionamentos, sugestões e observações revelaram um olhar sensível e profundo sobre os encantamentos, desafios e inquietações que permeiam este estudo.

Cada comentário, além de direcionar aprimoramentos necessários, reafirmou a relevância do tema e impulsionou novas perspectivas para sua consolidação. Afinal, como destaca Palu (2024), "algumas dessas inquietações me motivaram a realizar esta investigação, em busca de reafirmar a importância de uma educação e de uma escola democrática na construção de uma sociedade mais justa e igualitária". Assim, as discussões suscitadas durante

a qualificação reforçam o compromisso com uma pesquisa que não apenas analisa, mas também contribui para a transformação educacional.

Ao longo desta seção, apresentei um panorama da minha trajetória acadêmica e profissional, destacando as experiências, reflexões e contribuições que fortaleceram minha relação com a temática de estudo. Vale destacar que, o percurso até aqui foi marcado por descobertas, desafios e pelo compromisso em aprofundar a investigação sobre a Libras e sua inserção no contexto educacional.

Agora, na Introdução, a pesquisa ganha contornos mais definidos. Será possível compreender, em maior profundidade, a inquietação pelo tema desta dissertação, a problemática que norteia este estudo, bem como os objetivos traçados e os caminhos metodológicos escolhidos para dar suporte às análises e discussões que se seguem.

1.2 Delimitação e contextualização da pesquisa

Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional [...] A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo com que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. O grito da gaivota. (Laborit, 1994, s.p.).

A atriz e escritora surda Emmanuelle Laborit, ao mencionar no trecho “a gaivota cresce e voa com suas próprias asas” busca explicar a autonomia e a capacidade inerente às pessoas surdas, quando lhes são oferecidas as ferramentas adequadas para interagir com o outro, para se comunicar com os outros. Diante do exposto podemos destacar o quão se faz urgente o conviver em sociedade, sendo a escola local importante para propor práticas educacionais inclusivas que respeitem as formas de comunicação e interação com o outro.

Diante do exposto acima, entendemos que há uma necessidade urgente de revisitarmos a história das comunidades surdas, procurando aliar a realidade vivenciada no passado. Assim nos deparamos com os relatos de muitas lutas envolvendo o movimento social surdo brasileiro, com sua persistência para conquistar o reconhecimento e valorização social da língua de sinais, da cultura e identidade surda. Fatos que travaram uma inspiradora batalha pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como primeira língua da comunidade, além de ser um símbolo da resistência contra o estigma imposto pela sociedade. A esse respeito, Brito (2013) comenta que a ideia de haver uma lei para reconhecer tal língua em âmbito nacional vem do

referido movimento, pois surgiu a partir de discussões e proposições ocorridas entre os atores sociais envolvidos, além de outras reivindicações que se fizeram presentes naquele momento histórico para a comunidade.

Convém esclarecer que quando mencionamos comunidade surda, estamos falando das pessoas que fazem parte desse movimento, assim podemos mencionar pessoas surdas e ouvintes, pais e mães, familiares, intérpretes. Conforme cita Strobel, "[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comum em uma determinada localização" (Strobel, 2008, p. 29).

No contexto das conquistas históricas da comunidade surda, destacamos a oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras – por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sancionado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, que reconhece oficialmente a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil. No art. 1º, parágrafo único expõe:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos nas comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 1).

Para, além disso, a lei não traz nenhuma referência sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória na Educação Básica. Outrossim, com a regulamentação do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o mesmo determina a inclusão de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores em nível médio e superior. No entanto, o documento se concentra em cursos de ensino superior (licenciaturas) e formação de magistério, e em seu artigo terceiro afirma a obrigatoriedade como disciplina para este nível de ensino:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. § 1o Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.
§ 2o A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005, Artigo 3).

Diante da relevância, torna-se imprescindível analisar as oportunidades para a implementação efetiva da disciplina de Libras nos diversos segmentos da Educação Básica, e não somente em cursos superiores, temos como realidade de que de acordo com o Censo Escolar realizado no ano de 2021, no Brasil foram matriculados, na educação básica, 21.891 estudantes surdos, 38.990 com deficiência auditiva e 578 alunos com surdocegueira (INEP, 2022, p. 30). Contudo o Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no mesmo ano de 2021, indicou haver no Brasil o número de estudantes matriculados em cursos superiores de 2.592 estudantes surdos, 7.910 com deficiência auditiva e 318 alunos com surdocegueira (INEP, 2002, p. 71).

Ao analisar esses dados se observa uma diminuição drástica no número de alunos surdos que buscam continuar seus estudos e obter uma formação superior. Essa situação pode ser atribuída à falta de compreensão e comunicação eficaz entre ouvintes e surdos, ou à comunicação limitada devido à ausência do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais na educação básica. Diante disso, torna-se fundamental reconhecer a importância da implantação do ensino de Libras para ouvintes. É importante que a língua brasileira de sinais seja um meio de comunicação na escola entre todos os participantes do processo, alunos, professores, equipe pedagógica, equipe gestora, colaboradores e outros. Assim como, também deve ser disciplina ministrada na Educação Básica, permitindo a comunicação e a interação entre ouvintes e surdos. Essa abordagem visa propiciar interações e trocas de experiências entre essas pessoas, permitindo uma interação plena e uma comunicação efetiva.

Outro argumento a favor dessa proposição de pesquisa refere-se ao texto da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (com temática voltada às orientações ao Ensino Médio), o qual informa sobre a organização da área de Linguagens nessa etapa educacional:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2019, p. 271).

Conforme mencionado na citação pode-se pensar no ensino da Libras em salas regulares para alunos ouvintes. Este ensino se insere dentro da natureza das práticas das diferentes linguagens humanas, criando a consciência de identificação. Todavia, sendo uma língua ainda pouco investida no âmbito da formação dos alunos do ensino médio, a intenção desta pesquisa

é promover significativamente a autonomia e o aprendizado do aluno ouvinte no ensino de Libras.

Sobre este ensino, a BNCC aponta ainda que o sistema deve estimular a construção de itinerários formativos que produzam:

[...] conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2019, p. 477).

O estudante ouvinte, optando pelo itinerário formativo de Libras, acaba por romper com as barreiras da exclusão para entrada da inclusão no espaço escolar, ajudado a criar um ambiente de aprendizado enriquecedor e respeitoso, bem como o avanço significativo na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, é pertinente citar a nona competência da BNCC que define o dever de se acolher e valorizar a “diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2019, p. 10).

Uma proposta de ensino e aprendizagem de Libras eficaz para estudantes ouvintes devem ser centrada na intervenção sociocultural, inclusão, respeito às identidades e competências linguísticas e na compreensão cultural dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, atenderá às necessidades educacionais e sociais de ambos os grupos, por meio de um currículo abrangente pautado no ensino de Libras como segunda língua para estudantes do ensino médio¹.

¹ Ao longo desta dissertação, optamos por usar o termo **Segunda Língua (L2)**, apesar de encontrarmos uma diversidade de conceitos na literatura sobre o termo “segunda língua”. Justificamos o uso desse termo com base na perspectiva teórica que o considera, de modo geral, um sinônimo do desenvolvimento de qualquer ou de todas as outras línguas adquiridas após a língua materna (ELLIS, 1997). Compartilhamos, sobretudo, a visão de que, segundo Lôpo Ramos (2021), a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, da comunidade surda, tem, na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o reconhecimento do valor institucional como uma das línguas do Brasil. Para um surdo que tem a LIBRAS como L1 (existem aqueles que não dominam essa língua), o português pode ser aprendido como L2, como indicam documentos oficiais. O inverso também pode ocorrer: falantes de português como L1 aprenderem ou adquirirem a LIBRAS como L2. Portanto, estamos falando de línguas, culturas e pessoas sob a regência das mesmas leis estatais (LÔPO RAMOS, 2021, p. 234). Entretanto, Lôpo Ramos (2021, p. 238) reproduz a definição de Ellis (1997, p. 3) de aquisição de L2, que pode ser definida como o modo pelo qual as pessoas aprendem uma língua, além de sua língua materna, dentro ou fora da sala de aula. A aquisição de segunda língua é o estudo desse processo. Contudo, referente à **Língua Adicional (LA)**, para Leffa e Irala (2014), a língua que os alunos irão estudar na escola será uma língua adicional, pois ela é construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece, envolvendo prática social, além da constituição do sujeito.

Por fim, é essencial destacar a importância do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais - Libras pelos estudantes ouvintes, considerando diversos aspectos, como:

- O ensino de Libras no Ensino Médio contribui para a formação de uma sociedade bilíngue e mais democrática, onde todos os cidadãos, independentemente de suas habilidades auditivas, têm a oportunidade de se comunicar de maneira igualitária e participar plenamente de espaços públicos e privados.

- A Libras representa uma importante manifestação cultural que vai além de um simples meio de comunicação. Ao aprendê-la, os estudantes ouvintes valorizam e preservam a rica cultura surda, contribuindo para a continuidade e respeito à diversidade cultural brasileira.

- Estudantes que aprendem Libras no Ensino Médio estão mais preparados para exercer sua cidadania de forma ativa e consciente, tornando-se agentes transformadores na luta por direitos e políticas públicas que favoreçam a inclusão e a acessibilidade.

- Em um mundo cada vez mais conectado e diversificado, conhecer Libras é um diferencial que capacita os estudantes a interagirem com diferentes comunidades e culturas, dentro e fora do Brasil, uma vez que muitas línguas de sinais compartilham semelhanças e princípios comuns.

Portanto, embora os benefícios da aplicação desta pesquisa sejam amplos e diversos, persiste um desafio central previamente mencionado: como desenvolver uma proposta de aprendizagem de Libras que realmente atenda às necessidades dos estudantes ouvintes, promovendo a inclusão, a aquisição de competências linguísticas e a compreensão cultural, de modo a satisfazer as demandas educacionais e sociais tanto dos ouvintes quanto dos surdos?

Nesse sentido nossa pesquisa tem como foco “O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa.”, contudo vale ressaltar que, este estudo sobre o ensino de Libras no ensino médio se alinha com a visão de uma sociedade que aceite e não marginalize as diferenças na comunicação, oferecendo a todos os estudantes a oportunidade de ampliarem e desenvolverem suas habilidades comunicativas.

Diante do exposto apresentamos neste capítulo introdutório, as origens e motivações que impulsionaram esta investigação, traçando os caminhos percorridos ao longo do processo. A temática, o problema central e as questões orientadoras são delineadas, oferecendo ao leitor um olhar inicial sobre os desafios e reflexões que sustentam este estudo. Além disso, os objetivos e métodos adotados são discutidos, fornecendo as bases para a construção do conhecimento aqui proposto.

Torna-se válido ressaltar que este estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica, através de obras produzidas por diversos pesquisadores e estudiosos da temática. Para embasar e

enriquecer a pesquisa traçamos o mapeamento do estado do conhecimento realizando a análise das literaturas, assim buscamos aprofundar os conceitos que tornaram possível a delimitação do tema.

Para além, estruturamos a dissertação da seguinte forma: na parte introdutória a apresentação da pesquisadora enfatiza sua trajetória pessoal e profissional, logo se optou por descrever o tema destacando sua importância, o problema, as questões de pesquisa e objetivos, os quais refletem na importância de pesquisar.

Diante do exposto, na pesquisa aqui proposta apresentamos a temática “O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa.” seguida da definição do problema. Contudo o problema do qual partimos para desenvolver este estudo se baseia em: Como o ensino da Libras para estudantes ouvintes, pode promover a inclusão, a aquisição de competências linguísticas e a compreensão cultural, atendendo às necessidades educacionais e sociais de ambos os grupos?

A pesquisa investiga a importância deste ensino para todos os estudantes do ensino regular, porém pretende-se focar a abordagem em um público específico, que é o de estudantes do ensino médio, tornando estes atores da inclusão social da comunidade surda e usuários efetivos de uma língua que pode aproximar sujeitos inseridos em culturas diferentes. Por um lado, em razão da língua, e por outro, em função da necessidade de convivência harmoniosa diante da diversidade linguística e cultural que envolve as pessoas surdas, com deficiência auditiva e ouvintes.

O estudo se concentrará em análises teóricas para ensino de Libras aos alunos do Ensino Médio, por entendermos que este período é um momento crucial na vida dos estudantes, quando estão desenvolvendo suas habilidades de comunicação e interação social. Sendo uma fase em que os jovens estão relativamente mais maduros socialmente, se comparados a outros estudantes de outros níveis de ensino da educação básica. O Ensino Médio também é uma fase em que os estudantes fazem escolhas importantes para o futuro, logo, o conhecimento da Libras poderá abrir portas para carreiras relacionadas à educação, serviços sociais e áreas afins.

Para isso, as perguntas, a seguir, foram fontes norteadoras importantes deste estudo, sendo elas:

- Como a valorização da cultura surda na educação de estudantes ouvintes contribui para o desenvolvimento de ambientes educacionais que respeitam e promovem a diversidade linguística e cultural da comunidade surda?

- Como despertar o interesse dos alunos do Ensino Médio para a Língua de Sinais de modo a promover a conscientização sobre a cultura surda, incentivando sua aprendizagem e apropriação como uma forma de comunicação inclusiva e enriquecedora?

- Como podemos criar e implementar atividades educativas que despertem a consciência dos participantes sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais - Libras, visando não apenas a compreensão da comunicação com a comunidade surda, mas também o reconhecimento da Libras como parte integrante da diversidade linguística e cultural?

- Como promover o reconhecimento e a valorização da Língua Brasileira de Sinais - Libras no contexto escolar, de modo a assegurar sua legitimidade como uma língua essencial de uma comunicação efetiva?

Para tanto se apresenta como objetivo geral desta pesquisa: investigar o potencial do ensino de Libras no Ensino Médio, por meio da análise de sequências didáticas fundamentadas em materiais didáticos multimodais, com vistas à elaboração de uma proposta educativa que promova a inclusão, desenvolva competências linguísticas e amplie a mobilidade comunicativa de estudantes ouvintes na interação com a comunidade surda.

Na sequência, apresento os objetivos específicos que embasaram a pesquisa:

- Analisar o desenvolvimento histórico e a regulamentação legal da Libras no Brasil, com ênfase na implementação e importância do ensino de Libras para alunos ouvintes e surdos no Ensino Médio;

- Analisar o ensino de Libras no Ensino Médio, identificando desafios e oportunidades para aprimorar as competências comunicativas dos estudantes ouvintes em uma sociedade bilíngue;

- Compreender, a partir da literatura, como ocorre o envolvimento dos estudantes ao utilizar vocabulário básico da Libras em contextos que envolvam aspectos da cultura surda apresentados nas sequências didáticas.

Para tanto, considerando a importância da pesquisa, ela se justifica pelo fato de não haver estudos anteriores que tenham realizado essa investigação. Além disso, podemos afirmar que ela é socialmente relevante, pois pode auxiliar na efetiva inclusão social por meio da comunicação, respeito à cultura e identidade surda, possibilitando demandas de interação e socialização entre pessoas ouvintes e surdas.

Com base em todas as questões abordadas, esta dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos, os quais apresentarão todo o percurso da investigação.

No Capítulo 1, parte introdutória: a presente dissertação parte de uma trajetória pessoal e profissional que se entrelaça com as questões investigadas. Após, passamos à apresentação do tema, problema, questões de pesquisa, objetivo geral e específicos.

No Capítulo 2: Os pressupostos metodológicos discorrem sobre os procedimentos metodológicos utilizados na investigação, explanando sobre a natureza da pesquisa. Estado do Conhecimento é o processo inicial desta pesquisa, que envolveu um levantamento de produções científicas relevantes. Para tanto realizamos buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando descritores específicos para identificar estudos sobre a temática. Esta investigação preliminar visa mapear as contribuições teóricas já consolidadas e as possíveis lacunas que servirão de base para o desenvolvimento de nossa temática.

O capítulo 3: Raízes e evolução: breve história da Língua Brasileira de Sinais é dedicado a relatar a trajetória das narrativas da surdez, baseada na concepção ouvinte frente à história da surdez no mundo, onde sua história é marcada por conflitos, sofrimento, perseguições, decepções, torturas e mortes, bem como pela trajetória da inclusão, da educação de surdos e das metodologias de ensino.

No capítulo 4: O novo Ensino Médio em tempos de transição e incerteza buscamos apontar e apresentar as incertezas do Novo Ensino Médio, particularmente o que trata da oferta de Libras enquanto disciplina. Discutimos a relevância dos projetos de lei que visam implementar Libras como disciplina curricular no ensino básico. Traçaremos também um paralelo entre linguagem e língua, e sua função fundamental na educação. Refletiremos ainda sobre a escola inclusiva e o ensino de Libras para surdos e ouvintes, como um processo que pode viabilizar uma sociedade mais justa e acessível. Parte inferior do formulário

No Capítulo 5: Aprendizagem de Libras para ouvintes e surdos: a valorização da cultura surda com auxílio de sequências didáticas tem como foco de discutir o ensino de Libras para alunos ouvintes e surdos, enfatizando não apenas a aquisição da língua, mas também a valorização da cultura surda. Assim, buscamos explorar como essa prática pode desmistificar preconceitos sobre a surdez e promover uma conscientização sobre a identidade e as experiências da comunidade surda. Nesse sentido, além de destacar a relevância cultural, este capítulo abordará a necessidade de materiais e recursos pedagógicos adequados, que atualmente são escassos; nesse contexto, a criação de sequências didáticas.

Para finalizar, apresentamos as considerações finais indicando os pontos principais do trabalho, bem como as indicações, contribuições do estudo e os possíveis resultados obtidos. Ao final, informamos as referências, que contêm todos os autores utilizados na composição desta dissertação.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Pesquisar é um ato de autoria, que vai além da reprodução de conhecimentos, implicando a construção crítica do saber. (Demo, 2003)

Este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso metodológico da dissertação. Inicialmente, a investigação se delinea a partir de uma questão central, ainda em processo de formulação e refinamento, que surge de inquietações e vivências enquanto pesquisadora. A trajetória da pesquisa começou com a exploração de histórias e experiências relevantes ao tema, que serviram de base para a construção do arcabouço teórico. A revisão bibliográfica, portanto, constituiu-se como um dos pilares metodológicos iniciais, orientando a identificação de referenciais teóricos e a delimitação do problema de pesquisa.

Em primeiro lugar, é importante situar a natureza desta investigação, o olhar particular que guia nossa busca por compreensão, traçando o caminho metodológico percorrido no desenvolvimento da pesquisa.

2.1 Natureza da pesquisa

Ao classificar a pesquisa, estamos, na verdade, buscando uma forma de dar sentido aos fatos que encontramos, de criar conexões que nos ajudem a compreender de forma aprofundada o que temos em mãos, conforme afirma Minayo (2002, p. 16) “[...] a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”.

Pesquisar envolve romper com o que se sabe, com sedimentações instituídas. A mesma pesquisa, no entanto, é realizada a partir do que se sabe ou do que se julga saber. Nesse sentido, toda pesquisa é também um processo de autoquestionamento. (Lopes, 2018)

Para tanto, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa: os procedimentos de coleta de dados, compreendidos como bibliográficos e documentais.

Para garantir a transparência e a precisão na pesquisa, é fundamental esclarecer os métodos e abordagens adotados ao longo da investigação, pois os caminhos metodológicos garantem que os dados sejam retratados de maneira eficaz e que os objetos sejam definidos.

Conseqüentemente, os pressupostos metodológicos definem as etapas da pesquisa e os métodos que serão utilizados. Neste trabalho, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para identificar o objeto de estudo e delimitar a temática. A pesquisa é descrita como uma revisão

bibliográfica e análise documental, com objetivos exploratórios. A abordagem adotada é qualitativa e centrada na análise documental. Essa metodologia permite uma investigação aprofundada dos dados, garantindo a verificação rigorosa das informações em dissertações, teses, artigos, livros e outros, o que contribui para a confiabilidade e a validade dos resultados obtidos.

Conforme Braga (2007, p. 18), a metodologia estabelece a abordagem para a coleta e análise de dados, garantindo que os resultados da pesquisa sejam obtidos de forma eficiente e rigorosa.

O trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório, que visa uma compreensão profunda e detalhada do tema em questão. A escolha metodológica é fundamentada pelo fato de que uma pesquisa qualitativa “lida com as interpretações das realidades sociais” (Bauer; Gaskell, 2007).

Nesse sentido, Minayo (2002) destaca que a pesquisa qualitativa é especialmente eficaz para responder a questões específicas, permitindo a observação e a compreensão de aspectos da realidade que não podem ou não devem ser quantificados. Esse tipo de abordagem investiga o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes dos sujeitos envolvidos.

No entanto, Neves (1996) conceitua pesquisa qualitativa como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social.

Contudo, ao abordar o caráter qualitativo, os autores Denzin e Lincoln (2006) afirmam que:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem. (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17)

Neste contexto, buscamos investigar o tema “O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa” optando pela pesquisa qualitativa, pois acreditamos que essa abordagem permite explorar profundamente os aspectos do tema e responder de maneira adequada aos questionamentos da nossa investigação. A pesquisa

qualitativa é especialmente adequada para entender as nuances e as interpretações das realidades sociais envolvidas no ensino de Libras para ouvintes, possibilitando uma análise enriquecedora do fenômeno estudado.

Dessa forma, esta pesquisa irá investigar possíveis estratégias de ensino e recursos educacionais para promover a competência em Libras como segunda língua em um contexto de ensino regular para não-surdos. Para tanto esse trabalho também é classificado como possuidor de objetivos exploratórios, para Antônio Carlos Gil:

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2007, p.41).

Na etapa de coleta de dados para pesquisa, utilizamos procedimentos de revisão bibliográfica e pesquisa documental. Esses procedimentos não se restringem apenas à construção do embasamento teórico, mas também serão fundamentais para a análise e discussão dos resultados. A pesquisa se baseia em referências bibliográficas, como livros, dissertações, teses e artigos, e na análise de documentos relevantes, incluindo leis, decretos, Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular de Santa Catarina, Cadernos de Orientações do Novo Ensino Médio, que oferecem sustentação para o ensino de Libras e orientam as práticas educacionais. A pesquisa documental, ao examinar esses materiais, permite uma compreensão aprofundada de como as diretrizes legais influenciam na implementação da Libras no contexto escolar, fornecendo uma base sólida para a elaboração da proposta educacional.

Diante do exposto, é importante destacar que conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani, (2009), salientam que a

[...] justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (Sá-Silva; Almeida e Guindani, 2009. p. 2).

A pesquisa documental permite uma análise histórica das práticas sociais em um eixo específico, oferecendo uma perspectiva sobre a construção dessas práticas ao longo do tempo. Neste estudo, essa abordagem é aplicada à análise de leis, decretos, documentos e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), com o objetivo de compreender o desenvolvimento dessas

normativas e identificar caminhos que possam fortalecer ações baseadas no conhecimento acumulado.

Para finalizar, outra etapa importante foi a pesquisa ou revisão bibliográfica. E segundo Fonseca, a pesquisa bibliográfica

[...] é realizada [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Conforme Lakatos e Marconi (2003), a revisão bibliográfica compreende, aproximadamente, as etapas de identificação, localização, compilação e fichamento ou, como entende Gil (2008), as fases de identificação, localização das fontes, obtenção e leitura do material, e, por fim, o fichamento da documentação.

Por conseguinte, apresentaremos em detalhes o processo de delimitação do corpus de pesquisa, a seleção dos documentos, e os procedimentos adotados para a análise e interpretação dos dados. Serão descritos a seguir os métodos de análise de revisão bibliográfica realizadas em 12 dissertações, destacando como essas etapas foram conduzidas.

2.2 Estado do conhecimento

Para fundamentar nossa investigação, utilizamos a pesquisa bibliográfica como suporte para o levantamento de dados científicos e acadêmicos, com foco na análise de O ensino de Libras como segunda língua para ouvintes no Ensino Médio: uma proposta educativa. Os procedimentos metodológicos para este estudo foram iniciados no segundo semestre de 2023, envolvendo levantamento, seleção e a análise de diversas publicações, como dissertações, teses, artigos científicos, legislações, decretos, livros e outros.

Além disso, para iniciar as pesquisas, realizamos um levantamento detalhado das pesquisas acadêmicas sobre o ensino de Libras para ouvintes no Ensino, no Catálogo de Teses e Dissertações – Capes². Nosso objetivo é trazer essa discussão para o contexto científico e contribuir para os estudos voltados ao ensino de Libras para ouvintes no ensino médio. Essa

² A sigla CAPES será mencionada para referenciar o Banco de Portal de Teses e Dissertações de Nível Superior. Disponível em: [Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES](#). Acesso em jan/fev. de 2024.

abordagem permite uma análise crítica e fundamentada, oferecendo contribuições para uma compreensão mais ampla e aprofundada da inclusão da Libras no currículo escolar como segunda língua para ouvintes.

2.2.1 Libras no Ensino Médio - um retrato de pesquisas de mestrado e doutorado no período de 2013 a 2023.

Nesta seção, serão descritos os aspectos que definem o corpus da pesquisa. O foco estará nos procedimentos adotados para a seleção dos documentos e dados utilizados, incluindo a abordagem para sua análise.

Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, constituída por um levantamento de estudos realizado por meio do Catálogo de Teses e Dissertações – Capes. Essas ações não apenas auxiliam na construção de um ambiente escolar justo para todos, mas também visam despertar a consciência acerca da relevância da comunicação entre surdos e ouvintes, consolidando a cultura surda no ambiente escolar. A seleção de pesquisas teve como foco investigações realizadas com a abordagem do ensino de Libras a estudantes ouvintes do ensino médio nos últimos dez anos. A investigação ocorreu no período de janeiro a fevereiro de 2024, e foram encontrados seiscentos e oitenta e três trabalhos publicados. No entanto, a partir de descritores específicos relacionados à temática pesquisada, foram selecionados doze trabalhos publicados.

A pesquisa foi realizada no site da CAPES, no catálogo de Teses e Dissertações, entre janeiro e fevereiro de 2024. Para realizar a pesquisa, cinco descritores foram selecionados e também agrupados: 1º “Libras” AND “Ouvinte”; 2º “Libras” AND “Ensino Médio”; 3º “Libras” AND “Ensino Médio” AND “Ouvintes”; 4º “Libras” AND “Inclusão Social”; 5º “Libras” AND “Segunda Língua” AND “Ouvintes”. Utilizamos filtros específicos para os anos de 2013 a 2023 e para as áreas do conhecimento, como Educação, Ensino, Letras e Linguística.

Na tabela 1, indicamos os descritores selecionados para pesquisa, relacionando-os às publicações dos últimos dez anos (2013 a 2023) e à área do conhecimento.

Tabela 1- Publicações de teses e dissertações ao longo de 10 anos

Descritor	Total da pesquisa	Filtro (2013 até 2023)	Filtro da área do conhecimento	Escolhidos por Proximidade:
“Libras” AND “Ouvinte”	414	235	122	06 dissertações
“Libras” AND “Ensino Médio”	145	105	51	01 dissertação
“Libras” AND “Ensino Médio” AND “Ouvintes”	36	21	06	02 dissertações
“Libras” AND “Inclusão Social”	39	22	09	01 dissertação
“Libras” AND “Segunda Língua” AND “Ouvintes”	49	28	23	02 dissertações
TOTAL	683	411	211	12 dissertações

Fonte: Autora (2025)

Com o objetivo de identificar, por meio de uma seleção de trabalhos guiados por cinco categorias de descritores selecionados e também agrupados, com ênfase nas leituras dos títulos e dos resumos dos trabalhos encontrados, quais seriam os selecionados para a construção do corpus da pesquisa, tendo como foco os trabalhos que mais se aproximaram do objeto de estudo ora apresentado, sendo esses a interação entre o ensino de Libras no ensino médio e o papel da Libras na inclusão social.

A metodologia de inclusão para a seleção dos trabalhos nesta pesquisa e análise consistiu na observação das categorias presentes nas teses ou dissertações, incluindo título, autor, ano de publicação, instituição de publicação, região da instituição, palavras-chave e resumos. Essas informações foram compiladas e referenciadas para facilitar a análise inicial dos trabalhos encontrados e selecionados para compor o corpus da investigação.

Igualmente, nos critérios de exclusão, podemos citar que após a leitura dos 211 trabalhos selecionados, conforme as cinco categorias de descritores, verificando títulos e leitura de resumos, os que não se alinhavam aos descritores e objetivos da pesquisa foram excluídos. Isso garante que apenas os estudos mais relevantes e pertinentes sejam incluídos nesta análise.

Por fim, foi realizada uma triagem que resultou em 12 dissertações, que foram selecionadas para compor o corpus da pesquisa. “O estudo, a análise e o cotejamento dos resultados e das análises que emergem dos trabalhos selecionados ajudam a orientar a construção do nosso modelo de análise e nos inspiram também para a organização de possíveis categorias”. (Morosini; Fernandes, 2014, p. 161)

De acordo com o proposto por Morosini e Fernandes (2014) as 12 dissertações selecionadas foram organizadas por categorias de caráter temático, iniciando pela descrição dos títulos, autoria e ano de publicação, conforme relação abaixo:

Tabela 2. Mapeamento das pesquisas selecionadas por categorias

Categoria 1: Processos Educativos e o Ensino de Libras		
Título	Autor	Ano
Objeto de Aprendizagem Baseado em Redes Sociais para Apoiar o Ensino de Libras a Ouvintes.	Bruno Rafael Ferreira Souza Barbosa da Silva	2016
Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas.	Danielle Vanessa Costa Sousa	2017
Curso de Libras para ouvintes: Uma pesquisa exploratória.	Maria Cecília Villaca Lima	2017
A construção da identidade do ouvinte aprendiz de Libras como segunda língua.	Sergio Ferrera	2019
Língua brasileira de sinais e língua portuguesa no ensino médio: uma proposta de ensino com foco na língua e cultura surda.	Isaias dos Santos Ildebrand	2020
F-Libras: aplicativo móvel como instrumento didático-tecnológico no ensino de conceitos de física em Libras para estudantes surdos e ouvintes que ingressam no ensino médio	Marcela Keyla Heidmann	2021
O ensino da língua brasileira de sinais - Libras - a ouvintes pela perspectiva da abordagem intercultural	Antônia Aparecida Lopes	2022
A ensinagem ativa dialógica para ouvintes de Libras como segunda língua: uma abordagem teórica.	Franciele de Jesus Ferreira Leite	2022
Categoria 2: Educação e Inclusão de Libras		
Título	Autor	Ano
Comunicação em Libras como possibilidade para assistência à saúde: o encontro enfermeiro-paciente surdo do município de Humaitá – AM.	Marcos Serafim dos Santos	2019
Educação e Inclusão: Os resultados de um curso de Libras nas relações comunicativas entre estudantes Surdos e ouvintes.	Marina Santana dos Santos	2019
Pegadas da inclusão: um jogo de tabuleiro digital em Libras para o contexto do ensino médio integrado.	Edivaldo dos Santos Junior	2021
Categoria 3: Proposta Curricular para o Ensino de Libras		
Título	Autor	Ano
Proposta curricular para o ensino de Libras para ouvintes do primeiro segmento do ensino fundamental: um caminho para a inclusão de surdos.	Sara dos Santos Rodrigues	2019

Fonte: Autora (2025)

Na tabela 2, destacamos a presença de 12 dissertações. Observamos que a maior quantidade foi agrupada na categoria denominada de **Processos Educativos e o Ensino de Libras**³ foram identificadas oito (08) dissertações. Ressaltamos que a categoria denominada **Educação e Inclusão de Libras**⁴ contou com a presença de três (03) dissertações, e a categoria **Proposta Curricular para o Ensino de Libras**⁵, com apenas uma (01) dissertação. Sendo

³ Grifo da autora.

⁴ Grifo da autora.

⁵ Grifo da autora.

todas importantes e, assim, possibilitando dados e fontes de informação sobre o tema investigado.

Ao desenvolver a busca, foi possível realizar um levantamento sobre o que tem sido pesquisado no Brasil nos últimos dez anos. Percebemos que ainda são escassos os estudos acerca do ensino de línguas de sinais, sobretudo quando estes se referem à aquisição de Libras para estudantes ouvintes no ensino médio, o que evidencia a importância desta pesquisa para a reflexão e os estudos sobre a temática. Esta análise visa examinar minuciosamente o que está sendo produzido sobre um tema, com o objetivo de identificarmos maneiras de aprimorá-lo continuamente.

2.3 Análise dos trabalhos selecionados

Através da investigação inicial, sem aplicar filtros, a pesquisa resultou em um total de 683 (seiscentos e oitenta e três) trabalhos. Ao aplicar o recorte temporal no período de 2013 a 2023, os resultados foram reduzidos para 411 (quatrocentos e onze) trabalhos. Contudo, ao aplicar o filtro na área do conhecimento e selecionar as áreas de Educação, Ensino, Letras e Linguística, chegamos ao resultado de 211 (duzentos e onze) pesquisas. Essa busca ampla teve como objetivo capturar um panorama completo das pesquisas relacionadas ao tema, utilizando os descritores pré-definidos, dos quais, após uma seleção criteriosa, resultaram 12 (doze) dissertações, culminando na organização de três categorias que abordarão as pesquisas selecionadas, auxiliando nos estudos e iniciando a elaboração da análise dos dados dessas pesquisas, agrupadas por categorias, conforme exemplo do organograma abaixo.

Figura 01. Organograma com os resultados encontrados durante a triagem culminando na organização das três categorias.



O organograma apresenta uma visão geral da pesquisa, destacando os dados quantitativos e as categorias temáticas. A partir da busca realizada, iniciamos um processo de seleção e análise das produções. Em seguida, foi realizada a leitura dos títulos e resumo dos trabalhos, para que posteriormente fosse feita a leitura na íntegra. Dos cinco descritores pesquisados, selecionados e agrupados, propomos três categorias: Processos Educativos e o Ensino de Libras, Educação e Inclusão de Libras e Proposta Curricular para o Ensino de Libras.

A análise terá início com a categoria 1: Processos Educativos e o Ensino de Libras, na qual foram selecionadas oito dissertações de mestrado sobre o assunto. Serão debatidos diversos aspectos e objetivos relacionados aos processos educativos e ao ensino de Libras.

2.3.1 Enfoque de estudos sobre categoria 1: Processos Educativos e o Ensino de Libras

A partir da oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras pela Lei nº 10.436 de abril de 2002, e do Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, os direitos dos surdos na escola regular foram significativamente ampliados. Essas medidas representam um marco inicial importante na promoção da inclusão e acessibilidade para os surdos nas escolas. A contratação de intérpretes especializados, a implantação de escolas bilíngues e a possibilidade de os ouvintes aprenderem Libras são passos cruciais para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizado. Essas iniciativas não apenas facilitam a comunicação e o acesso à educação para os surdos, mas também promovem uma cultura de diversidade e respeito mútuo dentro das instituições de ensino.

Silva (2016) apresenta, em seus estudos, um objeto de aprendizagem baseado em redes sociais para apoiar o ensino de Libras a ouvintes, visando facilitar o aprendizado da Libras e diminuir a exclusão social existente entre as duas comunidades. O objetivo da pesquisa foi auxiliar no processo de aquisição de conceitos básicos da Libras por parte de aprendizes ouvintes. Para isso, foi desenvolvido um objeto de aprendizagem que integra o tradutor português-Libras, o F-Libras, com a rede social de mensagens Telegram (Silva, 2016, p. 13).

Conforme o autor foi realizado um experimento avaliativo com 30 voluntários ouvintes que interagem frequentemente com pessoas surdas, sendo 14 conhecedores de Libras e 16 que afirmaram não conhecê-la. Os resultados ressaltam a importância da ferramenta proposta para estimular o contato com a língua de sinais, promovendo benefícios na assimilação de novos sinais, bem como no aprendizado e prática dos sinais já conhecidos. Dessa forma, conforme os resultados analisados, o objetivo principal do trabalho foi atingido (Silva, 2016, p. 69).

Dando continuidade, destacamos a pesquisa Heidmann (2021), o estudo se baseia em um aplicativo móvel chamado F-Libras. O aplicativo móvel foi utilizado como instrumento didático-tecnológico no ensino de conceitos de física em Libras para estudantes surdos e ouvintes que ingressam no ensino.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos, que averiguam a viabilidade do aplicativo por meio de um levantamento de referências sobre os trabalhos e aplicativos existentes de Física em Libras. Também destaca a importância da visão dos participantes da pesquisa sobre a Educação Inclusiva para surdos. Outro ponto é abordar a forma de condução dos conteúdos do Livro Didático (LD) e a reflexão dos aspectos espaço-visuais envolvidos na tradução de materiais em Libras, empreendida na área de conhecimentos da Física do primeiro ano do Ensino Médio. Após, foram compiladas as informações sobre a criação e desenvolvimento do aplicativo “F-Libras”, descrevendo procedimentos, características e linguagem de programação utilizados até sua produção final. O autor apresenta os resultados finais sobre a aplicabilidade e usabilidade do protótipo, por meio da avaliação de professores que ministram o componente de Física e TILS.

Por fim, Heidmann ressalta que os resultados da análise indicam o aplicativo didático-tecnológico F-Libras é inovador, moderno, de fácil manuseio e instalação. O autor relata ainda que espera que esse estudo possa contribuir e inspirar novas produções de instrumentos didático-tecnológicos em diferentes etapas e áreas de ensino, envolvendo uma Educação Inclusiva de qualidade que contemple tanto ouvintes quanto surdos.

Os textos desses autores, em geral, abordam a importância da utilização de recursos tecnológicos no ensino e aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, visando promover a inclusão social e facilitar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Em ambos os estudos, foram desenvolvidos aplicativos móveis.

Já Sousa (2017) debate o tema “Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas”. O trabalho visou tornar vivo o projeto “Libras na Creche” e tinha entre os seus principais objetivos a realização de atividades lúdicas envolvendo professores surdos e a Libras em instituições de educação infantil. A finalidade da pesquisa foi introduzir e aprimorar o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes na educação infantil.

Conforme Sousa, as atividades lúdicas em Libras já estavam sendo realizadas por uma equipe de professores e estudantes da UFSC, junto ao Centro de Educação Infantil (CEI). No entanto, sua pesquisa acabou sendo desenvolvida com duas colaboradoras: uma das professoras efetivas da escola e uma estudante surda do Curso de Letras-Libras.

A autora destacou, em sua pesquisa, um dado importante referente à aprendizagem de uma segunda língua.

Em relação à aprendizagem de uma L2, destacamos aqui, a importância do ensino de uma L2, ocorrer a partir de uma perspectiva aditiva, isto é, sem distinções sociais ou de status entre as línguas envolvidas, sendo ambas valorizadas no contexto de ensino, ou seja, a aprendizagem da L2 acontece sem nenhuma perda da primeira língua, com resultados positivos, podendo ser a L2 a língua portuguesa para surdos, como também a Libras para os ouvintes, destaque desta pesquisa. (Costa Sousa, 2017, p.49).

É importante notar que as três dissertações abordam a relevância do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras em contextos educativos, embora com abordagens e focos distintos. Notamos que os três estudos reconhecem a importância de uma abordagem pedagógica, interativa e lúdica no processo de ensino da Libras, pois, ao aprender Libras, os ouvintes contribuem para a quebra de barreiras linguísticas, promovendo a igualdade de oportunidades. Isso é particularmente relevante em ambientes educacionais, sociais e profissionais.

Lima (2017), em sua pesquisa, Curso de Libras para ouvintes. Uma pesquisa exploratória buscou compreender a prática pedagógica desenvolvida por um professor surdo durante um curso de Libras ofertado a alunos ouvintes. O estudo, de natureza exploratória, propôs-se a analisar as atividades desenvolvidas em um Curso Básico. A pesquisadora afirma que o método comunicativo, indicado por Gesser (2010), é o mais adequado para o processo de ensino-aprendizagem da Libras.

A pesquisa conclui que, ao analisar as diferenças na comunicação entre surdos e ouvintes, verifica-se que, para o professor surdo do Curso Básico de Libras pesquisado, tais diferenças não devem ser constituídas como impedimentos no aprendizado ou na interação das pessoas, pelo contrário, ele ressalta tais distinções como ponto de partida primordial a ser trabalhado no sentido de alcançar um desenvolvimento educacional inclusivo equilibrado e qualitativo que poderá refletir de forma positiva na vida escolar e social do aluno (Lima, 2017, p.42).

Nos dados analisados, frente à pesquisa, é preciso destacar que o professor surdo enfatiza as diferenças na comunicação entre surdos e ouvintes como elementos fundamentais para um desenvolvimento educacional inclusivo e de qualidade. Em vez de encarar essas diferenças como obstáculos, ele as reconhece como pontos de partida para promover uma interação mais eficaz e uma educação mais equilibrada, o que pode ter impactos positivos tanto na vida escolar quanto na vida social dos alunos.

Segundo Ferrera (2019), em sua pesquisa, a construção da identidade do ouvinte aprendiz de Libras, como segunda língua, tem como objetivo investigar a formação da identidade dos ouvintes aprendizes de Libras como L2 em um curso de licenciatura em Letras Libras de uma universidade pública paranaense.

Com base na pesquisa, o autor pretende responder às seguintes perguntas: 1- Como se constitui o investimento de diferentes alunos ouvintes em uma turma do curso de Letras Libras em relação ao aprendizado da Língua Brasileira de Sinais como L2? 2- Quais comunidades esses participantes imaginam, desejam ou projetam fazer parte? 3- Como se constitui a identidade dos aprendizes ouvintes dentro e fora da sala de aula, a partir de ferramentas conceituais fornecidas pela noção de comunidade de prática? (Ferreira, 2019, p. 15)

Participaram voluntariamente da pesquisa 10 pessoas, sendo quatro acadêmicas, quatro acadêmicos, um professor surdo e uma professora ouvinte.

Em análise, cito duas outras pesquisas que tratam do ensino de Libras em cursos de licenciatura, em recortes temporais que abrangem um intervalo mínimo de tempo entre ambas 2011 e 2013.

Em sua pesquisa sobre a disciplina de Libras na licenciatura, Andrade (2013, p. 46) considerou que:

O certo é que a disciplina provocou reflexões nos estudantes, os quais estão passando por um processo de construção de aprendizagem. Ter outro olhar sobre as diferenças linguísticas e culturais do mundo surdo requer ter uma nova visão sobre esse alunado. Envolve perceber que ele tem direitos, que merece respeito, atenção e consideração dentro de suas especificidades.

Ocorre que, na fala das autoras Vieira Machado e Lirio, ambas afirmam que o contato e a experiência com essa disciplina funcionam como um ponto de partida para abrir caminho a uma prática pedagógica diferenciada.

E se a experiência é a abertura para o desconhecido, o novo, o contato com a LIBRAS no aprendizado e na construção da formação dos professores, torna-se talvez o ponto de partida para a propagação das mudanças que venham ocorrer nesta área, já que estes espaços que dão os pontapés iniciais para o desenvolvimento das práticas bilíngues. (Vieira Machado; Lirio, 2011, p. 99).

Nesse sentido, as autoras destacam que a disciplina desperta reflexões nos estudantes, que estão em processo de construção de aprendizagem, e argumentam que o contato com a língua de sinais é um ponto de partida para uma prática pedagógica diferenciada. A experiência com a Língua Brasileira de Sinais - Libras durante a formação dos professores é vista como um

incentivo para as mudanças necessárias, sendo considerada o ponto de partida para o desenvolvimento de práticas bilíngues e para a propagação de mudanças significativas no ensino e na inclusão dos sujeitos.

No contexto educacional, Ildebrand (2020), em sua dissertação **Língua brasileira de sinais e língua portuguesa no ensino médio: uma proposta de ensino com foco na língua e cultura surda**⁶ destaca a necessidade de problematizar e entender formas de como oportunizar o contato da Libras na escola de ouvintes. A pesquisa, concebida como uma ação colaborativa visa promover o conhecimento dos alunos ouvintes sobre a Libras e a comunidade surda. A proposta inclui práticas de leitura, escrita e interações bimodais, combinando a língua portuguesa (oral-auditiva) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo é desenvolver habilidades e competências específicas a partir do aprendizado dessa língua viso-espacial. A pesquisa foi realizada com alunos do 3º ano do Ensino Médio Politécnico.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece e assegura nos itinerários formativos:

[...] conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2019, p. 477).

É importante que a Língua Brasileira de Sinais seja um meio de comunicação na escola entre todos os participantes do processo.

A pesquisadora Lopes (2022) aponta que as pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras começam a ganhar força quando a língua passa a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda pela Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto nº. 5626/2005. No entanto, a maior parte dos estudos está direcionada à aquisição da língua pelos surdos, com um percentual bastante reduzido de pesquisas voltadas ao ensino da Libras para ouvintes. Por essa razão, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: Quais seriam as contribuições didático-metodológicas da abordagem intercultural para o ensino de Libras a ouvintes adultos iniciantes? (LOPES, 2022).

Este estudo terá como fonte de dados os documentos sobre a prática cotidiana. Por essa razão, a autora apresenta um conjunto de atividades que permite concretizar essas contribuições para o ensino de Libras pela abordagem intercultural.

⁶ Grifo da autora.

Durante o percurso desta pesquisa, fica evidente que a interculturalidade desempenha um papel crucial na transformação do ambiente escolar. Esta abordagem exerce uma influência significativa na luta contra o preconceito linguístico, permitindo superar obstáculos na comunicação e promovendo a valorização da identidade dos sujeitos como integrantes de uma cultura viso-espacial. Além disso, busca-se sensibilizar os ouvintes para as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos surdos, estimulando, assim, o desenvolvimento de uma postura mais tolerante diante das diversas diferenças existentes entre os grupos sociais.

A partir das investigações de Leite (2022), que buscou identificar possibilidades de ensinagem, por meio de uma breve análise de três vídeos disponíveis no YouTube, e com base neles, identificar elementos que indicam a dialogia na ensinagem de Libras como segunda língua para ouvintes.

Leite (2022) enfatiza que, se torna indispensável pensar em elementos cuja função seja contribuir com a ensinagem de Libras para ouvintes como segunda língua, ou seja, estabelecer relações entre a perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo, com as inovadoras metodologias ativas, tendo como objetivo apontar os possíveis privilégios que essa metodologia de ensino pode abarcar dentro das aulas de Libras para ouvintes.

A pesquisadora buscou estratégias e interação com as redes sociais por meio de elementos tecnológicos e digitais para diminuir barreiras e estimular a aprendizagem no ensino de Libras, proporcionando o aprendizado por meio de metodologias ativas.

O estudo de Leite (2020) aborda o ensino-aprendizagem de línguas com o objetivo de estabelecer uma concepção acerca de linguagem e língua, além de compreender as terminologias. Também pesquisa os pressupostos bakhtinianos, a terminologia ensinagem de Anastasiou (1998) e as metodologias ativas, com o propósito de construir um arcabouço teórico-metodológico para o ensino de Libras como segunda língua para ouvintes. A autora finaliza apresentando três vídeos selecionados com fins didáticos, que servem de base às propostas de ensinagem, cuja elaboração se fundamenta nas estratégias de metodologias ativas.

Nesse sentido, Filatro e Loureiro (2020) ressaltam a importância das tecnologias no cenário educacional, contribuindo para a colaboração, a criatividade e a produtividade.

Para finalizar, a pesquisa aponta como resultados que a ensinagem precisa seguir o caminho de ser ativa e dialógica. Enfatiza que elaborou e apresentou três possíveis estratégias para serem trabalhadas em sala de aula de Libras como segunda língua para ouvintes: a aprendizagem baseada em projetos para rotinas diárias, o jogo da memória para rotinas matinais e o uso do arco de Magueréz para abordar pronomes interrogativos.

Por conseguinte, a tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa na educação, mas seu impacto depende muito de como é aplicada pelos professores. Ter estratégias e metodologias eficazes é fundamental para aproveitar ao máximo o potencial das ferramentas digitais.

Ao finalizar o enfoque, podemos notar que a quantidade de trabalhos acadêmicos referentes aos descritores pesquisados na primeira categorização é pequena, o que reforça a existência de uma possível lacuna em estudos sobre processos educativos e o ensino de Libras para estudantes ouvintes.

Esse dado demonstra como ainda é baixa a elaboração de pesquisas sobre ensino de Libras para ouvintes. Isso pode ocorrer, pois muitas pessoas ouvintes podem não estar cientes da importância do ensino e da aprendizagem da Libras, de modo geral, para suas vidas pessoais e profissionais, e o campo das pesquisas também reflete esse menor interesse pelo tema.

No próximo enfoque, analisar-se-ão os estudos sobre a categoria 2: Educação e Inclusão de Libras, onde foram selecionadas duas dissertações de mestrado; essas pesquisas serão analisadas e discutidas juntamente com outros autores selecionados para compor este texto.

2.3.2 Enfoque de estudos sobre categoria 2: Educação e Inclusão de Libras

Para iniciar os estudos da categoria, é necessário analisar que a inclusão de Libras no processo social visa contribuir para a valorização da diversidade linguística, reconhecendo a Libras como uma língua legítima destacando sua importância na construção da identidade cultural surda, bem como contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e igualitária.

No que diz respeito à Libras como Inclusão Social, segundo Santos (2019), em sua dissertação intitulada Comunicação em Libras como possibilidade para assistência à saúde: o encontro enfermeiro-paciente surdo do município de Humaitá – AM onde trabalhou visou analisar como ocorre o processo de comunicação no atendimento entre enfermeiro e a pessoa surda e com deficiência auditiva, no hospital estadual de Humaitá.

Santos, o trabalho nasceu da necessidade de investigar os reflexos da comunicação imprópria entre os surdos e deficientes auditivos com o enfermeiro, abordando que a ausência da utilização ou utilização inadequada da Libras na comunicação entre enfermeiro e Surdo afeta o vínculo entre eles? Gera no surdo algum sentimento negativo? A comunicação pode ser prejudicada quando o profissional não tem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, atingindo o vínculo das pessoas nela envolvidas e a qualidade da assistência prestada?

A pesquisa aponta que é preciso um olhar com maior profundidade pensando na disciplina de Língua de Sinais na formação dos profissionais de saúde como um todo, já que a comunicação é altamente relevante no exercício de sua profissão. (Santos, 2019, p.35)

Conforme o estudo argumenta o enfermeiro, é dever estar qualificado para acolher e atender a todos os usuários que buscam os serviços de saúde sem nenhum tipo de exclusão [...]. Ao atender um paciente com surdez o enfermeiro fica exposto a muitas dificuldades em se tratando da compreensão da mensagem transmitida pelo surdo, sentem também dificuldades para passar informações e orientações a eles. Sendo que usam várias estratégias de comunicação como, por exemplo: mímica, escrita em Língua Portuguesa, que não possibilita uma assistência à saúde do surdo de maneira correta e eficaz.

Ocorre que é importante ressaltar a relevância da comunicação para a eficácia dos serviços prestados pelos profissionais da saúde, os autores citados abaixo enfatizam.

[...] a linguagem não verbal é um recurso de comunicação que precisa ser conhecido e valorizado na prática das ações em saúde. Mesmo que não se conheça a língua de sinais, é fundamental interpretar seus aspectos suprasegmentais que incluem gestos, expressões faciais e corporais (Chaveiro; Porto; Barbosa, 2009, p. 148).

Quando a comunicação com pacientes surdos não é realizada em Libras, é comum que eles se sintam inseguros, desconfiados e, muitas vezes, amedrontados durante os momentos de atendimento.

Uma das opções é ser acompanhado por um intérprete, porém ao ser acompanhado por um intérprete da Libras não resolve todas as barreiras de comunicação entre o paciente surdo e os profissionais de saúde, nem elimina todos os possíveis constrangimentos relacionados a informações confidenciais de cada paciente.

É preciso que o enfermeiro tenha conhecimento das necessidades básicas do paciente com surdez, sua cultura como ele vê e interage com o mundo e também da Língua Brasileira de Sinais aplicada à sua área de atuação. (Santos, 2019)

Para finalizar, confirmou a necessidade da formação continuada para enfermeiros e que estas formações sejam pensadas na utilização da Libras. Conclui enfatizando, o aprendizado e a materialidade da Libras no ambiente de saúde é a real maneira de inclusão do surdo.

Pelo estudo, Santos argumenta e reforça a importância de uma comunicação efetiva na língua brasileira de sinais. Em primeiro lugar, enfatiza a importância de os profissionais da saúde realizarem formação tendo acesso à disciplina de Língua Brasileira de Sinais, uma vez que devem atender todos os usuários que buscam os serviços de saúde sem nenhum tipo de

exclusão. Em segundo lugar, reforça que várias estratégias são utilizadas para que ocorra a comunicação, enfatizando sua preocupação a não possibilidade de um atendimento eficaz e coerente pela falta de entendimento na comunicação entre ambos. Para finalizar volta a reafirmar a necessidade de formação continuada no ensino de Libras.

Outra pesquisa amplamente citada sobre o estudo EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: Os resultados de um curso de Libras nas relações comunicativas entre estudantes surdos e ouvintes é a de Santos (2019). A dissertação aborda a urgência de preparar os estudantes ouvintes para acolherem os estudantes surdos para convivência no espaço escolar. O objetivo da pesquisa foi identificar quais os efeitos de um curso básico de Libras nas relações comunicativas entre surdos e ouvintes e, conseqüentemente, no processo de inclusão escolar.

No que diz respeito aos questionamentos da pesquisa, Santos (2019, p.20) analisa os seguintes pontos: em que medida é possível desenvolver no espaço escolar relações comunicativas entre surdos e ouvintes, por meio do ensino de Libras, e como isso pode melhorar os aspectos relacionados à inclusão escolar dos Surdos? Quais resultados podem ser trazidos para o processo de inclusão escolar com a vivência linguística no ambiente escolar, se os ouvintes aprenderem o básico da Língua de Sinais para se comunicarem com o aluno Surdo?

Enfatizando em seus argumentos que a escola precisa fornecer alternativas que possam capacitar os alunos para uma autonomia comunicativa em, não somente com o auxílio do intérprete, para tanto o ensino de Libras é uma alternativa importante, propiciando aos estudantes surdos e ouvintes uma comunicação efetiva no espaço escolar.

A autora sustenta que, embora o intérprete de Libras seja um mediador crucial na comunicação entre profissionais da educação, alunos ouvintes e alunos surdos, contar apenas com essa mediação não garante uma inclusão social, ela fomenta a importância dos alunos reconhecer o ensino de Libras possibilitando desta forma um impacto educacional para ambos os grupos, ouvintes e surdos, promovendo a ampliação do conhecimento em Libras, da aceitação e valorização da inclusão e da acessibilidade para todas as pessoas em diferentes contextos, como educação, trabalho e vida social.

Na análise do pesquisador Junior (2021), no estudo da inclusão com base em um jogo de tabuleiro digital em Libras para o contexto do ensino médio integrado, enfatiza que o objetivo da pesquisa é criar um jogo digital que possibilite o desenvolvimento de habilidades linguísticas relacionadas à língua brasileira de sinais no contexto do ensino médio integrado com vistas à inclusão de discentes surdos.

Em suma, de acordo com Nascimento (2008), essa prática permite não apenas a aprendizagem da língua, mas a socialização de ideias que proporcionam uma real necessidade de comunicação.

Nesse contexto, [...] faz-se necessário verificar qual papel a Libras tem ocupado nos ambiente de ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO, Câmpus Palmas, especialmente no que tange ao processo de ensino-aprendizado de discentes surdos, identificando lacunas existentes na relação político-pedagógica entre o aluno surdo para com seus colegas de classe e professores, buscando contribuir para que o surdo seja visto como diferente e não como deficiente, fomentando o ensino bilíngue dentro de escolas inclusivas. (Junior, 2021, p. 20).

Usar jogos na aula [...] pode significar uma saída do aquário e uma visita ao mar aberto. Não é possível prever que situações específicas ocorrerão, e o que será dito. Abrir as portas para o jogo representa também abrir as portas para o imprevisível. Mas é uma chance única de promover o contato entre o aprendiz e a língua estrangeira de maneira direta, autêntica e relevante. (Nascimento, 2008, p.155).

Percebe-se diante da observação, que a autora também ressalta a importância da criação de momentos significativos que auxiliam na formação dos participantes do jogo. Ao enfrentarem situações novas que envolvem uma língua diferente da sua, os aprendizes experimentam novas sensações de alegria, nostalgia, incertezas, medo, angústia, estranhamento em relação ao idioma que estão aprendendo, além de vivenciarem experiências interculturais. Esse processo de aprendizado promove o desenvolvimento de novas atitudes e valores por parte dos aprendizes.

Na análise dos dados, o autor finaliza enfatizando que o jogo Pegadas da Inclusão: um jogo de tabuleiro digital em Libras (PDI), contribuindo com a efetiva inclusão de surdos nos espaços escolarizados.

Concluindo essa abordagem dos estudos sobre educação e inclusão da Libras, é crucial explorar alternativas para tornar viável uma proposta de ensino que ressalte a importância do aprendizado dessa língua. Isso implica fomentar a comunicação e a interação entre ouvintes e surdos não apenas no ambiente escolar, mas também em todos os âmbitos da sociedade.

Por finalizar as discussões do enfoque de estudos da categoria 3: Proposta Curricular para o Ensino de Libras, sendo selecionada uma dissertação de mestrado.

2.3.3 Enfoque de estudos sobre categoria 3: Proposta Curricular para o Ensino de Libras

Em relação à última categorização a ser analisada, representa um desafio educacional significativo. Pois requer uma reorganização do ambiente escolar e das práticas pedagógicas, uma reestruturação nas atividades cotidianas das instituições de ensino. Essa reorganização curricular busca criar um ambiente propício para o desenvolvimento das potencialidades dos profissionais da educação e estudantes ouvintes e surdos.

Em relação à pesquisa de Rodrigues (2019), Proposta curricular para o ensino de Libras para ouvintes do primeiro segmento do ensino fundamental: um caminho para a inclusão de surdos buscou analisar como criar mecanismos de interações linguísticas entre surdos e ouvintes nas escolas regulares inclusivas. No entanto, enfatiza que há limitações, pois foram apontadas lacunas na organização da proposta inclusiva para surdos que os levaram a fundamentar a importância do ensino de Libras para crianças ouvintes.

A investigação foi realizada a partir do objetivo de criar um documento que possa servir como Proposta Curricular da Disciplina de Libras para alunos ouvintes, matriculados no primeiro segmento do Ensino Fundamental em escolas regulares inclusivas. A autora enfatiza que surgiram vários questionamentos que influenciaram a produção do presente trabalho tais como, “Quais são as contradições existentes entre a teoria e a prática no processo de inclusão escolar de alunos Surdos? As crianças Surdas têm sido favorecidas socialmente, linguisticamente e cognitivamente nesse processo? Os professores e/ou escolas recebem estrutura adequada para garantir um ambiente propício à aprendizagem? Se os alunos ouvintes também souberem Libras, as diferenças serão minimizadas? Haverá maior entrosamento entre os grupos de alunos surdos e ouvintes?” (Rodrigues, 2019, p.15).

Destaca Roa (2020) que a ideia central é a de fazer a inclusão ao contrário, começando com as crianças ouvintes aprendendo a ver o seu par diferente como outro igual, na certeza de que, quanto antes tenha contato com ele, menos teremos que falar de inclusão no futuro.

Baseada nesses mesmos questionamentos Rodrigues (2019) propõe repensar a inclusão escolar de alunos surdos em escolas regulares sob uma nova perspectiva: lançar um olhar sobre o que se pode proporcionar ao aluno ouvinte, com o objetivo de minimizar os entraves existentes no processo de inclusão escolar de alunos Surdos, tais como as barreiras comunicacionais que envolvem o relacionamento e o envolvimento social dos indivíduos, favorecendo o desenvolvimento linguístico, social e garantias de direitos igualitários a todos.

Como parte das conclusões finais do trabalho a autora escreve:

[...] Confirmamos também que o ensino de LIBRAS para alunos ouvintes pode ser uma maneira de diminuir as barreiras comunicacionais existentes no ambiente escolar favorecendo uma educação acessível que beneficie todos. [...] Confirmamos também

que o ensino de LIBRAS para alunos ouvintes pode ser uma maneira de diminuir as barreiras comunicacionais existentes no ambiente escolar favorecendo uma educação acessível que beneficie todos. (Rodrigues, 2019, p. 91/93).

Quanto mais cedo o aprendizado se iniciar, maiores serão os resultados e benefícios, como a ampliação do conhecimento, o contato com uma nova língua, o respeito pela cultura do outro e a aceitação mútua.

Ao finalizar as buscas e análises, é possível verificar que nenhum trabalho contempla em sua totalidade o objetivo desta pesquisa. Podemos inferir que esse levantamento foi de grande importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois permitiu traçar um panorama e refletir acerca de cada dissertação selecionada, ficando evidente a falta de pesquisas sobre o tema em debate. A ausência de pesquisas faz com que refletimos sobre a desvalorização da língua brasileira de sinais para comunidade ouvinte e surda, bem como os possíveis desafios a serem enfrentados na busca de uma efetiva implementação curricular, ou de programas de ensino de Libras para ouvintes.

Todavia, essa lacuna também representa uma oportunidade para pesquisadores investigarem novas abordagens no ensino e aprendizado de Libras para estudantes ouvintes. Apesar dos avanços em pesquisas que sustentam a importância da Libras no âmbito da educação de surdos, o Brasil ainda carece de estudos que fundamentam o ensino e a aprendizagem da Libras para estudantes ouvintes no contexto da sala de aula no ensino médio.

Outrossim, os autores citados buscam concentrar esforços em ações com iniciativas que promovam a inclusão e valorização da Libras nas escolas, enriquecendo o currículo escolar e promovendo a interação entre surdos e ouvintes. Essas iniciativas buscam promover a comunicação e a integração social, o respeito e a compreensão das diferenças culturais e ampliar a visibilidade e a aceitação da Libras, e essas ações contribuem para a quebra de preconceitos e barreiras linguísticas, preparando os alunos para uma convivência em sociedade. Por fim, a valorização da Libras nas instituições de ensino também pode inspirar novas pesquisas e práticas pedagógicas inovadoras, fortalecendo o campo acadêmico e promovendo avanços significativos na educação inclusiva.

Cabe analisar que a proposta da pesquisa desta dissertação é o foco na Língua Brasileira de Sinais - Libras para ouvintes no ensino médio: uma proposta de ensino e aprendizagem de Libras como segunda língua para não-surdos também busca problematizar como desenvolver uma proposta de ensino e aprendizagem de Libras que seja eficaz para estudantes ouvintes, promovendo a inclusão, a aquisição de competências linguísticas e a compreensão cultural, atendendo às necessidades educacionais e sociais de ambos os grupos. Desse modo, entendemos

que a pesquisa aqui proposta se diferencia das pesquisas apresentadas no estado do conhecimento, em primeiro lugar, pela abrangência do tema, tendo em vista que se propõe a algo novo.

Sobretudo, vale mencionar que o nosso programa de pós-graduação - PPG desempenha um papel essencial no avanço das pesquisas sobre Libras e no desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino da Língua Brasileira de Sinais para ouvintes oportunizando pesquisas como esta. Um dos fatos a serem mencionados é que o PPGDU capacita pesquisadores para investigar questões que incluem o treinamento em metodologias de pesquisa, análise de dados e produção de conhecimento acadêmico. Os pesquisadores em programas de pós-graduação, também realizam estudos que contribuem para a compreensão dos desafios e das melhores práticas, sendo que suas pesquisas podem abordar questões linguísticas, pedagógicas, culturais e de acessibilidade. Mas, notadamente, através destas oportunidades surgem novas abordagens, técnicas e recursos para o ensino de Libras para ouvintes, que incluem o desenvolvimento de currículos, materiais didáticos e ferramentas de ensino inovadoras.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As pesquisas sobre o ensino de Libras para ouvintes encontram amparo em diversas abordagens teóricas e legais. A Lei nº 10.436/02 e o Decreto nº 5.626/05 representam marcos normativos fundamentais que asseguram o reconhecimento e a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio legítimo de comunicação para a comunidade surda no Brasil. A partir dessas bases legais, estudos como os de Brito (1995; 1998), Skliar (1998), Felipe (2007), Gesser (2009), Quadros (2012) e Frydrych (2013) oferecem um olhar atento sobre a evolução e os desafios do ensino de Libras, destacando a importância de sua inclusão como disciplina no currículo escolar. Esses autores não apenas exploram a importância da Libras para a inclusão social dos surdos, mas também defendem seu valor para a formação de uma sociedade bilíngue, onde ouvintes e surdos possam interagir de maneira efetiva e inclusiva.

3.1 Raízes e evolução: breve história da Língua Brasileira de Sinais

Ao revisitar a história da educação de surdos, percebemos que essa trajetória foi repleta de diversas iniciativas e tendências. Essas experiências nos oferecem uma compreensão das atuais abordagens educacionais, bem como das percepções sobre a surdez, a língua e a linguagem nas escolas e na sociedade em geral. Portanto, começamos o capítulo apresentando

um resumo sobre as narrativas da surdez, baseado na concepção ouvinte frente à história da surdez no mundo.

Para tanto sua história é marcada por conflitos, sofrimento, perseguições, decepções, torturas e até mesmo mutilações e inúmeras mortes, em um período longo e intenso, e ao mesmo tempo foi marcada por um período de inclusão. A seguir, discutiremos alguns eventos históricos para que possamos compreender como a língua de sinais se desenvolveu desde a antiguidade até os dias atuais.

Na Idade Antiga, por volta de 4.000 a.C., Nascimento faz referência ao professor surdo francês Berthier, que destaca:

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infeliz criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar" (Berthier, 1984, p.165 *apud* Nascimento, 2006, p. 165).

Contudo no Egito, segundo as antigas leis judaicas, os surdos eram vistos como criaturas privilegiadas e adorados como mediadores entre os deuses e os faraós, gerando um forte respeito e proteção da população. Apesar de serem considerados sagrados, os surdos levavam uma vida inativa e não recebiam educação.

Na Antiguidade, os sujeitos surdos eram vistos de forma ambivalente, experimentando tanto a inclusão quanto a exclusão. Embora muitas vezes fossem considerados privilegiados ou dotados de habilidades especiais, como mediadores entre os deuses e os faraós, também eram frequentemente marginalizados e excluídos da vida ativa da sociedade. Essa complexidade nas percepções e tratamentos dos surdos refletia as dinâmicas sociais da época.

No entanto em Roma 485 - 420 a.C. Strobel (2009) expõem que, não perdoavam os surdos porque achavam que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas, a questão era resolvida por abandono ou com a eliminação física – jogavam os surdos no rio Tiber. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam sobreviver, ou aqueles cujos pais os escondiam, mas era muito raro – e também faziam os surdos de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrando a manivela.

Assim Veloso e Filho (2009) evidenciam que na Grécia os surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isso eram “condenados à morte – lançados abaixo do topo dos rochedos de Taygète, nas águas de Barathere – e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados”.

Em certa ocasião, por volta de 469 a.C., o filósofo Sócrates teve uma conversa com seu discípulo Hermógenes. Durante esse diálogo, o filósofo questionou o aprendiz: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, 368 a.C. apud Veloso; Filho, 2009, p. 27).

Podemos notar que o filósofo já se referia ao que hoje denominamos de parâmetros da língua, como a configuração manual e a expressão não manual.

Apesar das várias contribuições do filósofo Sócrates, por volta de 384 a.C., Aristóteles (384-322 a.C.) desconsiderou todas as oportunidades de comunicação dos surdos, uma vez que, segundo sua perspectiva, acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “[...] de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento [...], portanto, os nascidos surdos-mudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão” (Strobel, 2009, p. 18), ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.

Ao relatarmos o que aconteceu na Idade Média, que se estendeu de 476 d.C. a 1453, nada mudou a percepção dos surdos não era diferente. Eles continuavam a serem considerados figuras estranhas e objetos de curiosidade pela sociedade, que ainda não lhes concedia um tratamento digno. Em um dos episódios mais horrendos documentados, muitos surdos foram submetidos a crueldades extremas, incluindo serem queimados em fogueiras, sendo estas as últimas maldades relatadas.

“Nesta época existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos”, conforme afirma Strobel (2009, p. 19). Estes direitos eram negados a todas as pessoas com deficiência, mulheres e pessoas sem posses, portanto, os surdos eram excluídos da sociedade, apenas os surdos de família nobres tinham maior atenção, apesar de crescerem escondidos da sociedade em geral.

Durante a Idade Moderna, surgiram novos cenários para os indivíduos surdos, com ênfase na surdez na Europa, onde se concentram muitos registros e investigações, principalmente na área médica. Em diversos momentos, os surdos foram marginalizados e considerados não educáveis, enquanto em outros, começaram a receber esforços assistenciais e instrucionais. Assim, começaram as tentativas efetivas de comunicação com os sujeitos surdos.

Girolamo Cardano (1501-1576) médico filósofo reconhecia a habilidade do surdo para a razão, afirmava que “[...] a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita [...], e que era um

crime não instruir um surdo-mudo” (Nascimento, 2006, p. 185). Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.

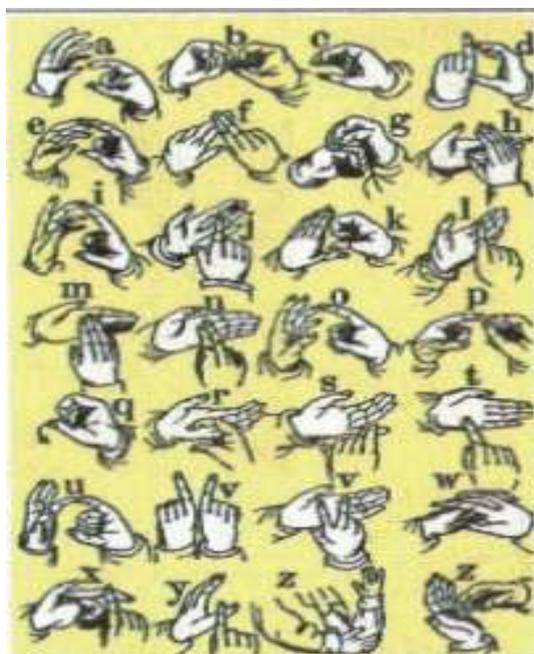
Figura 02 - Girolamo Cardano



Fonte: Veloso e Filho (2009, p. 29).

Segundo Veloso e Filho (2009), o Monge franciscano Mechor Sánchez de Yebra (1526-1586), de Madrid, foi o primeiro a escrever um livro chamado “Refugion Infirmorum”, que descreve e ilustra o alfabeto manual da época, publicado sete anos após a morte dele.

Figura 03 - Alfabeto Manual



Fonte: Veloso e Filho (2009, p. 29).

Observamos a evolução da reprodução da imagem pela posição das letras, que transmite a ideia e movimento de cada letra do Alfabeto Manual.

Goldfeld (2001) salienta que, no século XVI, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584) estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid. Ele desenvolveu uma metodologia de educação para crianças surdas que incluía datilologia, escrita e oralização. Segundo Luchese (2016), inicialmente ensinava latim, grego, italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis.

Strobel (2009), na Espanha, Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação de outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, por meio de sinais, treinamento da fala e uso do alfabeto datilológico. O sucesso foi tanto que ele foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”.

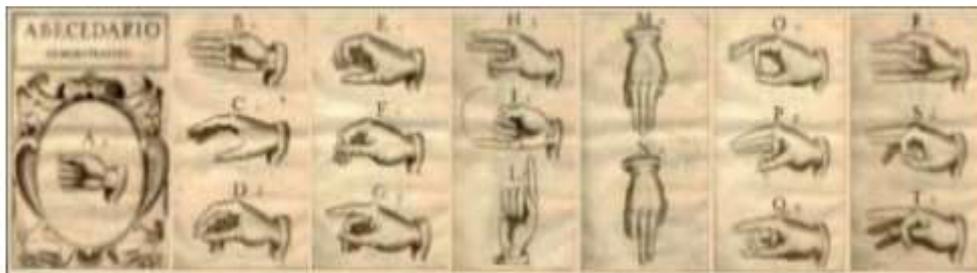
Figura 04 - Juan Pablo Bonet



Fonte: Veloso e Filho (2009, p. 30).

Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos” no ano de 1620, em Madrid, Espanha. Ele também defendia o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

Figura 05 - Alfabeto Manual

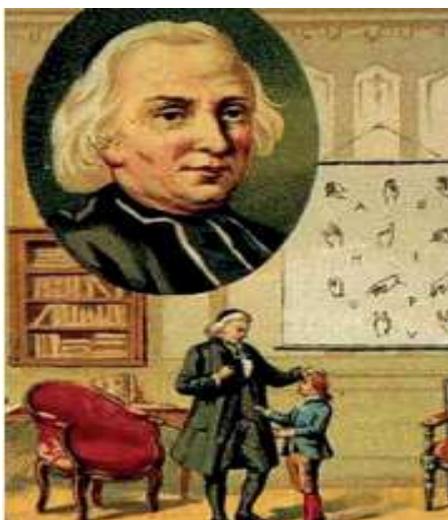


Fonte: Lane (1992, p. 58)

Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780) foi, possivelmente, o primeiro professor de surdos na França. Ele ensinou sua irmã surda a falar e utilizou métodos de ensino da fala e exercícios auditivos com pessoas surdas. “Não tem nenhuma dificuldade em admitir que a arte de leitura labial com suas reconhecidas limitações [...] será de grande utilidade para os outros surdos-mudos da mesma classe, [...] assim como o alfabeto manual que o Pereire utiliza” (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 22).

Conhecido como o "pai dos surdos", o Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) conheceu duas irmãs surdas que se comunicavam por gestos e, a partir daí, começou a interagir com surdos carentes em Paris. Ele se dedicou a entender seu meio de comunicação, realizando os primeiros estudos formais sobre a língua de sinais. L'Épée ensinava surdos em sua própria casa, combinando a língua de sinais com a gramática francesa, criando os "sinais metódicos". Esse método permitia aos surdos escrever o que era comunicado, com a ajuda de intérpretes. Em 1755, ele fundou a primeira escola para surdos com financiamento público.

Figura 06 - Abade De L'Épée /Primeira Escola de Surdos no Mundo



Fonte: Veloso e Filho (2009, p. 33).

Em 1869, um movimento liderado por pais e professores se opôs ao uso da Língua de Sinais pelos surdos, prejudicando todo o progresso e dedicação que havia sido alcançado com os métodos adotados até então.

Em oposição aos avanços já conquistados, Thomas Braidwood (1715-1806) fundou a primeira escola para surdos na Inglaterra, onde ensinava a compreensão e a pronúncia das palavras, enfatizando a leitura orofacial, que envolvia a interpretação dos movimentos da face e da boca simultaneamente.

Para tanto, em 1802, Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838), médico francês, iniciou sua residência no Instituto de Surdos em Paris, durante um período em que lá estava, cometeu atrocidades contra os sujeitos surdos, conhecido como “pesadelo”. Itard considerava a surdez uma doença curável e proibiu seus pacientes de usarem a Língua de Sinais, submetendo-os a tratamentos brutais, como choques elétricos no cérebro e ouvido, perfuração do tímpano e uso de sanguessugas. Muitos pacientes morreram. Somente em 1821, Itard reconheceu a ineficácia de seus métodos e admitiu que a Língua de Sinais era a melhor forma de comunicação para os surdos.

Em 1814, Thomas Hopkins Gallaudet (1787–1851), professor americano, viajou para Paris para aprender a Língua de Sinais Francesa (LFS) com o objetivo de ensinar surdos nos EUA. Conforme Campello e Quadros (2010) relatam que Thomas Hopkins Gallaudet volta à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos-Mudos” de Paris. Durante a travessia de 52 dias na viagem de volta ao Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet, que por sua vez lhe ensinou o inglês. As autoras salientam ainda, que Gallaudet fundou a primeira escola para surdos nos Estados Unidos em 15 de abril de 1814, em Hartford, onde todos os professores eram fluentes na LFS.

Figura 07: Thomas e Laurent Clerc Fundaram e Primeira Escola Permanente para Surdos dos Estados Unidos, em Hartford (Connecticut).



Fonte: Veloso e Filho (2009, p. 38).

Em 1864, foi criada a primeira universidade nacional para surdos, a “Universidade Gallaudet”, localizada em Washington, Estados Unidos. De acordo com Campello e Quadros (2010), essa instituição representou um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet, concretizado por seu filho, Edward Miner Gallaudet (1837-1917).

Alexander Graham Bell (1818–1905) era veementemente contrário ao uso da Língua de Sinais como meio de comunicação para os surdos, criticando sua utilização e argumentando que os sinais eram amplamente inferiores à linguagem falada. Strobel (2009) relata que Alexander Graham Bell publicou vários artigos criticando os casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando que são fatores do isolamento dos surdos com a sociedade. Ele era contra a língua de sinais argumentando que ela não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos.

Eduard Huet (1822 e 1882), professor surdo, foi um dos principais responsáveis pela educação de surdos no Brasil. Atuou como professor e foi o primeiro diretor do Imperial Instituto de Surdos-Mudos. Em parceria com o Imperador Dom Pedro II, Huet aplicou uma política educacional baseada no modelo francês, introduzindo sinais adaptados à realidade linguística brasileira. Essas mudanças visavam apoiar a educação de crianças e jovens surdos espalhados pelo antigo Império, promovendo sua inclusão social e escolar.

Rocha (2008) Em junho de 1855, Huet apresentou ao imperador D. Pedro II um relatório em Língua Francesa, contendo o plano de criação de uma escola para surdos, denominado “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje: “Instituto Nacional de Educação de Surdos” (INES). Para tanto Campello e Quadros (2010) afirmam que a base da Língua de Sinais Brasileira foi a Língua de Sinais Francesa (LSF). Assim as autoras Para Campello e Quadros (2010), salientam que os anos de 1855 a 1880 foram os “anos de Ouro” para a comunidade surda do Brasil, já que no Congresso de Milão, em 1880, chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral-Puro.

3.2 Congresso de Milão (1880): Um Marco de Retrocesso para a Educação Bilíngue de Surdos

“(...) a fala é o privilégio do homem, o único e correto veículo de pensamento, a dádiva divina, da qual foi dito verdadeiramente: ‘a fala é a expressão da alma, como a alma é a expressão do pensamento vivo’.” (Strobel, 2009, p. 50).

Para tanto se percebe na citação de Strobel, que esta pode ser relacionada diretamente ao contexto histórico do Congresso de Milão, ocorrido em 1880, que marcou um ponto decisivo

na trajetória da educação de surdos. Durante esse congresso, foi decretado que a fala, entendida como a principal forma de comunicação humana, seria a forma predominante de ensino para pessoas surdas. Isso levou à exclusão das línguas de sinais nas instituições educacionais, fortalecendo a ideia de que apenas a fala verbal poderia transmitir de maneira correta o pensamento e a alma humana.

O congresso não discutiu diretamente os métodos de ensino para pessoas surdas, seu interesse era reafirmar a necessidade de substituição da língua de sinais pela língua oral nacional.

Por outro lado, Sacks (2010, p. 59) destaca os congressos que, posteriormente, buscaram reverter às decisões tomadas e promover a retomada do uso da Língua de Sinais. Esses eventos surgiram como uma resposta ao impacto negativo do oralismo, defendendo a importância de reconhecer as línguas de sinais como formas legítimas de comunicação e ensino para a comunidade surda.

1º Congresso Internacional dos Surdos – Paris, 1889 - Foi proclamado: “[...] a infalibilidade do método de Abbé L’Épée, sem excluir o uso da fala, reconhece a língua manual como instrumento mais apropriado para desenvolver o intelecto do surdo”.

2º Congresso – Chicago, 1893.

3º Congresso – Gênova, 1896 - decidiram a favor do sistema combinado de instrução.

4º Congresso – Paris, 1900 - Os surdos tiveram reuniões separadas dos ouvintes, pois muitos dos educadores oralistas presentes não aprovaram a presença de surdos nas discussões.

Strobel (2009) afirma que, já no começo do século XX, surgem os primeiros relatos dos insucessos do oralismo puro. Um inspetor geral de Milão descreveu que o nível de fala e de aprendizado da leitura e escrita dos surdos após sete a oito anos de escolaridade era muito ruim, sendo que estes surdos não estavam preparados para uma função, a não ser como sapateiros ou costureiros.

Discordando dessa perspectiva vale mencionar que os relatos frente ao Congresso de Milão foram frustrantes, e descrevem, portanto, que os surdos não foram habilitados nem mesmo em funções básicas, ficando à mercê de uma sociedade majoritariamente ouvinte, assim os surdos estavam sem nenhuma estrutura linguística de comunicação, seja oralizada ou sinalizada.

3.3. Língua de Sinais e a educação de surdos no Brasil

Sabemos que a história dos sujeitos surdos foi marcada ao longo dos anos por períodos de muita angústia, em que eram vistos como possuidores de pecados, enfeitiçados, deficientes, doentes e incapazes de participar da vida em sociedade, tendo negado vários direitos, pois não eram seres dotados de capacidade e inteligência, assim eram proibidos de votar, casar, herdar propriedades, trabalhar, estudar e constituir cidadania. Entretanto, no século XVIII, o professor francês Hernet Huet, trazido ao Brasil por Dom Pedro II, desempenhou um papel fundamental na educação dos surdos, utilizando a língua gestual como base. Esses "sinais metódicos" haviam sido desenvolvidos na França pelo Abade Charles Michel De L'Épée, no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, a primeira escola pública de surdos no mundo.

Percebendo que no Brasil ainda não havia metodologias voltadas para a educação dos surdos. Dom Pedro II convidou o professor francês Hernet Huet para realizar a educação dos mesmos, o qual teve um papel fundamental no surgimento da comunicação e educação dos surdos no Brasil. Hernet Huet fundamentou seus métodos educacionais na leitura labial, articulação da fala e auxílio da datilologia, tornando a língua de sinais francesa à base da Língua Brasileira de Sinais (Reily, 2004, p.116).

Para tanto iniciou-se no Brasil, a educação de surdos que teve início em 1857 com a chegada do professor francês Eduard Huet, o qual fundou, no Rio de Janeiro, a primeira escola dedicada ao ensino de pessoas surdas, conhecida como Instituto Nacional de Surdos-Mudos, onde em 26 de setembro de 1857, fundou-se o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Assim como em outros países, o ensino de surdos no Brasil foi, por muito tempo, influenciado pela abordagem oralista, sendo a comunicação total adotada a partir do final dos anos 1970. Foi somente na década de 1980, com base nas pesquisas pioneiras de Lucinda Ferreira Brito, que começaram os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e a partir daí surgiram às primeiras reivindicações para o reconhecimento de Libras como a primeira língua dos surdos, promovendo o modelo educacional bilíngue para essa comunidade.

As abordagens educacionais que moldaram a educação de surdos ao longo do tempo ainda influenciam o sistema educacional atual, de forma sutil ou inconsciente, nos discursos de vários profissionais no sistema educacional e por vezes na comunidade ouvinte. Diante disso, é importante destacar e explanar as filosofias utilizadas nas abordagens educacionais dos surdos, assim citamos o oralismo, a comunicação total o bilinguismo e a Língua Brasileira de

Sinais - Libras, que não só marcaram o ensino de surdos, mas também continuam a influenciar a forma como a educação é conduzida nas escolas atualmente.

3.3.1 Oralismo

O modelo educacional baseado no oralismo se consolidou e ganhou força no Congresso de Milão, na Itália, no ano de 1880. Formozo (2008, p. 31) afirma que neste congresso presenciamos uma contradição gritante – discutiu-se sobre educação de surdos sem a participação dos sujeitos protagonistas, os próprios surdos. Os ouvintes decidiram que a melhor decisão era banir a língua de sinais da educação de surdos, “[...] que deveriam aprender a falar e, se fosse possível, a ouvir – isso com o auxílio das tecnologias que foram avançando ao longo dos anos, desde as próteses auditivas até os implantes cocleares”.

Figura 08 – Imposição do oralismo



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/1767/ninguem-fala-a-mesma-lingua-sobre-a-alfabetizacao-de-surdos>. Acesso em: 28 set. 2024.

Após sucessivos fracassos educacionais e o descontentamento com o realismo configurou-se uma nova proposta educacional em relação ao ensino dos surdos. A qual ganhou o impulso na década de 70 e foi chamada de comunicação total.

3.3.2 Comunicação Total

A comunicação total tinha como objetivo promover uma interação mais eficaz entre surdos/surdos e surdos/ouvintes. Para isso, adotava abordagens alternativas que permitissem ao surdo se expressar utilizando uma combinação de diferentes recursos, como língua de sinais,

gestos, mímicas, leitura labial, fala expressão facial, escrita, desenhos e o alfabeto manual. O princípio era usar todos os meios possíveis para facilitar a comunicação, integrando diversas formas de expressão de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Penha (2018, p. 121) afirma que:

[...] por mais que a comunicação total mescle recursos linguísticos e pedagógicos visando proporcionar aos alunos surdos melhores condições de ensino, tal perspectiva não irá conseguir minimizar as dificuldades apresentadas pelos estudantes surdos em sala de aula, a principal delas é a defasagem na leitura e escrita, além do conhecimento dos demais conteúdos ministrados em sala de aula.

Nesse contexto o autor ressalta que, embora a comunicação total utilize uma variedade de recursos linguísticos e pedagógicos com o intuito de oferecer melhores condições de ensino aos alunos surdos, essa abordagem não consegue superar completamente as dificuldades que esses estudantes enfrentam. As principais delas são a defasagem em leitura e escrita, além das dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas.

Perlin e Strobel (2008) refletem sobre esta modalidade mista, para elas e outros autores da área, o maior problema é a mistura das duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais, resultando numa terceira modalidade que é o ‘português sinalizado’, essa prática recebe também o nome de ‘bimodalismo’ que encoraja o uso inadequado da língua de sinais, já que tem a gramática diferente da língua portuguesa.

Com o tempo, o progresso das pesquisas linguísticas e a crescente insatisfação com os métodos tradicionais levaram ao desenvolvimento de uma proposta educacional bilíngue, vista como a mais apropriada para a educação de surdos. Apesar disso, essa abordagem ainda não está presente em todas as instituições voltadas para o atendimento desse público.

Devido à insatisfação com os métodos tradicionais e ao avanço das novas pesquisas na área linguística, surgiu a proposta educacional bilíngue, que é considerada a mais adequada para a educação de surdos.

3.3.3 Bilinguismo

Cabe destacar que a partir da década de 1970, reconheceu-se que a língua de sinais poderia ser usada de forma independente da língua oral. Com isso, surgiu a filosofia bilíngue, que, desde a década de 1980, vem se espalhando por diversos países ao redor do mundo.

Goldfeld (2001), na ideologia do bilinguismo, é essencial que as crianças surdas tenham contato com pessoas fluentes em língua de sinais, sejam elas pais, professores ou outros indivíduos.

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. [...] os autores ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez (Goldfeld, 2001, p. 38).

Somada a isso, Quadros (1997) defende que o bilinguismo é a proposta “[...] mais adequada, porque considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita”. Ou seja, o bilinguismo considera a primeira língua do surdo (L1, a língua natural) como sendo a língua de sinais, e a L2 (segunda língua), a língua escrita do país.

A 24ª Declaração Universal dos direitos Linguísticos discutida na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Barcelona 1996, caracteriza as escolas bilíngues da seguinte forma:

As escolas bilíngues são aquelas onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, após a aquisição da primeira língua; essas escolas se instalam em espaços arquitetônicos próprios e nelas devem atuar professores bilíngues, sem mediação de intérpretes na relação professor – aluno e sem a utilização do português sinalizado (BRASIL, 2014b).

Continuando a reflexão retomo o que diz Brasil (2014) às crianças e jovens surdos têm o direito de frequentar a escola, que deve acolhê-los e desenvolver práticas inclusivas. O objetivo é garantir a aquisição da Língua Brasileira de Sinais e da língua portuguesa escrita, promovendo o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação.

Figura 09: Bilinguismo para Surdos



Sem a intenção de encerrar o debate, mas direcionando para o fechamento desta seção, alinho-me às perspectivas dos autores Brito (1986), Goes (1996), Quadros (1997, 2005), Fernandes (1998), Salles (2002) quando afirmam e são unânimes ao destacar o bilinguismo como a proposta de ensino mais adequada para os surdos, por considerar que a língua de sinais como língua própria, ou seja, como primeira língua que deve ser aprendida o mais cedo possível e a língua portuguesa escrita como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da língua de sinais.

Atualmente, o bilinguismo é uma das abordagens mais valorizadas na educação de surdos, sendo amplamente apoiada por pesquisadores da área. Esses estudiosos buscam assegurar o respeito à individualidade, cultura e língua própria dos surdos, reconhecendo-os como membros plenos da comunidade surda.

3.3.4 Língua Brasileira de Sinais – Libras

As línguas de sinais são classificadas como gestual-visuais, pois a comunicação é emitida principalmente por meio de sinais realizados com as mãos, enquanto a recepção dessa comunicação ocorre pelo olhar. Essa característica as diferencia das línguas oral-auditivas, nas quais a voz é utilizada como emissora da mensagem, e os ouvidos são os responsáveis por sua recepção. Portanto, Libras, como uma língua gestual-visual, utiliza um sistema linguístico que permite a expressão de pensamentos, emoções e conceitos, promovendo a comunicação efetiva entre surdos e ouvintes.

De acordo com Honora, 2009, p. 41:

As línguas de sinais são naturais, pois surgiram do convívio entre as pessoas surdas. Elas podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional [...]. Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestões. Por este motivo, por terem regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS. [...]. As línguas não são universais. Cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo assim, como não temos uma única língua oral, também não temos apenas uma língua de sinais.

Por ser uma língua natural utilizada pela comunidade surda no Brasil, que expressa não apenas palavras, mas também emoções e conceitos complexos através de sinais visuais. Antes de sua oficialização, Libras já era utilizada informalmente por surdos e seus familiares, representando um meio essencial de comunicação e identidade cultural. Sua origem remonta a influências diversas, incluindo sistemas de sinais desenvolvidos em escolas para surdos e a

interação com outras línguas de sinais internacionais. A Libras não deve ser vista apenas como um conjunto de gestos, mas como uma língua rica e dinâmica, com sua própria gramática e vocabulário, que desempenha um papel necessário e importante na promoção da inclusão social e na valorização da cultura surda.

O reconhecimento formal da Libras como língua oficial no Brasil, consolidado pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, representou um importante avanço para garantir os direitos linguísticos da comunidade surda, permitindo sua utilização em contextos educacionais e sociais. Na seção seguinte, abordaremos de maneira mais aprofundada as implicações desse reconhecimento, bem como os desafios e avanços na implementação da Libras na educação e na sociedade.

3.4 Língua Brasileira de Sinais – Libras: reconhecimento, legislação e impacto na educação e sociedade

Nesse contexto a Língua Brasileira de Sinais - Libras teve seu reconhecimento oficial estabelecido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, onde marcou um avanço significativo na consolidação e promoção da diversidade linguística no Brasil. Essa legislação, considerada a primeira política linguística em nível nacional, foi complementada pelo Decreto nº 5.626, de 2005, que regulamentou a inclusão da Libras nos currículos de formação de professores e em cursos de fonoaudiologia. Esses marcos legislativos não só fortaleceram a legitimidade da Libras como língua, mas também impulsionaram sua disseminação e uso em diversas áreas.

Esses avanços representam momentos significativos de consolidação e promoção da legitimidade da Libras, bem como da diversidade linguística no Brasil. As políticas de reconhecimento fortaleceram a língua de sinais e incentivaram a disseminação do uso e ensino em diversas áreas.

A oficialização da Libras como língua é o resultado de décadas de luta e reivindicações da comunidade surda brasileira. Desde o início do século XX, a comunidade surda enfrentou desafios relacionados ao oralismo, pois essa abordagem educacional buscava integrar surdos na sociedade ouvintista⁷ através do ensino da fala, muitas vezes em detrimento das línguas de sinais.

⁷ Ouvintismo é definido por Skliar (1998: 15) como um conjunto de representação dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.

No entanto, com o passar dos anos, alternativas mais inclusivas, como o bilinguismo e a comunicação total, ganharam força. Essas abordagens reconheciam a importância das línguas de sinais, especialmente da Libras, no desenvolvimento cognitivo e social dos surdos, promovendo uma educação que respeita e valoriza a identidade linguística dessa comunidade. Esse contexto histórico criou as bases para que, em 2002, a Libras fosse finalmente reconhecida como uma língua oficial de comunicação e expressão no Brasil.

O reconhecimento da Libras como língua foi alcançado ao longo da história por meio das lutas e reivindicações da comunidade surda brasileira. A oficialização da Libras no Brasil se deu por meio da Lei 10.436 de 2002. Sendo vista como uma conquista significativa para a comunidade surda, pois permitiu que começassem a reivindicar seu espaço e direitos como cidadãos.

Art. 1º. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

O Poder Público, por meio da Lei 10.436/02, também garantiu a promoção e disseminação da Libras, além de introduzi-la nos currículos de alguns cursos de nível médio e superior. A inclusão da Libras como disciplina desempenha um papel importante, tanto na valorização dos professores surdos, que ensinam a língua de sinais como segunda língua (L2) para ouvintes, quanto para os alunos ouvintes, que, ao aprenderem a língua de sinais, estarão mais preparados para interagir diretamente com a comunidade surda.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. [...]. Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Para esclarecer a obrigatoriedade mencionada, é relevante citar o artigo terceiro do Decreto nº 5.626/2005, que aborda especificamente a oferta da disciplina de Libras. O texto do decreto dispõe o seguinte:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005).

Esses dois marcos legislativos são fundamentais para a valorização e reconhecimento da Libras no Brasil. A Lei nº 10.436 de 2002 foi um avanço significativo ao reconhecer a Libras como uma língua oficial de comunicação e expressão. Este reconhecimento é necessário para assegurar o respeito de que a Libras precisa.

O Decreto nº 5.626 de 2005 complementa essa conquista ao regulamentar a Libras e integrar seu ensino curricular em diversos níveis. A inclusão da Libras no currículo desses cursos é uma importante etapa para garantir que futuros educadores e profissionais estejam bem-preparados para trabalhar com a comunidade surda, promovendo a educação bilíngue e a inclusão desde a formação inicial. É importante destacar que, embora a Libras seja reconhecida e regulamentada pela legislação e decreto mencionados, a obrigatoriedade de seu ensino está limitada aos cursos de formação de professores e ao curso de fonoaudiologia, uma vez que essas profissões têm maior interação com a comunidade surda.

No contexto da Libras como segunda língua (L2), o Decreto 5.626/05 estabelece diretrizes específicas que as instituições federais de ensino, responsáveis pela educação básica, devem seguir para garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva. Essas diretrizes, detalhadas no Artigo 22, visam proporcionar um ambiente educacional que atenda às necessidades linguísticas desses alunos, assegurando-lhes acesso à educação de qualidade e respeito à sua identidade linguística. O artigo também determina que as escolas e classes devem ser abertas tanto a alunos surdos quanto ouvintes, promovendo um ambiente inclusivo e bilíngue.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

Apesar das Leis e Decretos existentes, é importante que os ouvintes reconheçam a Libras como uma língua distinta e significativa, despertando o interesse em aprendê-la como segunda língua e em conhecer a cultura da comunidade surda. Essas medidas legislativas não apenas reforçam o status da Libras como uma língua completa e essencial, mas também garantem que a educação sobre a língua e a cultura surda seja incorporada em vários níveis de ensino, demonstrando um compromisso com a inclusão e a equidade no sistema educacional.

Vale esclarecer que a Libras deve ser reconhecida como uma língua, e não simplesmente como um conjunto de gestos ou mímicas. Contudo Frydrych (2013) explica que as línguas de sinais, são línguas por serem conjuntos, sistemas de valores linguísticos evidenciados na forma de signos linguísticos os quais por sua vez são formados por unidades materiais gestuais e mentais, baseados completamente nas relações desses valores-signos no âmbito do sistema que compõe e, ao mesmo tempo estão contidos.

Ela faz parte de um amplo grupo de línguas usadas por comunidades surdas em todo o mundo, conhecidas como línguas de sinais. Embora a Libras seja predominantemente uma língua visual-espacial e não utilize sons, a execução de alguns sinais pode envolver aspectos expressivos e conotações sonoras. Essa complexidade enriquece seu sistema linguístico e reforça sua natureza como uma língua completa. Para fundamentar essa visão, recorreremos aos estudos de pesquisadores renomados cujas pesquisas foram fundamentais para o reconhecimento e valorização da Libras como uma língua legítima, inerente às comunidades surdas. O reconhecimento da Libras como língua foi alcançado ao longo da história por meio das lutas e reivindicações da comunidade surda brasileira.

Conforme explicado por Felipe (2006), a Libras, assim como outras línguas de sinais, pertence à modalidade gestual-visual. Sua comunicação se dá por meio de movimentos e expressões faciais, que são percebidos visualmente pelos interlocutores, ao contrário das línguas orais que pertencem à modalidade oral-auditiva e utilizam sons como principal meio de comunicação.

Com o reconhecimento legal estabelecido, as características linguísticas da Libras ganharam maior visibilidade e reconhecimento acadêmico. Brito (1995) Libras é uma língua visual-espacial, estruturada por parâmetros específicos como Configuração das Mãos (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA), Orientação das Mãos (OM), e Expressões Não-Manuais (ENM). Esses elementos conferem à Libras uma gramática própria, independente da Língua Portuguesa, demonstrando que ela é uma língua natural, assim como as línguas orais.

Pesquisadores renomados, como Brito (1995), destacam a complexidade e a expressividade da Libras, afirmando que ela permite a expressão de conceitos descritivos,

motivos, racionais e abstratos. Além disso, a Libras, assim como outras línguas de sinais, não é universal, sendo específica para a comunidade surda brasileira, o que reforça sua autonomia e singularidade linguística.

Seguindo essa linha de pensamento, Gesser (2009), afirma que a Libras não é uma língua universal, uma vez que cada país possui sua própria língua de sinais, e os sinais podem ter significados diferentes de um país para outro. Além disso, a Libras conta com uma gramática específica e é estruturada por parâmetros como a configuração das mãos, a orientação da palma, a localização dos sinais, os movimentos realizados e as expressões faciais e corporais. Complementando essa visão, Müller (2012) esclarece que a Libras, como língua oficial das comunidades surdas, possui uma gramática única e independente das línguas orais. Essa língua está intimamente vinculada ao contato visual, fortalecendo a identidade de um grupo tradicionalmente reconhecido como minoria linguística. Dessa forma, a Língua Brasileira de Sinais é autônoma em relação à Língua Portuguesa, com uma estrutura e formação próprias. Portanto, as duas línguas não devem ser comparadas ou hierarquizadas, dado que cada uma possui seus parâmetros específicos.

Nesta perspectiva, Brito (1998) assinala que as Línguas de Sinais, em geral, são:

Línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e devido à sua estrutura permite a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permite a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (Brito 1998, p. 19).

Felipe (2001) ressalta que pesquisas sobre Línguas de Sinais têm demonstrado que essas línguas são tão complexas e expressivas quanto às línguas orais. Elas são capazes de transmitir ideias sutis, complexas e abstratas, permitindo que seus usuários discutam temas como filosofia, literatura, política, esportes, trabalho e moda. Além disso, são usadas em expressões estéticas, como poesia, narrativa, teatro e humor. A autora também observa uma similaridade entre as línguas, pois ambas se estruturam a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, abrangendo níveis linguísticos como fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Diante do exposto, fica evidente que o aprendizado da Língua de Sinais é fundamental para promover uma comunicação eficaz entre surdos e ouvintes. A Libras desempenha um papel essencial no desenvolvimento e na interação social das pessoas surdas. Além disso, a participação da sociedade como um todo, incluindo familiares, amigos e a comunidade em geral

é fundamental para criar um ambiente verdadeiramente respeitoso, acessível e acolhedor para todos.

Aprender a se comunicar com as pessoas surdas em espaços escolares e outros lugares públicos reflete a responsabilidade de atender a todos de maneira inclusiva, sem comprometer os princípios de igualdade e respeito. Isso implica reconhecer e valorizar a presença de todos os indivíduos.

A Lei 10.436/02, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais - Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira, ainda enfrenta grandes dificuldades de efetivação em seu uso. Vale mencionar que, embora a Libras seja reconhecida e regulamentada, sua obrigatoriedade de ensino restringe-se principalmente aos cursos de licenciatura e à formação de professores.

Portanto, julgamos necessário o ensino de Libras na educação básica e não somente em cursos superiores de licenciatura, desejamos que a mesma seja reconhecida como parte integrante do currículo escolar, sendo essencial como forma de garantir uma comunicação satisfatória entre a comunidade ouvinte e a surda. A presença da Língua Brasileira de Sinais na educação básica não apenas assegura a inclusão dos estudantes surdos, mas também valoriza e reconhece a cultura surda, promovendo a diversidade linguística e cultural dentro do ambiente escolar.

No cenário educacional atual, incorporar a Libras ao currículo para estudantes ouvintes se destaca como uma proposta inovadora e necessária. Essa iniciativa visa não só promover a diversidade linguística e cultural, mas também fomentar a compreensão intercultural entre surdos e ouvintes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa para todos que nela vivem e interagem.

Para Nascimento (2014, p. 2), a interculturalidade é um conjunto de propostas que visam “conceber a diversidade cultural de forma que não apenas reconheçam a existência de grupos étnicos e culturalmente distintos, como também traz à tona as diferentes formas de interações históricas, de conflitos e de diálogos entre esses grupos”. De acordo com Candau (2003)

A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los.

Para tanto a interculturalidade, é entendida como um conjunto de propostas de convivência e interação entre diferentes culturas, que respeita as diferenças sem hierarquizá-las ou anulá-las, visando à eliminação de preconceitos e discriminações.

Diante disso, reconhecemos a importância da adoção, por parte das escolas de uma abordagem fundamentada na teoria intercultural. Segundo Coppte (2012), essa abordagem visa construir uma sociedade plural, democrática e humana, capaz de integrar políticas de igualdade e identidade, reconhecendo que as diferentes culturas são contextos complexos cujas interações podem gerar confrontos. Nesse contexto, Perlin (2010) enfatiza que a diferença não é sinônimo de deficiência. Os surdos sinalizantes, ou seja, usuários da Libras, não se veem como deficientes. Enquanto as pessoas ouvintes escutam com os ouvidos e falam com a boca, os surdos escutam com os olhos e falam com as mãos, mostrando que a única diferença está na modalidade linguística.

A implementação do ensino de Libras como segunda língua no Ensino Médio para não-surdos não se limita ao ensino de uma nova língua; ela busca, sobretudo, valorizar e respeitar a cultura surda, promovendo uma convivência mais harmoniosa e inclusiva.

Para fundamentar essa proposta de ensino e aprendizagem de Libras, é essencial explorar conceitos teóricos relevantes, revisando as contribuições de diversos autores e documentos que abordam a educação bilíngue, a inclusão e a valorização da cultura surda. Os autores Lacerda (2006) e Rodrigues (2019), oferecem subsídios teóricos valiosos para um ambiente inclusivo, contribuindo significativamente para o entendimento da educação bilíngue e das práticas pedagógicas voltadas ao ensino de Libras. Portanto,

A experiência de inclusão parece ser muito benéfica para os alunos ouvintes que têm a oportunidade de conviver com a diferença, que podem melhor elaborar seus conceitos sobre a surdez, a Língua de Sinais e a comunidade Surda, desenvolvendo-se como cidadãos menos preconceituosos. (Lacerda, 2006, p.181)

Essa convivência diária ajuda a construir um ambiente escolar onde a diversidade é valorizada, promovendo a aceitação das diferenças e o respeito mútuo. Nessa perspectiva, Rodrigues (2019), se posiciona frente à urgência de providências frente ao ensino de Libras a estudantes ouvintes.

Essa demanda nos fez pensar na urgência de providências no sistema público de ensino, no planejamento de estratégias e reestruturações no ambiente escolar para garantir a acessibilidade linguística de alunos Surdos por meio da aprendizagem de LIBRAS por parte da comunidade escolar ouvinte. [...], é justo pensarmos em alternativas que propiciem o aprendizado de LIBRAS por parte dos ouvintes. (Rodrigues, 2019, p.31)

A autora enfatiza que quando pensamos em Libras como L2 onde o objetivo final é a relação de respeito, interação e comunicação, plenamente estabelecida, entre alunos Surdos e ouvintes, podemos afirmar que os processos de aquisição/aprendizagem ocorrerão concomitantemente no espaço escolar inclusivo.

Ao que se verifiquem, os motivos apresentados à autora destacam que ao ensinar Libras como L2 (segunda língua), visando à promoção de respeito, interação e comunicação entre alunos surdos e ouvintes, os processos de aquisição e aprendizagem da língua ocorrem simultaneamente no ambiente escolar inclusivo, fortalecendo a integração.

Além das contribuições teóricas, as Leis e Diretrizes Educacionais, como a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, e o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta seu ensino, são fundamentais para embasar a inclusão da Libras no currículo escolar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desempenha um papel importante nesse contexto, especialmente em relação aos itinerários formativos do Ensino Médio. Embora a BNCC defina as diretrizes gerais para a educação básica, a inclusão de disciplinas específicas, como a Libras, na grade curricular das escolas, depende das orientações do Ministério da Educação (MEC) e das legislações específicas que regulamentam o ensino dessa língua, como o Decreto nº 5.626/2005. Esse decreto estabelece, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de Libras em cursos de formação de professores e fonoaudiólogos, ampliando a importância da Libras no contexto educacional.

Assim, a proposta de ensinar Libras como segunda língua no Ensino Médio se alinha às reformas curriculares que buscam adequar a educação às demandas de uma sociedade em constante mudança. Essa abordagem visa não apenas desenvolver competências linguísticas em Libras, mas também sensibilizar os estudantes ouvintes para a importância da inclusão e do respeito às diferenças culturais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao integrar essas perspectivas teóricas e legais, a fundamentação para o ensino de Libras como segunda língua no Ensino Médio se fortalece, evidenciando a importância de uma educação bilíngue e inclusiva que valorize a cultura surda e promova a comunicação efetiva entre surdos e ouvintes.

Para concluir informamos que na próxima seção, buscamos apontar e apresentar as incertezas do Novo Ensino Médio, particularmente o que trata da oferta da Libras enquanto disciplina. Discutiremos a relevância dos projetos de lei que visam implementar Libras como disciplina curricular no ensino básico. Traçaremos também um paralelo entre linguagem e

língua e a sua função fundamental na educação. Refletiremos ainda, sobre a escola inclusiva e o ensino de Libras, para surdos e ouvintes, como um processo que poderá viabilizar uma sociedade mais justa e acessível.

4 O NOVO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO E INCERTEZA

Atualmente, o acesso ao Novo Ensino Médio no Brasil representa um período de profundas transformações para os jovens estudantes. Tradicionalmente, essa fase da educação básica era concebida principalmente como um preparatório para o ingresso no ensino superior, com foco quase exclusivo na aprovação em vestibulares e exames como Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). No entanto, com as recentes reformas educacionais promovidas pelo governo, o cenário educacional tem passado por uma significativa reestruturação, resultando em mudanças na organização curricular e nos objetivos pedagógicos desta etapa.

É importante salientar que vivemos um momento de transição e incerteza, tanto para educadores quanto para alunos. As reformas propostas, embora tenham gerado debates e expectativas quanto à flexibilização curricular e à personalização dos itinerários formativos, enfrentam desafios em sua implementação. Para o próximo ano, ainda há indefinições quanto à continuidade, ajustes ou reversão dessas medidas, o que reflete um período de instabilidade no campo das políticas públicas educacionais.

Neste contexto, a pesquisa aqui apresentada busca compreender o impacto dessas reformas em meio a essa instabilidade, analisando os desafios e oportunidades que emergem do Novo Ensino Médio, especialmente no que se refere à inclusão da Libras como disciplina e à formação integral dos estudantes. Ao mesmo tempo, considera-se o fato de que o cenário educacional atual é incerto estando sujeito a mudanças e ajustes, tornando as análises mais complexas.

Para tanto, o acesso ao Novo Ensino Médio representa um período de transição significativa para os jovens estudantes. Tradicionalmente, essa etapa da educação básica era vista principalmente como um preparatório para o ingresso nas mais variadas universidades, com o foco quase exclusivo na aprovação do vestibular. No entanto, com as recentes reformas educacionais implementadas pelo governo, o cenário educacional brasileiro tem passado por uma importante reestruturação.

Em fevereiro de 2017, durante o governo de o ex-presidente Michel Temer, foi sancionada a Lei nº 13.415/2017. Essa legislação promoveu uma reforma na matriz curricular,

alterando as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e implementando mudanças na estrutura do ensino, o que resultou no que hoje é conhecido como "o novo ensino médio".

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. (Portal do MEC⁸, Novo Ensino Médio – Dúvidas, 2024).

No novo sistema, a carga horária dos estudantes do ensino médio será ampliada, com a adoção de um currículo comum e obrigatório e a implementação dos itinerários formativos. A carga horária total passará de 2.400 para 3.000 horas, sendo que 1.800 horas serão dedicadas às aprendizagens conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enquanto as outras 1.200 horas serão destinadas ao itinerário formativo.

Acerca da BNCC, Guia (2018, p.3) conforme disposto no § 5º do Art. 35-A, a carga horária destinada ao cumprimento da BNCC não poderá ser superior a 1.800 horas do total da carga horária do ensino médio. Dessa forma, os currículos estaduais do ensino médio serão compostos por uma parte referente à BNCC e por itinerários formativos, a saber:

- I - Linguagens e suas tecnologias;
- II - Matemática e suas tecnologias;
- III - Ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - Ciências humanas e sociais aplicadas.

Os itinerários deverão ser estruturados com base em diferentes arranjos curriculares, levando em conta os interesses e necessidades dos estudantes, a relevância para o contexto local e as capacidades dos sistemas de ensino.

De acordo com Portal do MEC, Novo Ensino Médio (2024) no itinerário formativo de Linguagens e suas tecnologias.

O aluno estudará a área de Linguagens e suas Tecnologias por meio de um olhar articulado dos seguintes componentes: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e

⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Novo Ensino Médio: dúvidas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>. Acesso em: 14 jul. 2024.

Língua Inglesa. Haverá o aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (Portal do MEC⁹, Novo Ensino Médio – itinerários-formativos-do-novo-ensino-médio, 2024).

Embora cada uma dessas áreas tenha seu papel fundamental no desenvolvimento educacional dos estudantes, o itinerário de Linguagens e suas Tecnologias faz parte de nossa pesquisa. Isso se deve ao fato de que a Língua Brasileira de Sinais - Libras, que integra essa categoria, desempenha uma função essencial na promoção de uma educação inclusiva e na comunicação efetiva entre surdos e ouvintes. Nossa investigação, portanto, enfatiza a importância de Libras dentro desse itinerário, destacando seu valor na formação de uma sociedade acessível e bilíngue.

Nesse cenário, a Lei 13.415, sancionada em 16 de fevereiro de 2017, (BRASIL, 2017), que trata da mais recente reforma, no campo educacional brasileiro, do Ensino Médio, dispõe no artigo 37º, § 7º que “os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”.

Essas mudanças não se limitam somente a reorganização da grade curricular, mas também visam o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo o fortalecimento de diversas competências. O novo enfoque busca preparar os alunos não apenas para a continuidade dos estudos em nível superior, mas também para sua entrada qualificada no mundo do trabalho e para o exercício consciente da cidadania. Assim, o Ensino Médio assume um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e preparados para os desafios contemporâneos.

O artigo 37º da mesma lei (BRASIL, 2017) dispõe, no § 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta [...].

Conforme disposto no artigo 37º da Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017), outras línguas estrangeiras podem ser incorporadas ao currículo do ensino médio. No entanto, embora Libras

⁹ BRASIL. Ministério da Educação. Novo Ensino Médio: dúvidas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>. Acesso em: 14 jul. 2024.

não seja uma língua estrangeira, ela deveria receber o mesmo status de obrigatoriedade que a língua inglesa, dada sua importância e reconhecimento como uma língua brasileira de sinais.

Conforme Pedroni (2021), a questão não é discutir se Libras é uma língua estrangeira ou língua nacional, mas queremos pensar na possibilidade de ela ocupar espaços de ensino onde se faz presente outras línguas que não a língua majoritária. [...] Portanto, dar a ela um tratamento semelhante ao que acontece com o ensino das línguas estrangeiras traria enormes contribuições para a inclusão social dos surdos, uma vez que essa prática universalizaria seu ensino.

Parafraseando Pedroni (2021), a discussão central não é sobre classificar Libras como uma língua estrangeira ou nacional, mas sim sobre considerar a possibilidade de que ela ocupe os mesmos espaços de ensino destinados a outras línguas que não são majoritárias. O tratamento equivalente de Libras às línguas estrangeiras no currículo escolar poderia resultar em significativas contribuições para a inclusão social dos surdos, a implementação de uma proposta bilíngue, que insira Libras como disciplina obrigatória no currículo escolar ao lado de outras línguas, é fundamental para garantir e fortalecer a comunicação entre surdos e ouvintes e tornando desta forma a sociedade bilíngue.

Algumas comunidades retratadas por Luz (2013) já trazem uma concepção sobre isso. Eis um exemplo:

Nossa cena surda introdutória é, sob um aspecto, um retrato da vida em Martha's Vineyard na primeira metade do século XX, o retrato de uma comunidade significativamente amparadora que se tornou paradigmática para os movimentos sociais compostos por surdos e simpatizantes de todo o mundo. Em Martha's Vineyard, por conta de uma forte rede social, de uma alta incidência de pessoas surdas e pela formação, aceitação e uso cotidiano de um idioma espaço visual complexo, os que eram surdos participavam da realidade comunitária de maneira bastante horizontal ou, minimamente, de forma bem menos desigual do que comumente acontece com os demais surdos (Luz, 2013, p. 97).

Considerando esse contexto, é evidente que, para transformar a sociedade em uma sociedade bilíngue, a escola tem um papel crucial e primordial. Além de promover o ensino de Libras, é fundamental que as instituições de ensino valorizem a cultura surda de maneira equivalente à cultura ouvinte, assegurando que ambas sejam respeitadas e promovidas de forma equilibrada.

4.1 Cenários da Oferta de Libras no Brasil: Uma Visão Nacional

Com base em Silva (2024), ao considerarmos que a disciplina de Libras é ministrada no ensino superior, mas encontra-se ausente nos níveis da educação básica, é relevante notar que

diversos projetos de Lei buscam abordar e preencher essa lacuna. Essas propostas legislativas tratam especificamente da obrigatoriedade da inclusão da disciplina de Libras nos diversos níveis de ensino.

Para compreender esse panorama realizamos uma busca no site oficial da Câmara dos Deputados do Senado Federal¹⁰, utilizando como descritores “ensino de Libras” essa busca auxílio na coleta e a sistematização de todas as legislações que citam o ensino de Libras no ensino médio, com foco nas que tratam da importância da inserção da disciplina de Língua de Sinais.

Projeto de Lei: PL 2545/2023, da Deputada Federal Dayany Bittencourt, a qual propõe incluir a Língua Brasileira de Sinais – Libras nos currículos da educação básica.

Projeto de Lei: PL 2403/2022, do Deputado Federal Carlos Vera, o qual propõe para incluir conteúdo da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS nos currículos da educação básica, nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, incluindo para todos os alunos, conteúdos relativos à Língua Brasileira de Sinais.

Projeto de Lei: PL 1.320/2021, da Deputada Federal Tereza Nelma, a qual propõe incluir o ensino da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos estabelecimentos de ensino fundamental e do ensino médio.

Projeto de Lei: PL 2.217/2021, do Deputado Federal Pastor Eurico, com sua proposição inclui o ensino de Libras como disciplina no currículo escolar do ensino fundamental e médio, públicos e privados.

Projeto de Lei: PL 4.209/2020, do Deputado Federal Pedro Uczai sua proposição era os currículos do ensino fundamental e do ensino médio incluirão, para todos os alunos, conteúdos relativos à Língua Brasileira de Sinais -Libras.

Projeto de Lei: PL 4618/2020, do Deputado Federal Ney Leprevost o qual solicita a obrigatoriedade da oferta extracurricular do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras no ensino público fundamental e médio.

Projeto de Lei: PL 4744/2020, da Deputada Federal Rejane Dias, a presente proposição tem como objetivo incluir conteúdos relativos a Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos currículos do ensino básico que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, atingindo a todos os alunos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias>. Acesso em 10 de out. de 2024.

Projeto de Lei: PL 562/2019, do Deputado Federal Delegado Waldir o qual propõe incluir no currículo do ensino fundamental e no ensino médio o conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais-Libras nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados.

Projeto de Lei: PL 10.964/2018, do Deputado Federal Marco Antônio Cabral que visa alterar a LDB para incluir a Libras como disciplina obrigatória nos currículos dos ensinos fundamental e médio.

Projeto de Lei: PL 185/2015, do Deputado Federal Cleber Verde que busca incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da oferta da Libras em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Projeto de Lei: PL 3.641/2015, do Deputado Federal Delegado Herculano Passos, o qual propôs o ensino de conhecimentos básicos sobre braile e Libras constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica.

Projeto de Lei: PL 2040/2011, do Deputado Federal Cristovam Buarque, incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da oferta da Língua Brasileira de Sinais - Libras, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Doze projetos de leis referentes à temática do ensino de Libras no Ensino Médio no Brasil foram identificados. Devido à magnitude do interesse em promover a inclusão e a comunicação entre a comunidade surda e os ouvintes, alguns desses projetos serão mais detalhadamente detalhados. A proposição de leis que visam à inclusão da Língua Brasileira de Sinais nos currículos educacionais tem sido muito mais significativa do que uma questão pedagógica: um passo importante em direção ao reconhecimento da cultura surda e ao fortalecimento de uma sociedade verdadeiramente bilíngue e inclusiva.

Esses projetos reforçam a importância da inclusão de Libras no currículo escolar e buscam garantir que todos os alunos, ouvintes ou surdos, possam aprender a Língua Brasileira de Sinais, promovendo assim a comunicação efetiva no ambiente escolar.

Para tanto, o PL nº 2.040/11, que propunha a opção de Libras em todas as etapas e modalidades da educação básica, foi rejeitado junto com outros quatro projetos sobre a mesma matéria. Foi rejeitado com base em questões jurídicas e constitucionais. Dada a inadequação, segundo parecer na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania - CCJC, incluir componente curricular obrigatório, como a Libras, no ensino básico ou médio por lei parlamentar. Isso porque tal inclusão deve ser aprovada pelo Conselho Nacional de Educação e homologada pelo Ministro da Educação, de acordo com o artigo 26, §10 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Além disso, a relatora, deputada Caroline de Toni, apontou que as legislações sobre currículo escolar, independentemente do nível ou modalidade de ensino, devem ser feitas por meio de agendamento ao Poder Executivo e não diretamente por projetos de lei. Com base nisso, atualmente o PL nº 2.040/11¹¹ e os projetos apensados - PL nº 185/2015, PL nº 3.641/2015, PL nº 10.964/2018 e PL nº 562/2019 - inconstitucionais e injurídicos, rejeitando, todos por unanimidade, eles. Diante disso, a relatora sugeriu que fossem realizados estudos sobre as condições de oferta do ensino de Libras na educação básica, como uma forma alternativa de apoio à proposta original.

No entanto, o PL 1320/2021 por abordar o mesmo tema da PL 4209/2020 foi apensado em 18/05/2021 e acabou sendo arquivado em 13/12/2021, após rejeição nas comissões competentes. Esse arquivamento ocorre frequentemente quando o projeto não recebe aprovação nas comissões de mérito.

Contudo os PLs (4.618/2020, 4.744/2020 e 2.217/2021) foram rejeitados e arquivados, isso ocorre conforme as regras previstas no Regimento Interno da Câmara dos Deputados, que estabelece que todos os projetos em tramitação que não sejam aprovados ou rejeitados no interstício de uma legislatura sejam automaticamente arquivados. Esse processo é comum e visa dar continuidade aos trabalhos legislativos de forma organizada. Os projetos arquivados poderão ser reencaminhados ou reapresentados em novas legislaturas, caso os autores decidam continuar a defesa da proposição.

É importante informar que os PLs (2403/2022 e 2.545/2023), no entanto o Projeto de Lei 2403/2022 sugere a incorporação de matérias relacionadas à Libras em todos os níveis da educação básica, incluindo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Por outro lado, o PL 2545/2023 visa oficializar a inclusão da Libras nos currículos do ensino fundamental, enfatizando a relevância da matéria como um elemento importante para a educação.

Esses projetos continuam em andamento, sinalizando que existe um progresso constante na valorização da Libras e no aprimoramento da comunicação entre surdos e ouvintes.

Tanto que Silva (2024) expõe que atualmente, não existe uma Lei aprovada que garanta de forma precisa a oferta da disciplina de Libras nos níveis básicos da educação. A oferta da disciplina segue obrigatória para o ensino superior conforme já discutido em relação à Lei nº 10.436/02 e Decreto nº 5.626/02. A ausência de Lei específica de nível nacional torna mais complexa a promulgação de leis estaduais e municipais sobre o mesmo assunto.

¹¹ **Câmara dos Deputados.** Parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania sobre o PL nº 2.040/2011. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias>. Acesso em: 10 out. 2024

No término desta sessão, é importante destacar que estas propostas apresentam um cenário desafiador, demonstrando um esforço considerável para incorporar a Libras no currículo da educação básica e o ensino da Língua Brasileira de Sinais para todos os estudantes inscritos, sejam eles ouvintes ou surdos, evidenciando uma valorização cada vez maior da inclusão e da acessibilidade no contexto educacional. Apesar de várias propostas terem sido descartadas e arquivadas, o progresso desses novos projetos representa um significativo progresso na batalha pela educação inclusiva e pelo reconhecimento dos direitos da comunidade surda. Essas ações não apenas auxiliam na construção de um ambiente escolar justo para todos, como também visam despertar a consciência acerca da relevância da comunicação entre surdos e ouvintes, consolidando a cultura surda no ambiente escolar.

4.2 Escola, educação e ensino inclusivo: promovendo a aprendizagem para todos

A importância de uma escola inclusiva vai muito além da eliminação de barreiras arquitetônicas, como rampas, elevadores, banheiros adaptados e outros. Embora estes sejam aspectos fundamentais para garantir o acesso físico, a verdadeira essência da inclusão está no respeito às diferenças e na construção de um ambiente educacional que valorize a diversidade. Isso envolve a criação de atividades pedagógicas diversificadas, que engajem todos os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma convivência coletiva e colaborativa. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) reforça essa visão ao defender o direito de todos os estudantes estarem juntos, aprendendo sem discriminação. O documento também alerta para a existência de ações excludentes nas escolas, e destaca que o papel da educação inclusiva é justamente oferecer alternativas que superem práticas discriminatórias, garantindo o respeito e a participação plena de todos. Já a Constituição Federal de 1988 prevê a educação como direito de todos, sem discriminação (artigo 205).

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Conforme menciona a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, no capítulo V, artigo 59, busca-se estabelecer que todos os estudantes têm o direito de acessar o currículo escolar, com adaptações que contemplem suas necessidades específicas, por meio de

métodos, técnicas, recursos pedagógicos e uma organização ajustada. Contudo no capítulo II, os artigos 22 e 23 determinam que a educação básica deve garantir uma formação comum essencial para o exercício da cidadania. Essa formação pode ser estruturada em séries anuais, períodos semestrais, ciclos ou outras formas de organização, como grupos não seriados, considerando idade, competência e outros critérios, conforme as necessidades do processo de aprendizagem.

Essas legislações reforçam a necessidade urgente de a educação escolar se reconfigurar, reorganizando-se e buscando soluções específicas para cada sistema de ensino e instituição. Ela reconhece que ao oferecer educação para todos exige a adoção de diversas abordagens e metodologias.

Nesse sentido, Mantoan (2026), expõe que:

A inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços ligados a sociedades democráticas que estão pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular. A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais (Mantoan, 2006, p.16).

A escola inclusiva não apenas rompe com estereótipos, mas também se posiciona como um espaço onde as diversas necessidades e potencialidades dos alunos são reconhecidas e respeitadas. Nesse cenário, o ensino de Libras no Ensino Médio para estudantes ouvintes e surdos, apresenta-se como uma proposta fundamental para promover a comunicação entre ambos os grupos, valorizando desta forma a diversidade linguística.

Como afirma Veiga-Neto (2005), o desafio é por uma boa escola para todos, o que afirma a luta não só por igualdade entre os alunos especiais e os demais, como também pelas diferenças, o que implica a inclusão das múltiplas necessidades de cada um.

A escola inclusiva vai além de “igualar” condições; ela cria oportunidades para que todos, independentemente de suas diferenças, possam aprender e se desenvolver de forma plena, reconhecendo a Libras como elemento essencial para a construção de uma sociedade verdadeiramente bilíngue e inclusiva.

A Lei nº 13.146 (Brasil, 2015) define as múltiplas barreiras a serem enfrentadas na sociedade e na escola.

IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à

comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

- a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;
- b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;
- c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes; d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;
- e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas;
- f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias. (BRASIL, 2015, s.p.).

Na escola inclusiva, a superação de barreiras se torna fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de suas limitações, possam participar plenamente do ambiente escolar e permanecer nele. As barreiras sejam elas urbanísticas, arquitetônicas, de transporte, comunicacionais, atitudinais ou tecnológicas, representam desafios concretos que afetam o direito à acessibilidade e à inclusão dentro do contexto escolar. Portanto, é imprescindível que as escolas adotem medidas que eliminem esses obstáculos, promovendo um ambiente onde todos os estudantes possam aprender se comunicar e se expressar de forma igualitária.

Além disso, Nunes (2023) argumenta que as formas possíveis de superar essas barreiras passam pelo reconhecimento delas. Quando atestamos o problema podemos caminhar para a mudança. A escola possui rotinas e procedimentos que muitas vezes acabam por engessar o processo de ensino e aprendizagem e conduzir os profissionais a ações que impedem o diálogo e a reflexão para tomadas de decisões que favoreçam a educação inclusiva.

Reconhecer as barreiras no ambiente escolar é essencial para promover mudanças que assegurem a participação ativa dos estudantes, tornando a escola acessível, justa e democrática.

Sasaki (2005) argumenta que a implementação adequada dos princípios da educação inclusiva resulta nas mudanças necessárias. Ele identifica seis dimensões essenciais para garantir acessibilidade: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal.

Para tanto enfatizamos duas dimensões diretamente ligadas ao ensino de Libras para ouvintes no contexto escolar: a acessibilidade comunicacional e a acessibilidade metodológica.

Acessibilidade comunicacional, sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual etc.), na comunicação escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila etc., incluindo textos em braile, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistivas

para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital). (Sassaki, 2005, p. 23).

Nesse contexto, a escola, ao adotar alternativas comunicacionais, implementando o ensino da Libras, busca criar um ambiente verdadeiramente inclusivo, no qual todos os estudantes possam participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem bilíngue. A acessibilidade comunicacional vai além das interações presenciais, abrangendo a comunicação, eliminando barreiras que dificultam a interação plena. Conforme argumenta Sassaki (2005), ao garantir a acessibilidade em diversas formas de comunicação, o espaço escolar pode proporcionar novas formas de pensamento e promover um ensino mais inclusivo e transformador.

Importante destacar que além da comunicação, ressaltamos igual importância à acessibilidade metodológica, a qual Sassaki (2005), expõe,

Acessibilidade metodológica, sem barreiras nos métodos e técnicas de estudo (adaptações curriculares, aulas baseadas nas inteligências múltiplas, uso de todos os estilos de aprendizagem, participação do todo de cada aluno, novo conceito de avaliação de aprendizagem, novo conceito de educação, novo conceito de logística didática etc.), de ação comunitária (metodologia social, cultural, artística etc. baseada em participação ativa) e de educação dos filhos (novos métodos e técnicas nas relações familiares etc.). (Sassaki, 2005, p.23).

A transformação nas metodologias educacionais é essencial para criar uma escola inclusiva que supere as limitações de um currículo rígido, excludente e categorizador. Ao romper com normas e regras que não consideram a diversidade dos alunos, é possível explorar uma gama de possibilidades de ensino que respeitem a complexidade dos estudantes presentes na instituição escolar.

Skliar (2005) assegura que trazer a Língua de Sinais ao alcance de toda a comunidade [...] é na realidade o início de uma nova política linguística, a partir da qual poderá se instituir um projeto educacional coeso, coerente e, sobretudo eficiente, visto que isto é um “direito dos [...] e não uma concessão de alguns professores ou de algumas escolas” (Skliar, 2005, p.27).

É fundamental enfatizar a importância de aprender Libras no contexto educacional, pois essa aprendizagem não apenas aprimora a comunicação entre ouvintes e surdos, mas também promove a valorização da cultura surda em nosso país. Ao adotar abordagens metodológicas diversificadas e integrar o ensino de Libras nas escolas, conseguimos superar as limitações de currículos rígidos e excludentes, criando um ambiente inclusivo que atende às necessidades de todos os alunos.

Essa transformação nas práticas pedagógicas envolve ajustes na estrutura e na da rede educativa, reflete-se diretamente na sociedade. A educação inclusiva prepara os alunos para interagir de maneira respeitosa e significativa com pessoas surdas, contribuindo para a construção de uma comunidade mais acolhedora e equitativa. Dessa forma, ao valorizar a cultura surda, estamos não apenas promovendo a diversidade, mas também cultivando um futuro mais inclusivo para todos.

Dessa forma, a escola inclusiva deve ser um espaço que promova não apenas a presença dos alunos especiais, mas também seu pleno desenvolvimento, oferecendo oportunidades reais de aprendizagem e integração. Isso implica em proporcionar condições adequadas e acessíveis, tanto no ensino quanto na comunicação. Conforme destaca Araújo (2003), a inclusão é o resultado da soma de oportunidades bem-sucedidas que são possibilitadas a qualquer cidadão, e não somente dos decretos, sem oportunizar o real acesso às oportunidades e aos meios para superar os desafios que promovam o seu desenvolvimento. Assim, a inclusão escolar deve ser pensada como um dos processos contínuos de construção e efetivação de direitos, onde todos os sujeitos são respeitados.

Nunes (2023) ressalta a importância do ensino inclusivo

O ensino inclusivo deve fluir respeitando as diferenças humanas e as singularidades dos aprendizes, oferecendo os tempos e espaços necessários para cada sujeito aprender. É preciso caminhar na busca de propostas que valorizem o ser sujeito de cada estudante e de cada professor e professora, construindo uma identidade e uma autonomia que é única e intransferível. (Nunes, 2023, p.38)

Analisando a citação de Nunes (2023) podemos perceber que a mesma enfatiza a necessidade de um processo educacional que respeite as diferenças e singularidades de cada aprendiz. Essa abordagem propõe a criação de um ambiente que não apenas reconhece, mas valoriza as individualidades, promovendo tempos e espaços apropriados para que todos os estudantes, assim como os educadores, possam desenvolver suas identidades e autonomias. O reconhecimento de que cada ser humano possui características únicas é fundamental para construir uma educação que efetivamente atenda às necessidades de todos, fomentando um aprendizado significativo e transformador.

Como o autor menciona a ideia de proporcionar “tempos e espaços apropriados” indica a importância da flexibilidade nos processos educacionais, possibilitando que cada estudante evolua conforme seu próprio ritmo. Esta observação do autor, a qual vem ao encontro da nossa temática, busca não apenas a aquisição de conhecimentos repassados na escola, mas também a promoção de um aprendizado significativo, que tenha relevância para a vida do sujeito,

tornando-o agente ativo na construção de seu conhecimento. Nesse sentido, a educação inclusiva promove mudanças mais efetivas nas práticas de ensinar e aprender de forma coletiva. Assim, a inclusão deve ser vista como um processo contínuo, que não depende apenas de normas e decretos, mas da criação de oportunidades reais e acessíveis, possibilitando o desenvolvimento pleno de todos os envolvidos no ambiente escolar.

4.3 Língua e Linguagem: expressões da essência comunicativa do ser

Temos conhecimento de que a língua e a linguagem são elementos intrínsecos, inseparáveis, aos seres humanos e a vida em sociedade, compondo-se como as principais formas pelas quais expressamos nossos pensamentos, sentimentos, cultura e identidade. Refletindo sobre o tema "Língua e Linguagem: Expressões da Essência Comunicativa do Ser" suscita-nos uma reflexão profunda sobre o papel fundamental que essas ferramentas desempenham na formação da nossa humanidade e na organização da sociedade.

Falando sobre o aspecto da organização da sociedade através da linguagem sabemos que este é um fenômeno central no estudo das ciências sociais e da linguística, até porque a linguagem é a base para a comunicação e interação entre sujeitos e seus grupos. Logo, a linguagem desempenha um papel fundamental na construção de normas, valores, estruturas de poder e na disseminação de culturas e conhecimentos.

Diversos autores e teorias pesquisam como a linguagem molda e estabelece as relações sociais, políticas e culturais, permitindo a constituição das sociedades.

Quando pensamos que a linguagem é o principal meio pelo qual os indivíduos constroem suas relações sociais, Mead (1934), pioneiro da sociologia interacionista, discorre que a linguagem é à base da interação simbólica, interação esta que faz com que os seres humanos consigam compartilhar suas experiências, conhecimentos e ações. Segundo o autor, a sociedade é organizada por meio de um conjunto de interações simbólicas, logo a linguagem, nas quais as palavras e os símbolos linguísticos permitem as construções sociais, tão essenciais para o funcionamento das instituições sociais e para a coordenação entre indivíduos.

Seguindo o mesmo viés de Mead, temos Habermas (1987) propõe a ideia da ação comunicativa, em que a linguagem é a principal estrutura para o entendimento e a negociação entre as partes sociais. Ou seja, através da linguagem, os indivíduos podem articular suas necessidades, interesses e argumentos, criando um espaço para o diálogo. Sobretudo a organização das sociedades depende da existência de uma esfera pública na qual o discurso linguístico é usado de forma livre e equitativa para as decisões coletivas.

Foucault (1971), por sua vez, explora como o discurso, a manifestação da linguagem em prática, é um instrumento de controle e poder. Ele apresenta que a linguagem também tem um papel central na construção e manutenção das estruturas de poder dentro da sociedade. Para o autor os discursos dominantes nas sociedades são controlados por instituições e elites que, por meio da linguagem, moldam o conhecimento e as normas sociais.

Freire (1987), mais tarde nos apresenta sua obra *Pedagogia do Oprimido*, e o mesmo sugere que a linguagem pode ser tanto uma ferramenta de dominação quanto de emancipação, fato que queremos destacar. O pesquisador argumenta que a conscientização crítica por meio do diálogo pode capacitar os menos abonados a reconhecer as estruturas de poder que os subjagam e agir para transformá-las.

Nessa totalidade, podemos compreender a linguagem usada nos meios de comunicação e na internet desempenha um papel categórico na formação de identidades coletivas. Assim, a organização da sociedade através da linguagem é um processo complexo e multifacetado, que envolve a criação e manutenção de interações sociais, a formação de estruturas de poder e a construção de identidades. Isso tudo, porque a linguagem, como veículo de comunicação e expressão, é o elemento fundamental que permite a organização das ações humanas. Ao mesmo tempo, ela pode ser uma ferramenta de controle social ou de emancipação, dependendo de como é utilizada. Então a compreensão desse papel central da linguagem na organização da sociedade é essencial para refletirmos sobre as dinâmicas e políticas que moldam nossas vidas, a escola e a vida de nossos alunos para identificar os caminhos possíveis para a transformação social.

Retomando o pensamento sobre a relação entre língua e linguagem, é importante diferenciarmos esses conceitos. Até porque a linguagem é um sistema mais amplo, que engloba qualquer forma de comunicação utilizada por seres humanos, seja através da arte, da cultura ou de outros elementos que se valem da linguagem, incluindo gestos, símbolos e sinais visuais ou sonoros. Segundo Saussure (2006), a linguagem é um fenômeno geral que vai além do verbal, sendo composta pela capacidade de comunicação por meio de signos.

Em contrapartida, a língua refere-se a um sistema específico de signos convencionados que são utilizados por uma comunidade para se comunicar. Por isso, por exemplo, da existência de tantas línguas orais e tantas outras línguas de sinais, pela convenção dos signos e seus significados e significantes. É um conjunto de regras estruturadas e convencionais que regem a forma como palavras, sons e significados são combinados para expressar ideias. Para Bakhtin (1995), a língua é um fenômeno social por excelência, sendo o produto da interação entre os indivíduos.

É válido ressaltar que a linguagem é, por muitas vezes, considerada uma das características que nos diferencia de outros seres vivos. Tanto que Chomsky (1965), ao propor sua teoria da gramática gerativa, mencionou que os seres humanos possuem uma capacidade inata para a linguagem, com um mecanismo mental que nos permite adquirir e utilizar a língua de maneira eficiente. Essa capacidade não apenas nos distingue como espécie, mas também permite a comunicação complexa, o raciocínio abstrato e o desenvolvimento de culturas, ciências e artes, mas, sobretudo ainda permite repassar conhecimentos e registrar nossa história para outras gerações, sendo assim que muitos de nossas evoluções científicas ocorreram, pelo fenômeno do registro da linguagem.

Os seres humanos não apenas transmitem informações, mas também constroem o mundo ao seu redor, o que é fundamental para o desenvolvimento do pensamento, sendo através da linguagem em si que o indivíduo internaliza o conhecimento adquirido socialmente, como afirma Vygotsky (2007).

A língua é também uma expressão direta da cultura e da identidade de um povo, ou seja, cada comunidade linguística desenvolve um conjunto de signos e símbolos que carregam significados culturais profundos, o que já mencionamos anteriormente sobre a convenção dos signos. Conforme Sapir e Whorf (1956), a estrutura de uma língua influencia a forma como seus falantes percebem e interpretam o mundo, e diante disso, quando pensamos na Língua Brasileira de Sinais, compreendemos que, por ser uma língua visual, é assim que seus membros compreendem o mundo, de forma visual, e sem informações prévias que muitos ouvintes possuem, ao “ouvir” outros conversando e discorrendo sobre o assunto. No caso da comunidade surda, estes só se apropriam de conceitos que chegam especificamente a eles, ou então do que eles visualizam, de forma propriamente dita. Esse fenômeno, conhecido como hipótese Sapir-Whorf ou relativismo linguístico, sugere que a língua molda a realidade, restringindo ou ampliando as formas de compreensão do mundo. O que explica a diferença de compreensão de um sujeito para o outro, e ainda, de sujeitos de culturas diferentes.

Nesse sentido, a língua é uma expressão da essência humana, além do mais, línguas diferentes trazem consigo formas distintas de interpretar o mundo, o que nos leva à ideia de que a linguagem é um reflexo das peculiaridades de cada cultura.

É importante referir também que muitas vezes recorremos a formas não-verbais de comunicação para nos expressar ou compreender o outro, especialmente quando a linguagem verbal não é suficiente ou viável. O uso de gestos, expressões faciais, sinais visuais e até mesmo objetos pode ser um recurso eficaz em contextos onde a barreira linguística ou situacional

impede o uso da fala. É como nos afirmam Quadros, Pizzio e Rezende (2008) sobre a comunicação:

A comunicação humana pode ocorrer de diferentes formas. Nem sempre recorremos à linguagem verbal (seja ela falada ou sinalizada) para nos expressarmos. Esse pode ser o caso quando duas pessoas não falam a mesma língua. Elas vão ter que encontrar outra forma para se comunicar como apontar para objetos, fazer desenhos, usar gestos para tentar expressar suas ideias. Até mesmo falantes de uma mesma língua, em determinadas situações, podem lançar mão de outros recursos para se fazer entender. Quando um guarda de trânsito faz um determinado movimento com os braços, as pessoas são capazes de compreender se devem parar se podem prosseguir se devem retornar, entre outros comandos. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2008, p. 2)

Desse modo compreendemos que o uso de formas alternativas de comunicação, que compreendem a linguagem humana, mostram o quanto somos adaptáveis e como a nossa capacidade de transmitir significado vai além das palavras. Vale lembrar que o uso de expressões faciais e corporais (expressões não manuais) é item gramatical nas línguas de sinais, o que já se encaixa no conceito de língua. Destarte, o contexto, as normas sociais e os elementos culturais também influenciam a forma como decodificamos esses sinais não verbais. A comunicação humana é um processo multimodal, unificando vários canais para garantir que a mensagem seja compreendida da melhor forma possível.

A essência comunicativa do ser humano, portanto, não se limita à língua falada ou escrita, mas se expande para múltiplos modos de interação, desde o visual até o digital.

No entanto, a linguagem permanece o âmago da capacidade e habilidade de se comunicar. As novas formas de expressão, como memes, emojis, vídeos e interações por redes sociais, são variações modernas da linguagem que continuam a desempenhar o papel de mediar nossas interações e construir significados coletivos. O uso da linguagem em contextos educacionais deve servir como estratégias que permitam que os indivíduos se reconheçam como sujeitos ativos no processo de construção de conhecimento e mudança social. Não apenas interpretamos o mundo, mas também o recriamos, questionando estruturas de poder e propondo novas formas de organização social. E pedagogicamente também devemos fazer com que o outro aprenda tais movimentos, demonstrando o poder da palavra para moldar consciências e transformar realidades.

Assim sendo, a língua e a linguagem são, sem dúvida, expressões essenciais da condição humana, e uma não pode desassociar-se da outra. Elas nos conectam uns aos outros, nos permitem construir significados, nos capacitam para o novo e moldam tanto nossa percepção do mundo quanto a realidade que está ao nosso redor. Elas constituem a essência comunicativa do ser humano, revelando-se como ferramentas poderosas para transformar e evoluir.

Para finalizar, vale citar que, enquanto a língua é uma construção social que carrega a identidade cultural de um povo, a linguagem, em seu sentido mais amplo, é o que nos define como seres humanos. Conseqüentemente, podemos afirmar que a língua e a linguagem não são apenas reflexos de nossa essência, mas também o meio pelo qual continuamente a criamos e recriamos.

4.4 Inclusão do ensino de Libras como segunda língua - L2: para ouvintes no Ensino Médio

Quando refletimos sobre a possibilidade de implementar o ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua para aqueles que ouvem, nos unimos a um projeto que respeite e valorize a diversidade, o qual vê a inclusão como algo poderoso o suficiente para tornar a educação e o futuro de nossos jovens estudantes promissor. Para tanto garantir que o ensino de Libras para estudantes ouvintes no Ensino Médio seja algo além de política pedagógica; estamos determinados a lutar por essa causa social, cultural e humana.

Portanto, ao pensar na proposta de ensinar a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua aos ouvintes, não estamos apenas fomentando um projeto social de respeito à diversidade, mas reconhecendo uma grande conquista do movimento surdo. Sendo esta mais uma conquista dos movimentos surdos a favor de políticas públicas mais inclusivas, seguindo o mesmo viés temos Martins; Lisbão (2019, p. 211) que enfatizam as lutas por políticas públicas bilíngües educacionais de acordo com as quais a língua de sinais deve estar presente na escola. Ou seja, esta proposta vê na inclusão a possibilidade de melhores oportunidades educacionais e, assim, de um futuro mais promissor para nossos jovens. Do ponto de vista legal, tal proposta é embasada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que torna como meios de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta o uso e o ensino de Libras em instituições de ensino e torna obrigatórios os cursos de formação de professores de Língua Brasileira de Sinais.

Entretanto, entende-se que a língua de sinais não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um catalisador de inclusão e transformação social. Ao implementá-la no Ensino Médio para ouvintes, estamos não apenas ensinando uma nova língua, mas ampliando horizontes, promovendo o respeito à diversidade, formando cidadãos mais conscientes e preparados para o mundo.

O Ensino Médio é um período muito importante na formação do jovem não apenas para sua entrada no mercado de trabalho ou ensino superior, mas também para o desenvolvimento

de sua cidadania e consciência social. Nesse sentido, inserir Libras como disciplina obrigatória e não apenas opcional proporciona ao aluno uma educação que o prepararia melhor para enfrentar os ambientes sociais.

Desta forma enfatiza Ferreira (1995), ao aprender a língua visual-gestual da comunidade surda, os ouvintes são capacitados a se comunicar de forma eficaz com pessoas surdas, ampliando suas habilidades linguísticas e promovendo a inclusão em diversos contextos sociais e profissionais. Nesse sentido, Silva (2024) expõe que o ensino de Libras para ouvintes contribui para a valorização da cultura surda e para o reconhecimento da diversidade linguística como um aspecto fundamental da identidade humana.

No entanto, ao garantir o ensino de Libras no Ensino Médio, garantimos um espaço em que a barreira da comunicação entre surdos e ouvintes deixe de ser um problema para a inclusão. Estamos educando jovens que tenham habilidades para se comunicar conversar e se relacionar com seus pares surdos diretamente, sem intermediários, sem a necessidade de um "tradutor" ou "intérprete". E, o vínculo social entre essas comunidades, abrindo todas as portas ao entendimento de que o acesso à linguagem é um direito universal.

Para Pedroni (2021, p.42)

Ensinar Libras para ouvintes é, para, além disso, tudo, ampliar o universo de participação social dos surdos e não apenas dos ouvintes que aprendem essa língua. Essa prática abre e muito a possibilidade para que os surdos sejam vistos como igualmente capazes, aumenta e muito o nível de socialização dos surdos e, contribui de maneira significativa com o fim do isolamento linguístico do surdo na família, na sociedade e nos mais diferentes espaços onde se possa exercer a plena cidadania.

Ressaltamos a urgência de Libras deixar de ser tratada como uma disciplina secundária, restrita a contextos específicos como cursos de Licenciatura, Fonoaudiologia, cursos de formação de professores e escolas bilíngues. Ela deve ser incorporada de maneira mais abrangente no currículo educacional, garantindo que todos os alunos tenham acesso ao seu aprendizado assim contribuindo para a efetivação de uma sociedade inclusiva.

Frente ao reconhecimento e implementação do ensino de Libras como segunda língua na educação básica, Pedroni (2021) ressalta que a possibilidade de os surdos serem vistos como igualmente capazes, aumenta significativamente o nível de socialização desses sujeitos e, contribui de maneira significativa com o fim do isolamento linguístico do surdo na família, na sociedade e nos mais diferentes espaços onde se possa exercer a plena cidadania. Seguindo o mesmo pensamento Lima (2022) enfatiza a Língua de Sinais, como segunda língua para

ouvintes significa, de fato, a inclusão social do surdo, pois se entende que, desta maneira, a criança surda tem mais chances de se desenvolver [...].

Não se pode mais negar aos surdos o direito de serem parte integrante e participativa de nossa sociedade. Além disso, para que o surdo possa desenvolver-se, não basta apenas permitir que use sua língua, é preciso também promover a integração com sua cultura, para que se identifique e possa utilizar efetivamente a língua de sinais. (Caporali, 2005, p. 595).

A citação de Caporali (2005, p. 595) destaca a importância de garantir não apenas o uso da Língua de Sinais pelos surdos, mas também o direito à plena integração cultural, enfatizando a necessidade de conexão com sua cultura. Ao abordar o ensino de Libras como segunda língua para ouvintes, é fundamental que esse aprendizado vá além da simples aquisição da língua.

Nesse sentido Saviani (2015) argumenta ensinar Libras para ouvintes significa dar aos surdos, oportunidades de se comunicarem, e interagirem com seu ambiente, oportunidades de serem aceitos no mercado de trabalho, pois por meio de uma experiência ativa com a comunidade eles podem adquirir sua cultura e a cultura dela e formar sua identidade.

O ensino de Libras deve envolver também a compreensão da cultura surda. Isso significa que, ao aprender Libras, os alunos ouvintes não apenas desenvolvem a habilidade de se comunicar em sinais, mas também reconhecem o valor da identidade surda e as contribuições dessa comunidade para a sociedade como um todo.

Assim, o ensino de Libras torna-se uma prática que promove não apenas a comunicação, mas também a valorização e o respeito pela cultura surda, fomentando um ambiente mais inclusivo e consciente nas interações sociais.

Considerando o exposto, Silva (2024) defende o ensino de Libras para ouvintes representa uma importante iniciativa na promoção da inclusão e da diversidade linguística. Ao proporcionar aos ouvintes a oportunidade de aprender a língua das pessoas surdas, essa prática contribui para a construção de uma sociedade mais justa e acessível, onde todos tenham a oportunidade de se comunicar e se relacionar de forma significativa.

Outrossim, entendemos a necessidade de novas metodologias que incentivem a participação dos estudantes em situações comunicativas reais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e acessível.

Com isso, o trabalho agora avança para a fase de organização, coleta e elaboração de sequências didáticas, que buscarão implementar esses princípios na prática. A próxima seção apresentará a estrutura e os conteúdos programáticos das sequências didáticas propostas para o

ensino de Libras a estudantes ouvintes no Ensino Médio, buscando promover a inclusão e o respeito à diversidade linguística.

5. APRENDIZAGEM DE LIBRAS PARA OUVINTES E SURDOS: A VALORIZAÇÃO DA CULTURA SURDA COM AUXÍLIO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

O foco deste capítulo final é discutir o ensino de Libras para alunos ouvintes e surdos, enfatizando não apenas a aquisição da língua, mas também a valorização da cultura surda, assim buscamos explorar como essa prática pode desmistificar preconceitos sobre a surdez e promover uma conscientização sobre a identidade e as experiências da comunidade surda.

Nesse sentido além de destacar a relevância cultural, este capítulo irá abordar a necessidade de materiais e recursos pedagógicos adequados, que atualmente são escassos, nesse contexto a criação de sequências didáticas bem planejadas e alinhadas com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são essenciais para garantir que o ensino de Libras seja estruturado e progressivo, promovendo o desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos ouvintes e surdos de forma eficaz. Essas sequências didáticas, descritas nesta etapa da pesquisa, incluem atividades práticas e interativas que visam proporcionar o aprendizado e estimular a participação ativa dos estudantes, conectando-os com a realidade cultural da comunidade surda.

Dessa forma, este capítulo não apenas detalha o produto final da pesquisa, uma sequência didática para o ensino de Libras em escolas regulares, mas também enfatiza o papel fundamental que a educação desempenha na formação de uma sociedade bilíngue e inclusiva. Através dessas práticas pedagógicas, busca-se promover a equidade no ambiente escolar, assegurando que tanto surdos quanto ouvintes possam se comunicar e interagir de maneira respeitosa, contribuindo para a construção de uma sociedade justa.

O ensino de Libras como língua adicional para ouvintes apresenta desafios significativos, principalmente pela escassez de materiais didáticos adequados e pela falta de professores capacitados. Muitos ouvintes desconhecem a importância da Libras, o que dificulta o aprendizado de uma língua visual-gestual como essa. Contudo, essa realidade também abre oportunidades para uma educação mais inclusiva. A inclusão de Libras no currículo escolar pode ampliar a sensibilização sobre a diversidade linguística e contribuir para a construção de uma sociedade bilíngue, onde ouvintes e surdos compartilhem o mesmo espaço de forma mais equitativa.

O aprendizado da Libras é um passo fundamental para promover a comunicação inclusiva e a valorização da cultura surda. Ao aprender Libras, ouvintes e surdos não apenas

aprimoram suas habilidades de comunicação (entre surdos e ouvintes, surdo e surdos), mas também reconhecem e respeitam a identidade e a cultura dessa comunidade. O ensino de Libras nas escolas fortalece a ideia de que a inclusão não se trata apenas de adaptação, mas de uma transformação estrutural no sistema educacional, que deve abranger tanto o ensino da língua quanto a promoção da convivência e respeito mútuos.

Para que o ensino de Libras seja efetivo, é necessário desenvolver metodologias que levem em conta as particularidades linguísticas e culturais dos surdos. O ensino de uma língua visual-espacial como Libras exige práticas pedagógicas inovadoras, com sequências didáticas que incorporem atividades práticas, interações com a comunidade surda e o uso de recursos multimodais. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se torna mais eficiente, não apenas para os alunos ouvintes, mas também para a preservação e valorização da riqueza cultural surda.

5.1 Sequência Didática – Aprendizagem de Libras para estudantes ouvintes no Ensino Médio

Nesta etapa, iremos explicar e detalhar o capítulo final da pesquisa, que consiste em apresentar a elaboração de uma sequência didática para o desenvolvimento de práticas de inclusão da Libras em escolas regulares. As atividades aqui descritas são divididas e relacionadas de acordo com propostas na área de linguagens da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo fundamentada em materiais didáticos multimodais e metodologias ativas.

Para Lima (2016), os materiais didáticos multimodais, possibilitam aprendizagens ativas, interativas e colaborativas, e permitem uma troca de conhecimento multicultural, apostando na interconexão entre diferentes pessoas e culturas, assim como, potencializando a construção de conhecimento dentro e fora da sala aula. Essa perspectiva alinha-se com os pensamentos das autoras Rojo e Barbosa (2015) as quais também conceituam o texto multimodal como:

[...] aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos os símbolos (semioses) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias análogas e digitais (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108).

Para tanto os materiais didáticos multimodais, como discutido por Lima (2016), promovem aprendizagens ativas e colaborativas, incentivando a troca multicultural e ampliando as possibilidades de construção de conhecimento dentro e fora da sala de aula. Essa perspectiva está alinhada com Rojo e Barbosa (2015), que definem o texto multimodal como aquele que combina diferentes sistemas de linguagem, como verbal, gestual, sonora e visual. Esse formato é essencial na elaboração de sequências didáticas para o ensino de Libras a alunos ouvintes e surdos no Ensino Médio, pois permitem a integração de diferentes formas de comunicação, facilitando o aprendizado de ambos os grupos.

Este capítulo não apenas apresenta a estrutura das atividades propostas, mas também enfatiza a importância do ensino de Libras como uma ferramenta para promover a valorização da cultura surda. Assim, ao integrar o aprendizado de Libras com práticas inclusivas e interativas, buscamos não apenas desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos ouvintes e surdos, mas também fomentar a construção de uma sociedade bilíngue, onde a diversidade cultural e linguística é reconhecida e valorizada.

Com base nas reflexões teóricas e metodológicas apresentadas, destaca-se a relevância da implementação de materiais didáticos multimodais e metodologias ativas no ensino de Libras para estudantes ouvintes e surdos no Ensino Médio. Essa abordagem visa não apenas promover a aprendizagem da Libras, mas também fomentar a inclusão e a valorização da cultura surda no ambiente escolar.

A partir deste ponto, o trabalho se concentra na organização e coleta dos materiais necessários, além da elaboração de sequências didáticas voltada para o ensino de Libras. Essa proposta será fundamentada em metodologias assistivas e abordará conteúdos programáticos, como a história da comunidade surda, os parâmetros da Libras e noções básicas de língua de sinais, integrando temas do cotidiano escolar e da cultura surda. Essa etapa culminará na apresentação do produto final alinhado às diretrizes da BNCC.

Visando à aprendizagem conjunta ao desenvolvimento integral de alunos surdos e ouvintes, estas sequências didáticas foram elaboradas com um foco prático e interativo.

Segundo Zabala (1998), a sequência didática é um “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p. 18), contudo acredita-se que seja válido o acréscimo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004 p.95-128) quando dizem que “as sequencias didáticas são conjuntos de atividades ligadas entre si, que desenvolvem-se nas escolas de forma bem organizada [...]”.

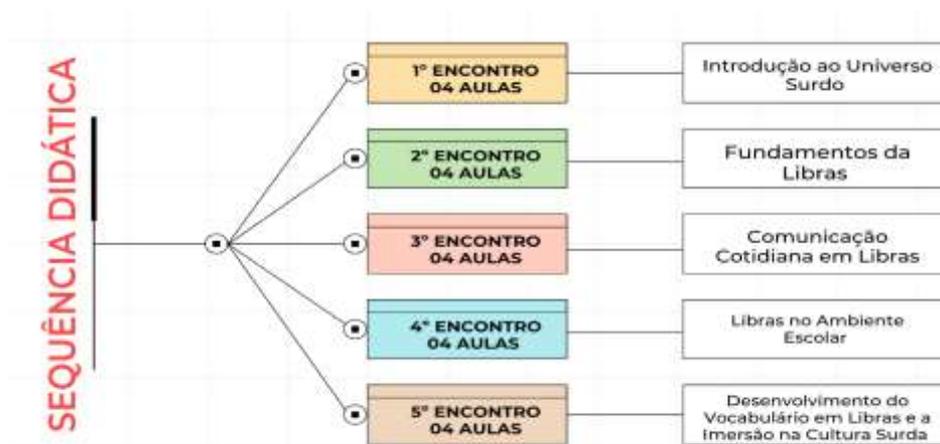
Para além Marcuschi aponta outro aspecto fundamental no trabalho com sequência didática que é a criação de situações com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores (MARCUSCHI, 2002). E para Dubeux e Souza (2012, p. 27), “a sequência didática consiste em um procedimento de ensino, em que o conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem”.

Portanto, inspiradas por esses autores, adaptamos as sequências didáticas para transformá-las em um instrumento de intervenção, que ofereçam uma abordagem prática e contextualizada ao processo educacional. A iniciativa desenvolvida incluiu atividades e recursos didáticos diversificados, explorando os múltiplos aspectos da cultura surda e seus fundamentos teóricos e práticos em Libras.

A ênfase na criação de situações comunicativas contextualizadas e na articulação entre produtor e receptor reforça a importância de práticas significativas de ensino. Ao adaptar essas sequências com base nas referências mencionadas, a proposta ganhou caráter interventivo, aproximando teoria e prática, e permitindo que o ensino de Libras se desenvolva de forma integrada aos aspectos culturais da comunidade surda. Essa abordagem favorece uma aprendizagem mais efetiva e sensível à diversidade linguística, promovendo inclusão e reconhecimento no ambiente escolar.

Para tanto foram elaboradas as sequências didáticas com foco prático e interativo, conforme figura referente à organização das sequências didáticas (SD).

Figura 10 - Organização da sequência didática



Fonte: Autora (2025)

A figura apresenta a organização de uma sequência didática para cinco encontros de quatro aulas cada, totalizando 20 aulas, a proposta busca consolidar o conhecimento através de atividades dinâmicas, como trabalhos em grupo, ensaios práticos, criação de jogos educativos e a aprendizagem gradual dos sinais em Libras. Acreditamos que essa abordagem experiencial e colaborativa facilitará a apropriação do conteúdo e a construção de relações sociais significativas entre surdos e ouvintes.

Ademais, a consolidação de um ambiente escolar que promova a aprendizagem equitativa para todos os alunos demanda uma revisão das práticas pedagógicas sob a ótica da inclusão de novos recursos. Incentivar o aluno a internalizar novos conhecimentos, visando não apenas o aprimoramento de habilidades interpessoais, mas também a totalidade do saber que a escola pode edificar em conjunto com o indivíduo, impulsionando sua independência na vida em sociedade. Ainda que a escola não seja o único local de letramento acessível aos estudantes, ela se sobressai como o espaço mais adequado para o desenvolvimento de competências. Apresentamos o quadro abaixo, que delinea os elementos norteadores de cada encontro previsto na sequência didática, compreendendo os campos de conhecimento, os propósitos de aprendizagem e as capacidades a serem desenvolvidas em cada planejamento das sequências didáticas.

Apresentamos o quadro abaixo com os pontos norteadores de cada proposta a ser trabalhada na sequência didática.

Quadro 01 - Pontos norteadores de cada proposta: sequências didáticas

Pontos norteadores de cada proposta das sequências didáticas		
Objetos do Conhecimento	Objetivos da Aprendizagem	Habilidades
Introdução ao Universo Surdo: História da comunidade surda no Brasil e no mundo; Legislação (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005); Cultura surda.	Compreender a trajetória histórica da comunidade surda no Brasil e no mundo, identificando os marcos e desafios que marcaram sua luta por reconhecimento e inclusão; Conhecer as principais leis e decretos que garantem os direitos da comunidade surda, especialmente no contexto educacional, e sua importância para a inclusão social; Desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a Libras e a cultura surda, reconhecendo a Libras como	Analisar criticamente os eventos históricos relacionados à comunidade surda, identificando suas causas e consequências; Avaliar a importância da legislação para a promoção da inclusão social da comunidade surda; Identificar e desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a Libras e a cultura surda;

	uma língua rica e complexa e a cultura surda como parte da diversidade humana.	Utilizar a terminologia correta e respeitosa ao se referir à comunidade surda e às pessoas surdas.
Fundamentos da Libras: Alfabeto manual e numérico; Parâmetros da Libras (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal); Cumprimentos.	Compreender os cinco parâmetros da Libras e como eles se combinam para formar os sinais, reconhecendo a importância de cada parâmetro para a produção e compreensão correta dos sinais; Reconhecer e reproduzir as configurações de mão do alfabeto manual e dos numerais em Libras, utilizando-os para soletrar nomes próprios, palavras que não possuem sinal específico e para expressar números; Utilizar os sinais de cumprimentos, pronomes pessoais e verbos básicos em Libras para construir frases simples e iniciar diálogos básicos, demonstrando compreensão da estrutura básica da frase em Libras.	Demonstrar a capacidade de combinar os parâmetros da Libras para produzir sinais corretamente; Identificar e diferenciar os cinco parâmetros da Libras; Utilizar o alfabeto manual para soletrar palavras e nomes próprios, bem como expressar números em Libras de forma clara e precisa; Participar de diálogos simples em Libras, demonstrando compreensão e capacidade de comunicação.
Comunicação Cotidiana em Libras: Saudações Pronomes pessoais Advérbios de Tempo Dias da semana Tempo do Calendário	Expressar informações de forma clara e concisa; Compreender e utilizar os sinais relacionados ao calendário, como dias da semana, meses do ano e datas comemorativas, e ao tempo verbal, como presente, passado e futuro, para descrever eventos e situações do dia a dia; Utilizar os sinais relacionados aos espaços, ampliando o vocabulário e a capacidade de comunicação em Libras.	Apresentar-se e fornecer informações básicas em Libras; Compreender e utilizar sinais para os dias da semana, meses do ano e datas comemorativas; Descrever rotinas diárias e eventos importantes, usando o vocabulário de calendário e tempo verbal; Participar de conversas sobre temas do dia a dia, utilizando os sinais aprendidos; Descrever experiências e situações do cotidiano em Libras
Libras no Ambiente Escolar: Materiais escolares Disciplinas escolares. Meios de Comunicação e redes sociais	Compreender e utilizar os sinais para as diferentes disciplinas escolares, como matemática, português e história, para se comunicar sobre atividades e conteúdos escolares em Libras; Ampliar o vocabulário em Libras relacionado ao ambiente escolar, incluindo sinais para pessoas, lugares e situações comuns, para se comunicar de forma mais eficaz nesse contexto.	Participar de atividades que envolvam a descrição de objetos e pessoas no ambiente escolar, utilizando os sinais aprendidos; Expressar-se sobre atividades e conteúdo das disciplinas escolares, utilizando os sinais apropriados; Participar de discussões e atividades sobre temas escolares em Libras;

<p>Desenvolvimento do Vocabulário em Libras e a Imersão na Cultura Surda</p> <p>Verbos em Libras;</p> <p>Reconhecer a diversidade de talentos e conquistas da comunidade surda.</p>	<p>Ampliar o repertório de verbos em Libras, compreendendo suas variações e nuances, e utilizá-los para construir frases mais complexas e expressar ações com precisão;</p> <p>Reconhecer e valorizar a diversidade de talentos e conquistas da comunidade surda, através do estudo de biografias e obras de surdos que se destacaram em diversas áreas, desmistificando estereótipos e inspirando os alunos.</p>	<p>Identificar e utilizar diferentes tipos de verbos em Libras (direcionais, espaciais, classificadores, etc.);</p> <p>Compreender e aplicar as variações de verbos em Libras, como tempo, aspecto e concordância;</p> <p>Identificar e compreender as diferentes áreas em que os surdos se destacaram, como artes, ciências, educação, esportes e pesquisa acadêmica;</p> <p>Desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a surdez, reconhecendo a diversidade de talentos e o potencial da comunidade surda;</p> <p>Reconhecer a importância da pesquisa acadêmica produzida por surdos, incentivando a busca por conhecimento e a produção de novas pesquisas.</p>
--	---	---

Fonte: Autora (2025)

Essas sequências didáticas, foram estruturadas em cinco eixos temáticos interligados, cuidadosamente elaborada com o propósito de promover a inclusão efetiva de alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar, através do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais -Libras e da valorização da cultura surda. Cada eixo temático, delineado em quatro aulas, foi minuciosamente planejado para contemplar os objetivos do conhecimento, os objetivos da aprendizagem e as habilidades a serem desenvolvidas e conteúdos relevantes, garantindo uma progressão lógica e significativa no processo da aprendizagem.

Os eixos temáticos das propostas contemplam a história da comunidade surda, as legislações vigentes, a desconstrução de mitos e preconceitos, o desenvolvimento de vocabulário e gramática da Libras, e a exploração de manifestações culturais surdas, foram selecionados com o intuito de proporcionar aos alunos uma visão abrangente e aprofundada do universo surdo. Acreditamos que a compreensão da história e da cultura surda, aliada ao domínio da Libras, são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos surdos.

A abordagem multimodal, que integra recursos visuais, espaciais e interativos, visa atender às necessidades e aos estilos de aprendizagem de todos os alunos, promovendo um ambiente de aprendizado dinâmico e engajador. Acreditamos que a prática constante, a contextualização dos conteúdos e a interação entre surdos e ouvintes são elementos chave para o sucesso da sequência didática.

Em suma, os pontos norteadores de cada proposta nas sequências didáticas foram concebidos para proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizado rica e transformadora, que contribua para a formação de cidadãos críticos, conscientes e respeitosos em relação à diversidade linguística e cultural.

5.2 Sequências Didáticas

Nas próximas páginas, o leitor é conduzido por uma jornada de descobertas e conexões. Saiba que no mundo onde vivemos algumas pessoas utilizam uma comunicação diferenciada, essa comunicação é expressa através do olhar, do gesto e do movimento, um mundo onde a Língua Brasileira de Sinais - Libras ganha vida. Para tanto essas sequências didáticas multimodais foram cuidadosamente elaboradas para ser mais do que um guia; sendo um convite para desvendar esse universo fascinante da Libras e da cultura surda. Cada sequência didática é um portal para novas experiências, uma peça de um quebra-cabeça que se completa com a sua participação. Aqui, a aprendizagem se torna uma aventura colaborativa, onde o material didático multimodal e as atividades interativas se unem para criar um ambiente rico e estimulante. Prepare-se para vivenciar o estudo e as práticas em Libras de forma dinâmica e transformadora, onde a comunicação transcende barreiras, a inclusão se torna realidade, a valorização da cultura surda se fortalece e a convivência e ampliação do conhecimento entre surdos e ouvintes se tornam possíveis.

Sugestão de proposta de sequências didáticas para o Ensino da Língua Brasileira de Sinais no Ensino Médio para alunos ouvintes e surdos.

Quadro 02 - 1 Sequência Didática

1 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Área de Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias

Componente curricular	Práticas em Libras
Número de aulas	04
Série/ano	1º ano Ensino Médio
Assuntos das aulas	<p>* Breve história da comunidade surda no Brasil e no mundo.</p> <p>* Legislação (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005) de forma acessível e contextualizada.</p> <p>* Cultura surda.</p>
Competência específica com base na BNCC	<p>Competência 4- Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.</p> <p>Competência 7- Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.</p>
Habilidade(s) com base na BNCC	<p>(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.</p> <p>(EM13LGG304) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética.</p> <p>(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico.</p> <p>(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.</p>
Objeto(s) de conhecimento dos assuntos trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o conhecimento sobre a história e cultura surda no Brasil e no mundo. - Compreender a legislação que garante os direitos linguísticos da comunidade surda. - Desmistificar crenças errôneas sobre a Libras e a cultura surda. - Utilizar terminologia correta e respeitosa ao se referir à comunidade surda. - Explorar as diversas formas de expressão da cultura surda.
Recursos utilizados	Internet, multimídia, tablets, celulares.
Referências	<p>BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017.</p> <p>Strobel. Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/swFS</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/STX7</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/BppU</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/bhZk</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/XUaW</p>

Fonte: Autora (2025)

Possível caminho metodológico para desenvolvimento da sequência didática:

Introdução ao Universo Surdo (4 aulas)

Conteúdo: História da comunidade surda no Brasil e no mundo. Legislação (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005) de forma acessível e contextualizada. Libras e a cultura surda. Artefatos da cultura surda, como a arte, o teatro e a literatura surda.

Tempo: aproximadamente quatro aulas, de 45 minutos cada.

1ª ETAPA: Avaliação Diagnóstica - Explorando o Universo Surdo

Nessa etapa o objetivo é fazer uma sondagem sobre o nível de conhecimento que o aluno tem sobre o assunto que será abordado. A avaliação diagnóstica é fundamental para garantir que a sequência didática seja significativa e relevante para os alunos. É importante criar um ambiente acolhedor e seguro para que os alunos se sintam à vontade para expressar suas opiniões, contribuindo para a desmistificação de estereótipos e para a promoção da inclusão e do respeito à diversidade.

Objetivo:

- Investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre a história, cultura e identidade surda;
- Mapear as percepções e os estereótipos existentes em relação à comunidade surda;
- Dialogar com os educandos buscando gerar trocas de informação e ampliação do conhecimento frente aos assuntos discutidos;

2ª ETAPA – História da comunidade surda no Brasil e no mundo. Legislação (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005) de forma acessível e contextualizada.

Esta apresentação é um convite para explorarmos essa trajetória, desde a antiguidade até os dias atuais, culminando como a Lei e o Decreto de Libras. Passando de uma visão de isolamento ou incapacidade, a surdez foi, aos poucos, reconhecida como parte legítima da diversidade humana.

Apresentamos assim uma síntese breve da História da Surdez, em formato de slides, sendo exemplo de uma possibilidade de apresentação.

Figura 11 - Breve História da Surdez



Breve História da Surdez

Idade Antiga

- Diversas atrocidades eram cometidas contra os surdos: eram asfixiados, tinham a garganta cortada e eram lançados de precipícios nas ondas do mar.
- No Egito, os surdos eram vistos como indivíduos privilegiados e, por vezes, adorados.
- Em Roma, os surdos eram frequentemente vistos como pessoas castigadas ou enfeitiçadas.
- Na Grécia os surdos eram considerados inválidos, por isso eram condenados à morte.

Idade Média

Frequentemente, eram vistos com desconfiança e incompreensão, associados a limitações intelectuais ou até mesmo a castigos divinos.

Eram impedidos de receber heranças, testemunhar em tribunais e participar de decisões legais, o que limitava sua autonomia e participação na sociedade.



Idade Moderna

- Novos cenários para os indivíduos surdos, marcados pelo início de investigações, principalmente na área médica, que buscavam compreender a surdez e suas causas.
- Nesse período, começaram a surgir tentativas mais sistemáticas e efetivas de estabelecer comunicação com os surdos, impulsionadas pelo interesse em educá-los e integrá-los à sociedade.

Girolamo Cardano (1501-1576), médico e filósofo, reconhecia a habilidade do surdo para a razão. Afirmava que "[...] a surdez e a mudez não são impedimento para desenvolver a aprendizagem, e o melhor meio de os surdos aprenderem é através da escrita [...], e que era um crime não instruir um surdo-mudo" (Nascimento, 2006, p. 185). Ele utilizava a língua de sinais e a escrita com os surdos.

O monge franciscano **Melchor Sánchez de Yebra (1528-1586)**, de Madrid, foi o primeiro a escrever um livro chamado "Refugium Infirmorum", que descreve e ilustra o alfabeto manual da época. O livro foi publicado sete anos após a sua morte



Veloso e Filho (2009)

Século XVI, na Espanha, o monge beneditino **Pedro Ponce de León** estabeleceu a primeira escola para surdos, desenvolvendo uma metodologia educacional inovadora que incluía dactilologia, escrita e oralização. Ele ensinou latim, grego, italiano e conceitos de física e astronomia a crianças surdas, incluindo os irmãos Francisco e Pedro Velasco, membros da aristocracia espanhola.

Juan Pablo Bonet (1579-1623) educou membros surdos da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto dactilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo Rei Henrique IV como "Marquês de Frenzi", publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos.

Jacob Rodrigues Pereira (1715-1790) foi, possivelmente, o primeiro professor de surdos na França. Ele ensinou sua mãe surda a falar e utilizou métodos de ensino da fala e exercícios auditivos com pessoas surdas.

Thomas Braidwood - 1760 fundou a primeira escola para surdos na Inglaterra, onde ensinava a compreensão e a pronúncia das palavras, enfatizando a leitura orofacial.

Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) Paris.

- Conhecido como o "pai dos surdos".
- Iniciou sua interação com surdos carentes em Paris depois de conhecer irmãs surdas que se comunicavam por gestos.
- Se dedicou a entender a comunicação dos surdos, realizando os primeiros estudos formais sobre a língua de sinais.
- Ensinava surdos em sua casa, combinando a língua de sinais com a gramática francesa, criando os "sinais metódicos".
- Em 1755, fundou a primeira escola para surdos com financiamento público.



Veloso e Filho (2009)



Idade Contemporânea 1789 até os dias atuais

Jean Marc Gaspard Itard-1802, médico francês

- Trabalhou no Instituto de Surdos em Paris.
- Inicialmente, ele considerava a surdez uma doença curável e proibiu o uso da Língua de Sinais.
- Itard submeteu os pacientes surdos a tratamentos brutais e ineficazes.
- Posteriormente, ele reconheceu a ineficácia de seus métodos e admitiu que a Língua de Sinais era a melhor forma de comunicação para os surdos.

Thomas e Laurent Clerc Fundaram a Primeira Escola Permanente para Surdos dos Estados Unidos, em Hartford (Connecticut). Em 15 de abril de 1814, onde todos os professores eram fluentes na LFS.



Em 1864, foi criada a primeira universidade nacional para surdos, a "Universidade Gallaudet", localizada em Washington, Estados Unidos.



Alexander Graham Bell (1847–1922)

- Era um forte opositor ao uso da Língua de Sinais como meio de comunicação para surdos.
- Acreditava que a linguagem falada era superior à Língua de Sinais.
- Criticou o casamento entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando que promoviam o isolamento dos surdos.
- Argumentava que a Língua de Sinais não permitia o desenvolvimento intelectual dos surdos.



Eduard Huet (1822 e 1882), professor surdo

- Foi um dos principais responsáveis pela educação de surdos no Brasil.
- O primeiro diretor do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
- Em parceria com Dom Pedro II, Huet implementou um modelo de educação inspirado no sistema francês, adaptando a língua de sinais à realidade brasileira.
- Huet apresentou um relatório a Dom Pedro II em 1855, que resultou na criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos.
- A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem suas raízes na Língua de Sinais Francesa (LSF), devido à influência de Huet.



Congresso de Milão (1880): Um Marco de Retrocesso para a Educação Bilingue de Surdos.

- A principal decisão tomada foi a adoção do Método Oral-Puro, que priorizava o ensino da fala em detrimento da língua de sinais.
- Como consequência, o uso da língua de sinais foi proibido nas escolas para surdos.
- Alexander Graham Bell, conhecido por inventar o telefone, teve uma influência significativa nesse congresso, defendendo o método oralista.
- A decisão do congresso levou à negação de professores surdos nas escolas, já que eles eram usuários da língua de sinais.

LÍNGUA DE SINAIS E A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.

- Teve início em 1857 com a chegada do professor francês Eduard Huet, o qual fundou, no Rio de Janeiro, a primeira escola dedicada ao ensino de pessoas surdas.
- Em 26 de setembro de 1857, fundou-se o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
- Na década de 1980, com as pesquisas de Lucinda Ferreira Brito, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) começou a ser estudada formalmente e a comunidade surda iniciou a luta pelo reconhecimento da Libras como sua primeira língua, buscando um modelo de educação bilíngue.

Oralismo

O modelo educacional se consolidou e ganhou força no Congresso de Milão. O objetivo principal é que os surdos aprendam a falar e se comunicar oralmente, como os ouvintes.



<https://novaescola.org.br/conteudo/1767/ninguem-fala-a-mesma-lingua-sobre-a-alfabetizacao-de-surdos>

Comunicação Total

Adotava abordagens alternativas que permitissem ao surdo se expressar utilizando uma combinação de diferentes recursos, como língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, fala, expressão facial, escrita, desenhos e o alfabeto manual.

Bilinguismo

Considera a primeira língua do surdo (L1, a língua natural) como sendo a língua de sinais, e a L2 (segunda língua), a língua escrita do país.



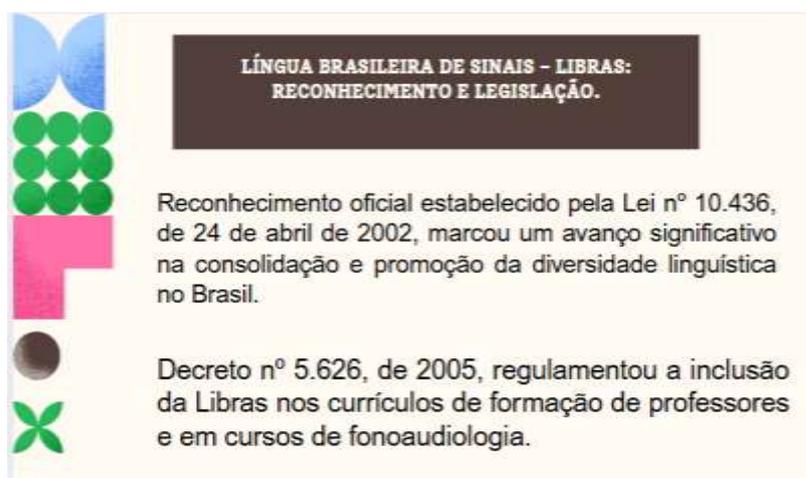
<https://rodrigimentalibras.webnode.page/1/o-proposta-bilingue-na-educacao-de-surdos/>

Língua Brasileira de Sinais – Libras

São classificadas como gestual-visuais, pois a comunicação é emitida principalmente por meio de sinais realizados com as mãos, enquanto a recepção dessa comunicação ocorre pelo olhar.



https://seeklogo.com/vector-logo/433892/emboio-acessivel-em-libras@google_vignette



Fonte: Autora (2025)

Sugestão de leitura

Para entender mais, convido você a realizar a leitura desse material **A História dos Surdos**. Acesse: <https://gqr.sh/STX7> O material apresenta uma linha do tempo contextualizando a história da surdez.

1- Sugestão de atividade: Com base no que estudamos e com auxílio de outras pesquisas, elabore um mapa mental ou uma linha do tempo que ilustra a evolução da história da surdez. Inclua eventos importantes, figuras históricas relevantes, marcos legais na educação de surdos, avanços tecnológicos e mudanças na percepção da comunidade surda ao longo do tempo. Utilize palavras-chave, imagens e conexões visuais para representar as relações entre os eventos e conceitos. Para realizar essa atividade você pode utilizar os mais variados materiais e técnicas, basta ousar em sua criatividade (folhas de ofício, cartolina, imagens de revista, desenhos, aplicativos, canva...). Ao final, sugere-se a socialização dos trabalhos.

3ª ETAPA - Investigação sobre Cultura Surda.

Nesta etapa, será explanado o conteúdo por meio de um infográfico sobre a cultura surda, fundamentado na obra "As imagens do outro sobre a cultura surda" de Karin Strobel (2008).

Strobel (2008, p.18), a partir dos Estudos Culturais, define cultura como uma ferramenta que transmite e interpreta diferentes visões de mundo, moldando a vida social por meio de diversas formas de ser e compreender.

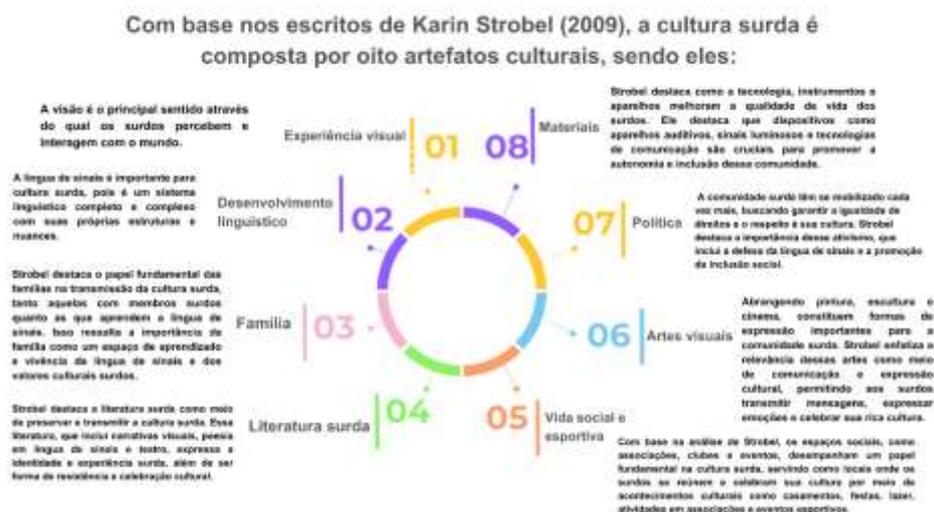
A atividade visa mobilizar saberes e habilidades específicas, conforme as Competências Específicas 2 e 4 dos Componentes Curriculares Eletivos (CCEs, 2021, p. 246 e 247), que buscam:

- Competência Específica 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias.

- Competência Específica 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias.

As habilidades a serem desenvolvidas incluem: Investigação Científica, Processos Criativos e Mediação e Intervenção Sociocultural.

Figura 12 - Artefatos Culturais



Fonte: Autora (2025)

Após a explanação do infográfico, buscamos entender a importância e a relevância dos artefatos culturais na vida dos membros da comunidade surda, valorizando a interação com seus pares e com a comunidade ouvinte. Como etapa preparatória para uma atividade, os alunos vão analisar e discutir o tema.

2- Sugestão de atividade: Explorando os Artefatos Culturais da autora Karin Strobel (2009).

A atividade visa promover a compreensão e a valorização da cultura surda através da análise e representação dos 08 artefatos culturais identificados por Karin Strobel em sua obra. Mas antes de iniciar a atividade verifique a dica.

Para lhes auxiliar na atividade Acesse: o vídeo O que é CULTURA SURDA? Definição SIMPLES e FÁCIL! Assista para entender um pouco mais sobre cultura surda e sua forma de interagir na sociedade. Disponível em: <https://gqr.sh/BppU>

Vamos iniciar a atividade.

1. Formação de Grupos: os alunos serão divididos em grupos de até 02 integrantes.
2. Distribuição dos Artefatos: para otimizar o tempo e garantir uma exploração aprofundada, os 08 artefatos culturais serão divididos entre os grupos. Cada grupo ficará responsável por analisar e representar 01 dos artefatos.
3. Representação Visual: cada grupo deverá utilizar um suporte sendo (cartolina, papel pardo, folhas A4 e ou as mídias Canva) para representar visualmente o artefato designado. A representação pode ser feita através de desenhos, colagens, escrita ou uma combinação dessas técnicas, também há a possibilidade de realizar a atividade em slides, o objetivo é que os alunos expressem as características e a importância de cada artefato de forma criativa e clara.
4. Apresentação e Discussão: cada grupo apresentará seu trabalho para a turma, explicando as escolhas feitas na representação e compartilhando suas reflexões sobre os artefatos. Ao final das apresentações dos grupos, o professor irá promover uma discussão sobre todos os artefatos, a fim de consolidar o aprendizado.

Esta atividade permite que os alunos explorem a cultura surda de forma criativa e colaborativa, desenvolvendo habilidades de pesquisa, análise e comunicação.

4ª ETAPA –Valorização da diversidade das línguas de sinais no Brasil, reconhecendo Libras e as línguas indígenas.

Após explorar os artefatos da cultura surda, vamos debater como a identidade cultural é multifacetada e como diferentes comunidades expressam suas identidades através da língua e da cultura. A ideia é fazer com que os alunos percebam que assim como a comunidade surda tem sua própria língua e cultura, outras comunidades, a exemplo os povos indígenas, também possuem suas próprias línguas e culturas únicas.

Ao pesquisarmos e estudamos sobre a línguas de sinais em nosso país, é importante desconstruir uma percepção comum, a de que há apenas uma língua de sinais predominante entre os surdos brasileiros. Embora a Língua Brasileira de Sinais (Libras) seja reconhecida como meio de comunicação da Comunidade Surda no Brasil (Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005), ela não é a única.

Essa diversidade se reflete também nas Línguas Indígenas de Sinais (LIS), a qual são línguas completas, com suas próprias estruturas e vocabulários, e são utilizadas por comunidades surdas dentro de etnias indígenas específicas. Um exemplo é a Língua de Sinais Kaapor Brasileira, que demonstra a autonomia e a riqueza desses sistemas linguísticos, outro exemplo é aldeia Karapanatuba onde o sujeito indígena e surdo possui três línguas diferenciadas que precisam ser respeitadas e divulgadas (língua Munduruku, língua portuguesa e língua de sinais Munduruku) que marcam a sua identidade cultural.

Agora que exploramos a rica cultura surda e a importância da Libras, vamos ampliar nosso olhar para a diversidade linguística e cultural do nosso país, reconhecendo a importância da Línguas Indígenas de Sinais – LIS e a intersecção entre as comunidades surdas indígenas.

3- Sugestão de atividade: Apresentar aos alunos a trajetória da pesquisadora Shirley Vilhalva, suas pesquisas e contribuições para a educação de indígenas surdos, promovendo a reflexão sobre a importância da inclusão e da valorização da diversidade.

Figura 13 - Entrevista com Shirley Vilhalva



Fonte: <https://gqr.sh/bhZk>

Vamos assistir: Conversa com Shirley Vilhalva
Duração: 18 minutos
Linke de acesso: <https://gqr.sh/bhZk>



QR CODE gerado pela autora em 2025.

Conversa com Shirley Vilhalva nessa entrevista ela aborda a complexa intersecção entre a educação de indígenas surdos, línguas de sinais emergentes e o uso de Multiletramentos.

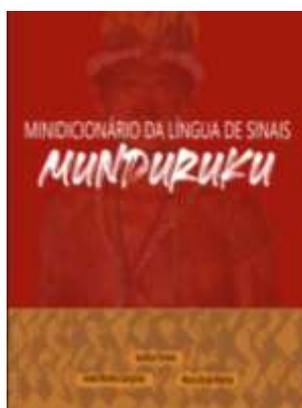
Após conhecermos a trajetória inspiradora da pesquisadora Shirley Vilhalva, entendemos que a luta pela valorização das Línguas Indígenas de Sinais – LIS é fundamental

para garantir a inclusão, o acesso à informação e a autonomia das pessoas surdas indígenas. Assim como ela, precisamos dar voz a essas comunidades e garantir que suas línguas e culturas sejam reconhecidas e respeitadas. Outrossim, essa atividade é um convite para que possamos construir juntos um futuro em que a comunicação seja acessível a todos.

Sugestão de pesquisa e leitura.

Pensando nessa rica diversidade, e a partir da experiência com comunidades indígenas como a Munduruku, Ivanilton Ferreira, Profa. Dra. Arlete Marinho Gonçalves, e Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher criaram o Minidicionário Munduruku.

Figura 14 - Dicionário da Língua de Sinais Munduruku



Para explorar essa preciosidade, clique no QR CODE abaixo ou acesse o link disponível.

<https://gqr.sh/XUaW>



QR CODE gerado pela autora em 2025.

Fonte: <https://gqr.sh/XUaW>

Quadro 03 - 2 Sequência Didática

2 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Área de Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	Práticas em Libras
Número de aulas	04
Série/ano	1º ano Ensino Médio
Assuntos das aulas	Fundamentos da Libras Alfabeto manual e numérico Parâmetros da Libras (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal). Cumprimentos
Competência específica com base na BNCC	Competência 1: Compreender o funcionamento das linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para que possa ampliar as formas de

	participação social, exercer a cidadania e conhecer e fruir os bens e produções culturais. Competência 2: Compreender as linguagens como fenômeno histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as como formas de expressão de identidades e culturas e como meios de participação e intervenção social.
Habilidade(s) com base na BNCC	(EM13LGG102): Analisar e utilizar as linguagens verbais (oral e escrita), visuais, sonoras e digitais, em diferentes mídias, para ampliar as formas de produzir sentidos e de interagir em contextos e práticas sociais distintos, de modo a reconhecer os diferentes letramentos. (EM13LGG201): Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável e heterogêneo e como forma de expressão de identidades e culturas. (EM13LGG204): Dialogar e produzir entendimento público-inclusivo sobre questões do universo das linguagens e suas diversas mídias, a partir da escuta atenta e crítica, do reconhecimento da legitimidade dos diferentes pontos de vista e posicionamentos e do respeito a outras culturas e aos usos sociais das linguagens.
Objeto(s) de conhecimento dos assuntos trabalhados	- Desenvolver habilidades básicas na Língua Brasileira de Sinais (Libras), abrangendo a compreensão e aplicação dos parâmetros linguísticos (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal), bem como o domínio do alfabeto manual e numérico, visando à comunicação efetiva com a comunidade surda e a promoção da inclusão social.
Recursos utilizados	Internet, multimídia, tablets, celulares.
Referências	BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Duarte, Anderson Simão. Ensino de Libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da Teoria Bakhtiniana para a elaboração de material didático. 2011. 327 f. Capovilla; Raphael, 2001. ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], Dicionário de Libras Migueloestino. Pagnussat; Porto Ferreira- Brito, 1995 Quadros; Karnopp, 2004 Honora, 2020 Disponível em: https://gqr.sh/VhBX . Disponível em: https://gqr.sh/NFKw Disponível em: https://gqr.sh/KwpM Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/351912465230075/ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JytZx3AWisk Disponível em: https://gqr.sh/vNcK Disponível em: https://gqr.sh/8yzz Disponível em: https://gqr.sh/WPbX

Fonte: Autora (2025)

Possível caminho metodológico para desenvolvimento da sequência didática.

Fundamentos da Libras (4 aulas)

Conteúdo:

Alfabeto manual e numérico; Parâmetros da Libras (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal); e Cumprimentos.

Tempo: aproximadamente quatro aulas, de 45 minutos cada.

1ª ETAPA: Introdução à Libras e sua importância.

Retomando o conteúdo da sequência didática anterior, vamos fazer uma breve contextualização da Libras, dialogando com os alunos sobre o reconhecimento pela Lei nº 10.436/2002, que trata da oficialização da língua brasileira de sinais no Brasil, destacando dessa forma que Libras não é apenas "gestos", mas uma língua completa, com gramática e estrutura próprias, dando ênfase às comunidades surdas, seus costumes e sua rica cultura. Assim incentivamos a reflexão sobre a importância da inclusão e da comunicação acessível em Libras com os alunos surdos e ouvintes.

Quadro geral, dialogando com os estudantes.

Figura 15 - Geral, dialogando com os estudantes



Fonte: Autora (2025)

Dando continuidade em nosso diálogo vamos analisar um vídeo de (2min 36seg) de uma entrevista com Karin Strobel sobre Políticas de Educação Bilíngue para Surdos, realizada na Semana Internacional da Difusão da Cultura Surda, em Londrina. Link de acesso: <https://gqr.sh/VhBX>. O objetivo é verificar e demonstrar a beleza e fluidez da língua, bem como incentivar a reflexão sobre a importância da inclusão e de uma comunicação acessível.

Figura 16 - Karin Strobel

Sugestão de pesquisa: Vamos conhecer a trajetória inspiradora de Karin Strobel?



Karin Lilian Strobel

Ficou surda profunda aos quatro dias de vida.

Durante quase 25 anos trabalhou como professora de surdos em escolas de surdos na cidade de Curitiba-PR. Por 10 anos fez parte da equipe pedagógica da DEE/SEED (Secretaria de Educação do Paraná). Foi presidente da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) entre 2008 e 2012. Foi diretora de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos, na Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp) em Brasília. Atualmente faz parte da equipe de Letras/Libras da UFSC como professora das disciplinas na área da surdez. É autora do livro "As imagens do outro sobre a cultura surda". Possui doutorado em educação pela UFSC.

Link de acesso: <https://gqr.sh/NFKw>

Fonte: <https://gqr.sh/NFKw>

2º ETAPA: Alfabeto Manual como base inicial da comunicação

Entendemos que o alfabeto manual é uma ferramenta essencial para soletrar palavras e nomes, especialmente quando não se conhece o sinal correspondente, é a base para o início da aprendizagem em Libras. Conforme Pagnussat; Porto (2024):

... as mãos desempenham um papel fundamental na comunicação, é por meio do movimento das mãos, que os sinais são formados, permitindo que os surdos se expressem e se comuniquem de forma eficaz. Um aspecto essencial da Libras é o Alfabeto Manual, também conhecido como Datilologia. Para iniciar o entendimento da Libras, é essencial entrar em contato com o Alfabeto Manual. Essa ferramenta oferece uma representação visual das letras do alfabeto por meio de sinais realizados com as mãos, não apenas possibilitando uma comunicação eficaz, mas também desempenhando um papel importante na ampliação da aprendizagem, na promoção da inclusão e no reconhecimento da cultura surda. (Pagnussat; Porto, p.97, 2024).

Organizar o ensino de Libras envolve estruturar um programa que defina objetivos claros, proponha conteúdos, estratégias e métodos adequados, e selecione materiais e recursos que auxiliam na aprendizagem tanto de alunos surdos quanto ouvintes. Para tanto sugerimos algumas dicas de aprendizagem em Libras. Desta forma vamos propor aos alunos o contato com o alfabeto manual também conhecido como alfabeto datilológico. A datilologia é um dos primeiros conteúdos ensinados em Libras para surdos e ouvintes, pois o domínio do alfabeto manual facilita a comunicação entre professores e estudantes e serve como um recurso inicial para os ouvintes se conectarem com pessoas surdas.

Alfabeto Manual

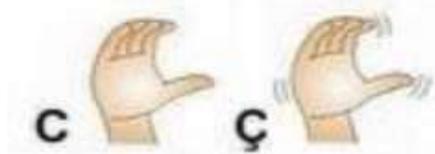
Figura 17 - Alfabeto Manual



Fonte: <https://gqr.sh/KwpM>. Acesso mar. 2025

Entretanto, é importante explicar para os alunos que a representação do alfabeto manual da língua brasileira de sinais, possui vinte e sete formas distintas para representar as letras. Embora o alfabeto da Língua Portuguesa conte com vinte e seis letras, o alfabeto manual utilizado na Língua Brasileira de Sinais inclui uma forma adicional. Esta forma adicional é utilizada para representar o grafema Ç, que é representado pelo formato do grafema C, incorporando o parâmetro de movimento trêmulo. Este movimento trêmulo é essencial para diferenciar o Ç do C, garantindo clareza na comunicação. (Pagnussat; Porto, p.97, 2024).

Figura 18 - “C” e “Ç” - Alfabeto Manual da Libras: Recorte das autoras



Fonte: <https://gqr.sh/KwpM>. Acesso mar. 2025.

Números

Figura 19 - Números



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/351912465230075/>. Acesso em 12 de abr. 2025.

1- Sugestão de atividade: Com base no que estudamos, chegou a vez de você praticar! Acesse o LINK e bons estudos!

- Treinar o alfabeto manual e os números
- Soletrar seu nome e sobrenome
- Treino do alfabeto manual com ditado de palavras soletradas

Nesta aula, a professora Paula Maria Markewicz, vai te ensinar o alfabeto manual e os números na videoaula disponível no Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=JytZx3AWisk>

Figura 20 - Tela da videoaula “Alfabeto manual e números”



Se preferir, visualize a aula pelo QR CODE gerado pela autora em 2025.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JytZx3AWisk>

Fique atento a essa informação importante.

O alfabeto manual em Libras é usado para datilografia em situações específicas: soletrar nomes, destacar palavras, em emergências quando um sinal é desconhecido.

3º ETAPA: Parâmetros da Libras

Outro ponto importante a ser trabalhado em Libras são as partes que compõem um sinal que são conhecidas como Parâmetros da Língua de Sinais, sendo identificados como configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial-corporal (EFC).

Vamos conhecer os 5 Parâmetros da Libras? Prestem atenção nas dicas.

O assunto a ser abordado nessa videoaula produzida pela faculdade Unintese, vamos entender os Parâmetros da Libras. Disponível no Youtube: <https://gqr.sh/vNcK>

Figura 21 - Tela da videoaula “Parâmetros da Libras”



Duração: 3:47 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/vNcK>



Se preferir, visualize a aula pelo QR CODE gerado pela autora em 2025.

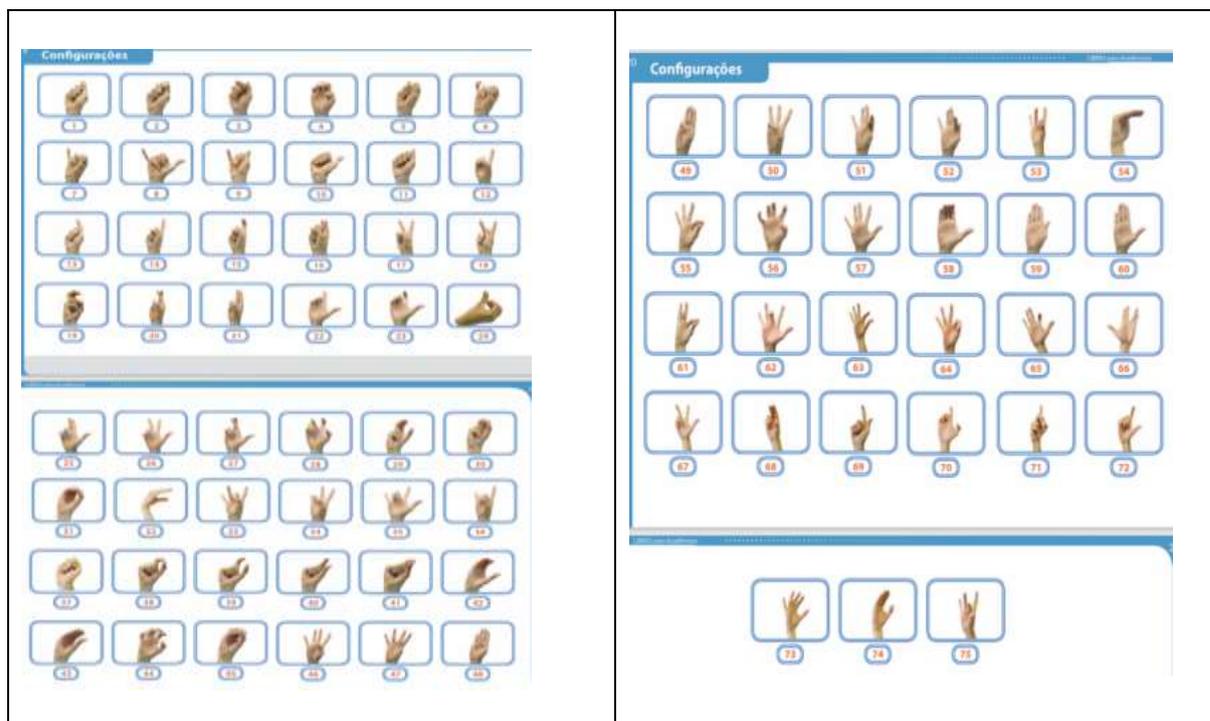
Fonte: <https://gqr.sh/vNcK>

Detalhando os 5 parâmetros

1- Configuração das mãos – CM: é a forma como as mãos se posicionam para realizar um sinal na Língua Brasileira de Sinais, que podem ser da datilografia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos.

No início das pesquisas sobre a Libras no Brasil, Ferreira-Brito (1995) identificou 46 configurações de mão. Como passar dos anos alguns pesquisadores apontaram 61

Figura 24 - As 75 configurações de mãos



Fonte: Nascimento (2009) adaptada por Duarte (2011)

Apresentar diferentes pesquisas sobre as configurações de mão em Libras é essencial para fornecer aos alunos uma visão mais completa, crítica e atualizada da língua.

Observe os sinais abaixo: Os três sinais se referem a configuração de mão (CM)

Figura 25 - Sinais que apresentam a mesma configuração de mão “V”



Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

Os três sinais apresentados são distintos, porém possuem a mesma configuração de mão em V. O que os difere é a orientação, o movimento e a expressão facial. Elementos que vamos estudar um a um.

Podemos citar outros exemplos para um melhor entendimento. Os sinais APRENDER, LARANJA e DESODORANTE-SPRAY têm a mesma configuração de mão e são realizados na testa, na boca e na axila.

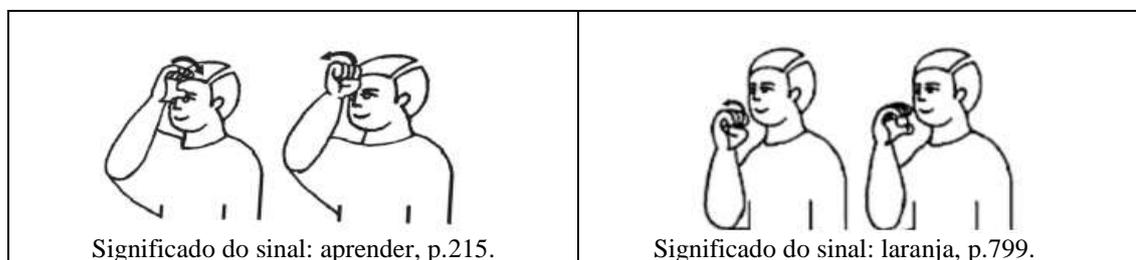
Figura 26 - Sinais que apresentam a mesma configuração de mão "S"



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor p. 21.

1- Ponto de Articulação: é o local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.

Figura 27 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação



Significado do sinal: aprender, p.215.

Significado do sinal: laranja, p.799.

Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

A diferença entre esses dois sinais é o local onde são realizados no corpo: um é feito perto da testa, enquanto o outro é feito perto da boca.

Vamos analisar dois sinais diferentes que possuem o mesmo ponto de articulação.

Figura 28 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação



Significado do sinal: Conversar, p. 461.

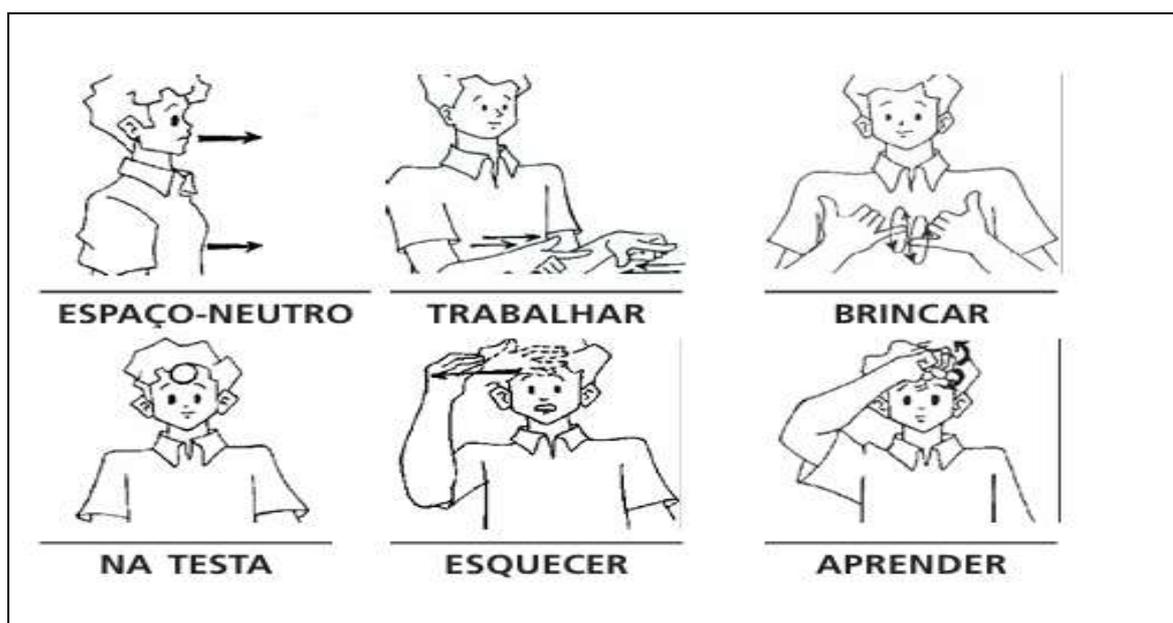
Significado do sinal: Fiança, p. 664.

Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

Ambos os sinais acima têm o mesmo ponto de articulação, o dorso da mão, porém a configuração de mão é diferente e o movimento também.

Contudo na figura abaixo vamos verificar o ponto de articulação em duas situações distintas uma tocando no corpo e a outra no espaço neutro.

Figura 29 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor p. 22.

Podemos observar que os sinais de trabalhar e brincar são feitos no espaço neutro e não utilizam a mesma configuração de mãos, já os sinais esquecer e aprender e são realizados na testa.

Na figura abaixo temos uma representação visual clara e eficaz do conceito de pontos de articulação na Libras, alinhada com a argumentação de Quadros e Knopp (2004).

Figura 30 - Exemplo de Sinais de Ponto de Articulação



Fonte: Quadros; Karnopp, 2004, p.57.

Para aprofundar seu entendimento sobre os pontos de articulação em Libras, assista à videoaula da professora Regina Monteiro. A videoaula aborda os principais pontos de articulação na Libras e sua importância para a comunicação. Disponível no Youtube: <https://gqr.sh/WPbX>

Figura 31 - Tela da videoaula “Ponto de articulação”



Duração: 3:47 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/WPbX>

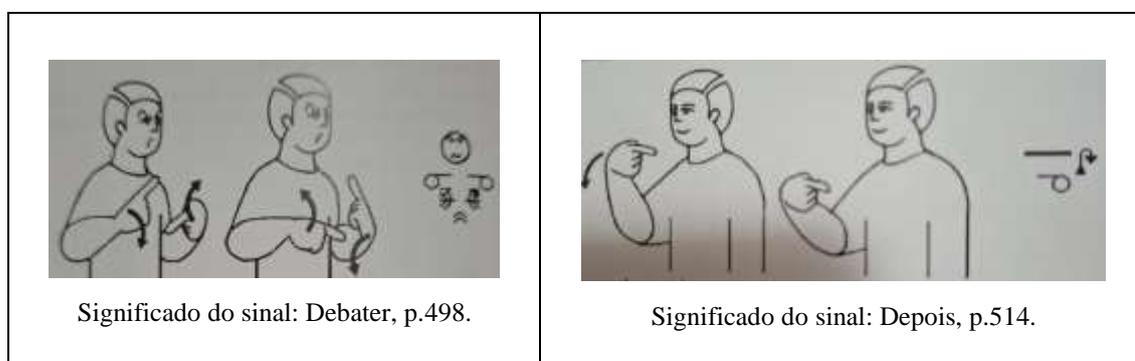


Se preferir, visualize a aula pelo QR CODE gerado pela autora em 2025.

Fonte: <https://gqr.sh/WPbX>

2- **Movimento:** Os sinais podem ou não ter movimento. Observe os sinais abaixo:

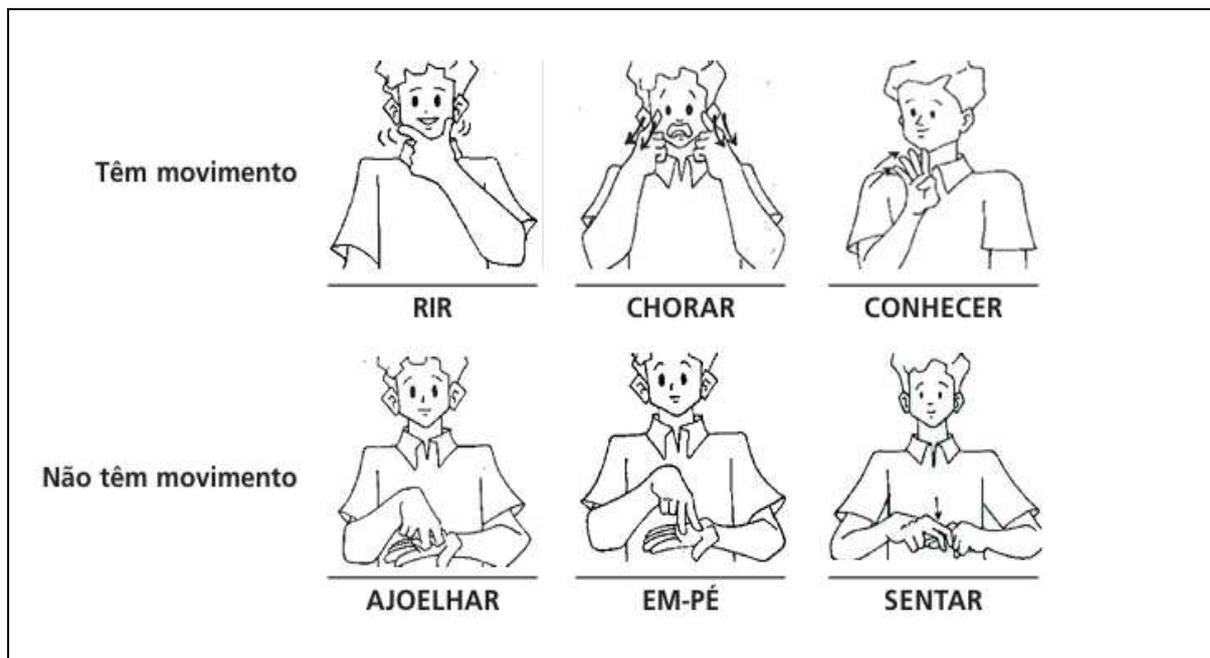
Figura 32 - Exemplo de Sinais com Movimento



Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

Vejam que esses dois sinais são realizados com a mesma configuração de mão em D. Ambos os sinais também têm o mesmo ponto de articulação: são realizados à frente do corpo do sinalizador, no espaço neutro. No entanto, eles se diferenciam pelo movimento realizado. No primeiro sinal, o movimento é feito para cima e para baixo, alternado e repetindo o movimento (como se estivesse discutindo). Já no segundo sinal, o movimento é feito movendo a mão em um arco para cima e para frente.

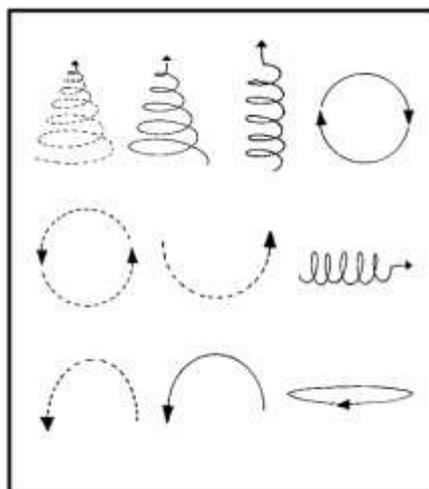
Figura 32 - Exemplo de Sinais que podem ou não ter movimento



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor p. 22.

O parâmetro de movimento busca demonstrar como as mãos se movimentam, circular, simultânea ou alternada com ambas as mãos e para onde é realizado o movimentando para a frente, para cima e para baixo, em direção à direita, esquerda e assim sucessivamente. Outro exemplo é a orientação do movimento.

Figura 34 - Exemplo de orientação do movimento



Fonte: Apostila do "Curso de Libras", Segundo a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL, 2015, p.17)

4- Orientação e direção: conforme apontado por Quadros e Karnopp (2004), quando sinalizamos, a palma da mão aponta em uma direção específica, e essa direção é o que

chamamos de "orientação". As orientações podem ser para cima, para baixo, para dentro (em direção ao corpo do sinalizador), para fora e para os lados.

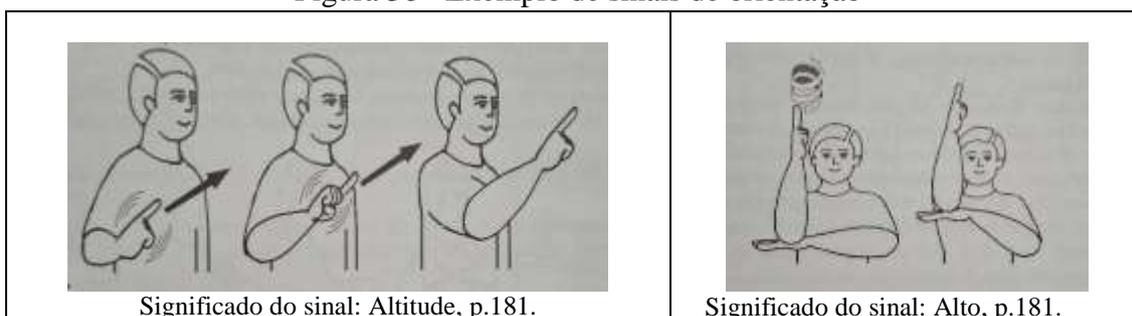
Figura 35 - Exemplo de orientação do movimento



Fonte: Quadros, Karnopp, 2004, p.60.

Observe os sinais abaixo:

Figura 36 - Exemplo de sinais de orientação



Significado do sinal: Altitude, p.181.

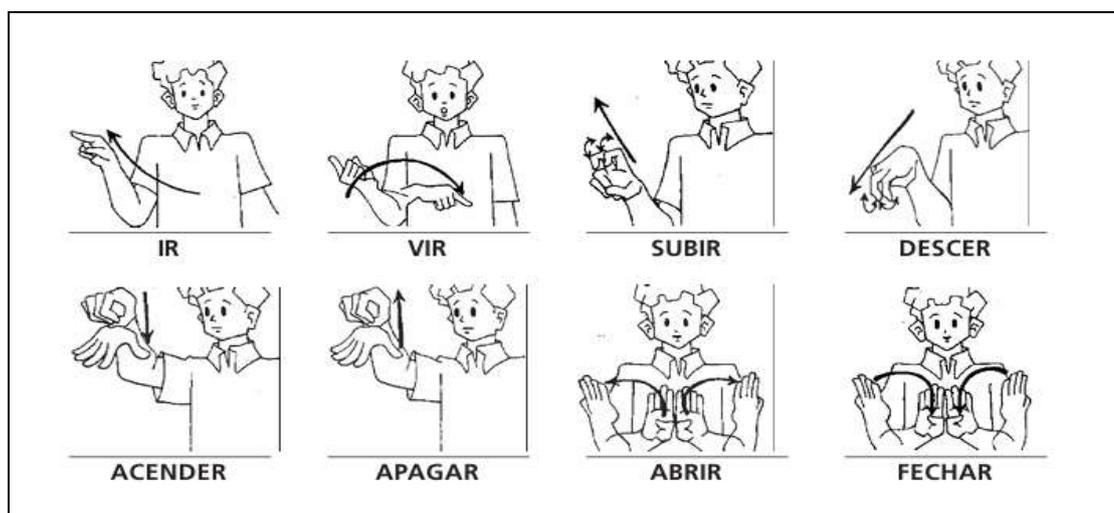
Significado do sinal: Alto, p.181.

Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

Observem que os sinais possuem a mesma configuração de mão em 1, porém no primeiro sinal precisamos deixar a mão em diagonal e mover para frente e para cima, balanceando-a pelo pulso, já no segundo sinal necessitamos mover o braço para cima com um movimento espiral, podendo apoiar ou não o cotovelo na palma da mão.

Outrossim para Felipe e Monteiro (2007) os verbos IR e VIR se opõem em relação à direcionalidade, como os verbos SUBIR e DESCER, ACENDER e APAGAR, ABRIR-PORTA e FECHAR-PORTA.

Figura 37 - Exemplo de sinais de orientação e direção

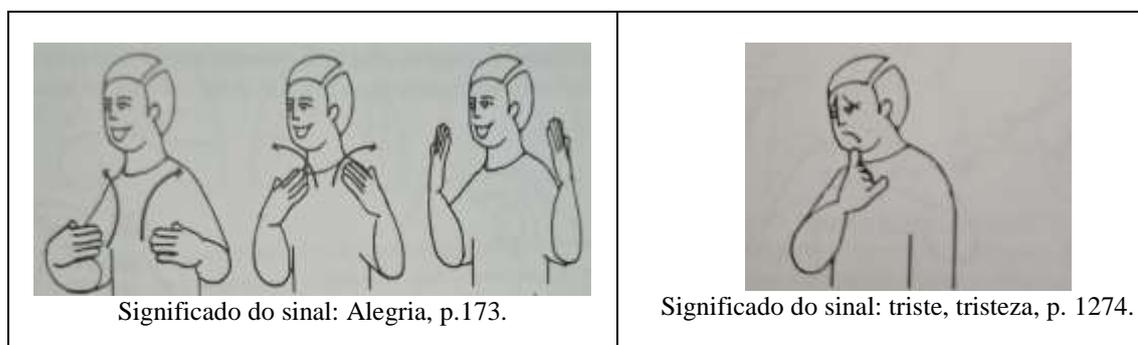


Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor p. 23.

5- Expressões Faciais e ou Corporais: Muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, em sua configuração têm como traço diferenciador a expressão facial e/ou corporal, que são realizados com o movimento do corpo, da cabeça, dos olhos, da face.

Observe os sinais abaixo:

Figura 38 - Exemplo de sinais de Expressões Faciais



Significado do sinal: Alegria, p.173.

Significado do sinal: triste, tristeza, p. 1274.

Fonte: Capovilla; Raphael, 2001.

Observem que no primeiro sinal, precisamos demonstrar com um sorriso e fazer uma expressão facial de alegria, contudo no segundo sinal, necessitamos utilizar a expressão facial de tristeza com o semblante fechado.

2- Sugestão de atividade: Após conhecer os 5 parâmetros é hora de praticar!

Observe o exemplo: Vale lembrar que são identificados como configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial-corporal (EF/C).

Figura 39 – Aplicando os cinco parâmetros



Fonte: A autora 2025

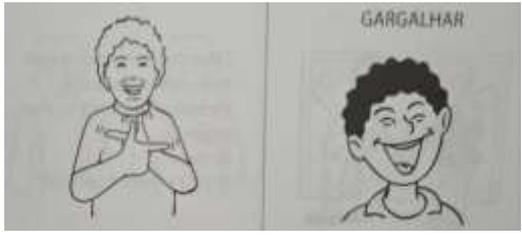
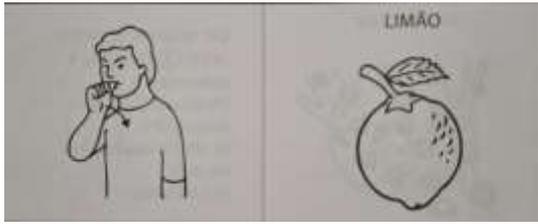
Vamos começar.

Trabalho de identificação dos cinco parâmetros da língua brasileira de sinais. Com base no material elaborado por HONORA, Márcia. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais vol. 3: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez.** Ciranda Cultural, 2020.

Cada aluno deverá identificar e diferenciar os cinco parâmetros de cada sinal apresentado na tabela. Para tanto é necessário preencher a tabela, identificando a Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (M), a Orientação da palma da mão (O) e a Expressão Facial e Corporal (EF/C).

Observe as imagens com a sinalização em Libras e aplique os parâmetros:

Sinal	Aplique os cinco parâmetros
 <p>Fonte: Honora, 2020, p.33</p>	CM: PA: M: O: EF/C:

 <p>Fonte: Honora, 2020, p.39</p>	<p>CM: PA: M: O: EF/C:</p>
 <p>Fonte: Honora, 2020, p.44</p>	<p>CM: PA: M: O: EF/C:</p>
 <p>Fonte: Honora, 2020, p.60</p>	<p>CM: PA: M: O: EF/C:</p>

Fonte: Autora (2025)

4º ETAPA: Aprendendo a sinalizar os cumprimentos

Após conhecermos e entendermos os fundamentos da Libras, como o alfabeto manual, os números e os cinco parâmetros que são essenciais para uma boa sinalização, chegou o momento de ampliarmos nosso aprendizado. Vamos agora nos aprofundar em um aspecto essencial para o início de nossa comunicação com surdos e ouvintes: vamos aprender os cumprimentos. Como em qualquer idioma, os cumprimentos em Libras são importantes para interação entre as pessoas. Eles permitem que façamos vínculos e ou demonstramos respeito em nossas conversas. Aprendendo sinais básicos como “Oi”, “Olá”, “Bom dia”, “Boa tarde”, “Boa noite” e outras saudações, abrimos um leque de oportunidades para nos comunicarmos com os surdos e desta forma ampliarmos a inclusão e a interação com as pessoas.

Para ampliar nossa aprendizagem, utilizaremos como exemplo o livro intitulado “Dicionário de Libras Migueloestino”, elaborado pela equipe da Associação de Pais e Amigos

dos Surdos – APAS, da cidade de São Miguel do Oeste, Santa Catarina. Este material é fruto do trabalho e da dedicação dos profissionais da associação em prol da comunidade surda, o qual oferece uma estrutura rica em informações e detalhes que facilitam e auxiliam o aprendizado de surdos e ouvintes de qualquer idade.

O dicionário conta com imagens fotográficas da sinalização das categorias que fazem parte dessa obra a exemplo (cumprimentos, verbos, região do sul, região do oeste, bairros de São Miguel do Oeste, entre outros), a sinalização do material catalogado é realizada pela professora surda Fernanda Prigol da Luz, as fotos contam com setas de indicação do movimento e orientação, além das imagens complementares para um melhor entendimento do sinal, e explicações detalhadas dos cinco parâmetros da Libras. Cada página é um convite para aprendizagem dessa língua, com a certeza de que estamos aprendendo com um material produzido com respeito e cuidado. Ao entrarmos em contato com o material, não estamos somente aprendendo sinais isolados, mas sim conhecendo e valorizando a identidade e cultura surda. Cada sinal, cada expressão, é um reflexo da história, dos valores e da forma única de se comunicar da comunidade surda.

Figura 40 – Cumprimentos

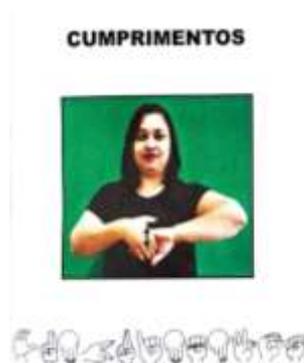


Imagem ilustrativa do sinal de cumprimento, acompanhado do alfabeto manual. Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 17.



Sinais utilizados para expressar saudações como “oi”, “bom/boa/bem”, “bom dia”, “boa tarde”. Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 18.



Imagens demonstrando sinais de “boa noite”, “por favor”, “com licença” e “desculpa”.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 19.



Demonstração dos sinais utilizados para apresentação pessoal e identificação “meu nome é”, “meu sinal”, “seu nome” e “seu sinal”.

Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 21.



Imagens demonstrando sinais de “boas férias”, “bom passeio”, “feliz” e “feliz aniversário”.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 23.



Imagens demonstrando sinais de “prazer em conhecer”, “tchau”, “tudo bem” e “obá”.
 Fonte: ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS, [s.d.], p. 25.

3- Sugestão de atividade: Cumprimentos em Libras

Atividade Prática chegou o momento de praticar sinais básicos dos cumprimentos em Libras.

- Estude a lista de sinais apresentados no dicionário de Libras Migueloestino.
- Com o auxílio do celular os alunos podem realizar uma pesquisa no Youtube para visualizar os parâmetros.
- Pratique a execução de cada sinal, prestando atenção à configuração da mão, movimento, orientação e expressão facial.

4 - Sugestão de atividade: Dicionário Acessibilidade Brasil.

Com o advento das Tecnologias da Informação Comunicação TIC, muitos materiais para ensino de Libras foram criados (jogos, objetos de aprendizagem, Apps). Uma maneira de aprender Libras de forma prazerosa é por meio do Dicionário Acessibilidade Brasil. Vamos conhecer? Vá até o site http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Figura 41 - Dicionário Acessibilidade Brasil.



Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

No dicionário, procure a tela de busca após digite a palavra que você queira prender o sinal, uma de cada vez, clique em buscar vá na tela de palavras e selecione a desejada caso tenha mais que uma Observe o sinal!

Esse dicionário é de fácil entendimento e permite que os usuários pesquisem palavras em português para encontrar sua tradução em Libras. Ele oferece uma barra de pesquisa para inserir as palavras e exibe exemplos de frases em português traduzidas para a língua de sinais. Além disso, apresenta as configurações das mãos e os movimentos necessários para realizar os sinais corretamente.

Atividade prática: Momento de aprender libras com professor.

- **Exploração de Aplicativos:** Os alunos deverão utilizar aplicativos de Libras para identificar e aprender os sinais básicos.

Lista de Palavras Essenciais: Em grupo, os alunos criarão uma lista de palavras e expressões essenciais que consideram importantes para a comunicação cotidiana.

O objetivo é conhecer essa ferramenta e ampliar o vocabulário em libras.

Quadro 04 - 3 Sequência Didática

3 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Área de Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	Práticas em Libras
Número de aulas	04
Série/ano	1º ano Ensino Médio
Assuntos das aulas	Saudações Pronomes pessoais Advérbios de Tempo Dias da semana Tempo do Calendário
Competência específica com base na BNCC	<p>Competência 1: Compreender o funcionamento das linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para que possa ampliar as formas de participação social, exercer a cidadania e conhecer e fruir os bens e produções culturais.</p> <p>Competência 2: Compreender as linguagens como fenômeno histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as como formas de expressão de identidades e culturas e como meios de participação e intervenção social.</p> <p>Competência 4: Compreender as línguas como fenômeno geopolítico, histórico, social, cultural, formas de identidades e culturas, e analisar criticamente os discursos de preconceito, exclusão e negação da diferença em línguas (materna e estrangeiras).</p>

Habilidade(s) com base na BNCC	<p>(EM13LGG101): Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de intencionalidades, contextos socioculturais, públicos-alvo e mídias disponíveis, avaliando a eficácia de seus efeitos.</p> <p>(EM13LGG201): Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável e heterogêneo e como forma de expressão de identidades e culturas.</p> <p>(EM13LGG204): Dialogar e produzir entendimento público-inclusivo sobre questões do universo das linguagens e suas diversas mídias, a partir da escuta atenta e crítica, do reconhecimento da legitimidade dos diferentes pontos de vista e posicionamentos e do respeito a outras culturas e aos usos sociais das linguagens.</p> <p>(EM13LGG401): Analisar criticamente textos de diferentes naturezas (literários e não literários) e mídias, com base em interpretação dirigida por aspectos situacionais, históricos, sociais e culturais.</p>
Objeto(s) de conhecimento dos assuntos trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a competência comunicativa em Libras para interações sociais cotidianas, capacitando os estudantes a utilizar os sinais e estruturas gramaticais adequadas para expressar saudações, referenciar pessoas, localizar ações no tempo e organizar informações sobre rotina e eventos. - Compreender a importância da Libras como língua de identidade e cultura da comunidade surda.
Recursos utilizados	Internet, multimídia, tablets, celulares.
Referências	<p>BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017.</p> <p>Curso Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I. Brasília: EGOV SEFP GDF, 2019.</p> <p>APOSTILA em LIBRAS - Curso Básico. Brasília: ENAP, 2019.</p> <p>FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 6. ed. 448 p.: il.</p> <p>AGUIAR; PORTO. Libras. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2018. Adaptado pela autora, 2025.</p> <p>Disponível em: https://gqr.sh/THfU.</p> <p>Disponível em: https://youtu.be/_EcpiGGy0E.</p> <p>Disponível em: https://youtu.be/7mRb8WswIMQ.</p>

Fonte: Autora (2025)

Possível caminho metodológico para desenvolvimento da sequência didática

Comunicação Cotidiana em Libras: (4 aulas)

Saudações

Pronomes pessoais

Advérbios de Tempo

Dias da semana

Tempo do Calendário

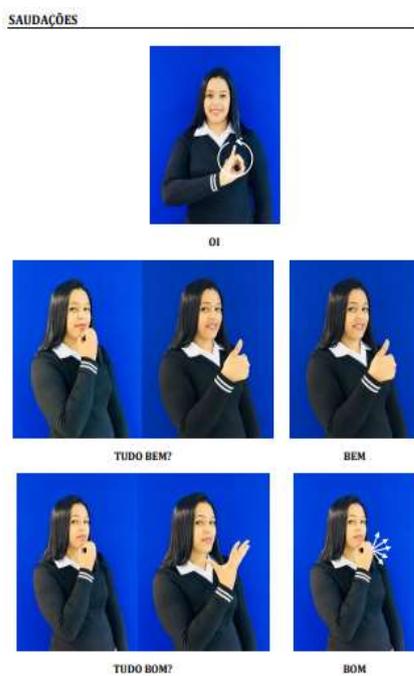
Tempo: aproximadamente quatro aulas, de 45 minutos cada.

1º ETAPA: Saudações

Chegamos à terceira sequência didática, hora de praticar e aprender mais! A comunicação é a chave para a inclusão de surdos e ouvintes em todos os espaços da sociedade, então vamos lembrar como é usar a Libras para nos comunicar no dia a dia. Focaremos na prática, explorando novamente os sinais de cumprimentos e ou saudações, pronomes, advérbios de tempo, os dias da semana. Tudo isso de forma prática e divertida, auxiliando os alunos a se expressarem e interagirem em Libras com confiança.

Retomamos nossa aprendizagem lembrando dos sinais estudados no último encontro os cumprimentos, e assim vamos ampliar nosso vocabulário com as saudações, que são a base para qualquer interação em Libras. Assim como em português, as saudações em Libras variam conforme o horário do dia e o nível de formalidade. Por exemplo, 'bom dia', 'boa tarde' e 'boa noite' têm sinais específicos, aprender essas saudações é essencial para começar a se comunicar de forma educada e eficaz em Libras. Para tanto, vamos utilizar o material disponibilizado na apostila de Libras curso Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. DISTRITO FEDERAL. Escola de Governo. **Curso Libras Básico I:** apostila. Distrito Federal, 2019.

Figura 42 - Saudações



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p.10.



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 11.



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 12.

Para aprofundarmos nosso conhecimento sobre o assunto, convido você a assistir ao vídeo "Libras em Contexto (DVD Aula 1): Aprenda Libras em seu contexto no dia a dia (Slow Motion)" Situação 1 "O Encontro", disponível no link: <https://gqr.sh/THfU>

Figura 43 - Tela da videoaula "O Encontro"



Fonte: <https://gqr.sh/THfU>

O propósito deste vídeo é apresentar aos alunos os sinais essenciais para uma interação inicial educada, capacitando-os a cumprimentar e se apresentar de forma adequada em Libras.

1- Sugestão de atividade:

Após conhecer e treinar os sinais de saudação, os alunos irão praticar os cumprimentos básicos em Libras, utilizando diferentes situações para criar um diálogo simples e interativo.

Instruções para os alunos:

- a) Formação de duplas
- b) Revisitar os principais cumprimentos em Libras e os sinais de saudação que já foram ensinados (ex: Olá/Oi, Bom dia, Boa tarde, Boa noite, tudo bem? Meu nome é...).
- c) Cada dupla vai receber uma “situação de encontro”. A ideia é que cada situação sugira um tipo de cumprimento e uma breve interação, elaborada pela dupla.
- d) Cada dupla terá um tempo (ex: 5-7 minutos) para criar um pequeno diálogo usando os cumprimentos em Libras, de acordo com a situação do cartão.
- e) Cada dupla apresentará seu diálogo para a turma.

Sugestões de Situações:

- 1- Vocês se encontram na entrada da escola pela manhã.
- 2- Vocês não se veem há algum tempo e se encontram por acaso no mercado.
- 3- Vocês são vizinhos e se encontram na rua no final da tarde.
- 4- Um de vocês está chegando para a aula de Libras, e o outro já está na sala.
- 5- Vocês se encontram na biblioteca da escola.

2º ETAPA: Pronomes Pessoais: Libras tem um conjunto de regras e sinais específicos para indicar os pronomes pessoais, esse sistema é visual e espacial, ou seja, usa o espaço e os movimentos das mãos para indicar os pronomes.

Quadro 05 - Sistema da Libras

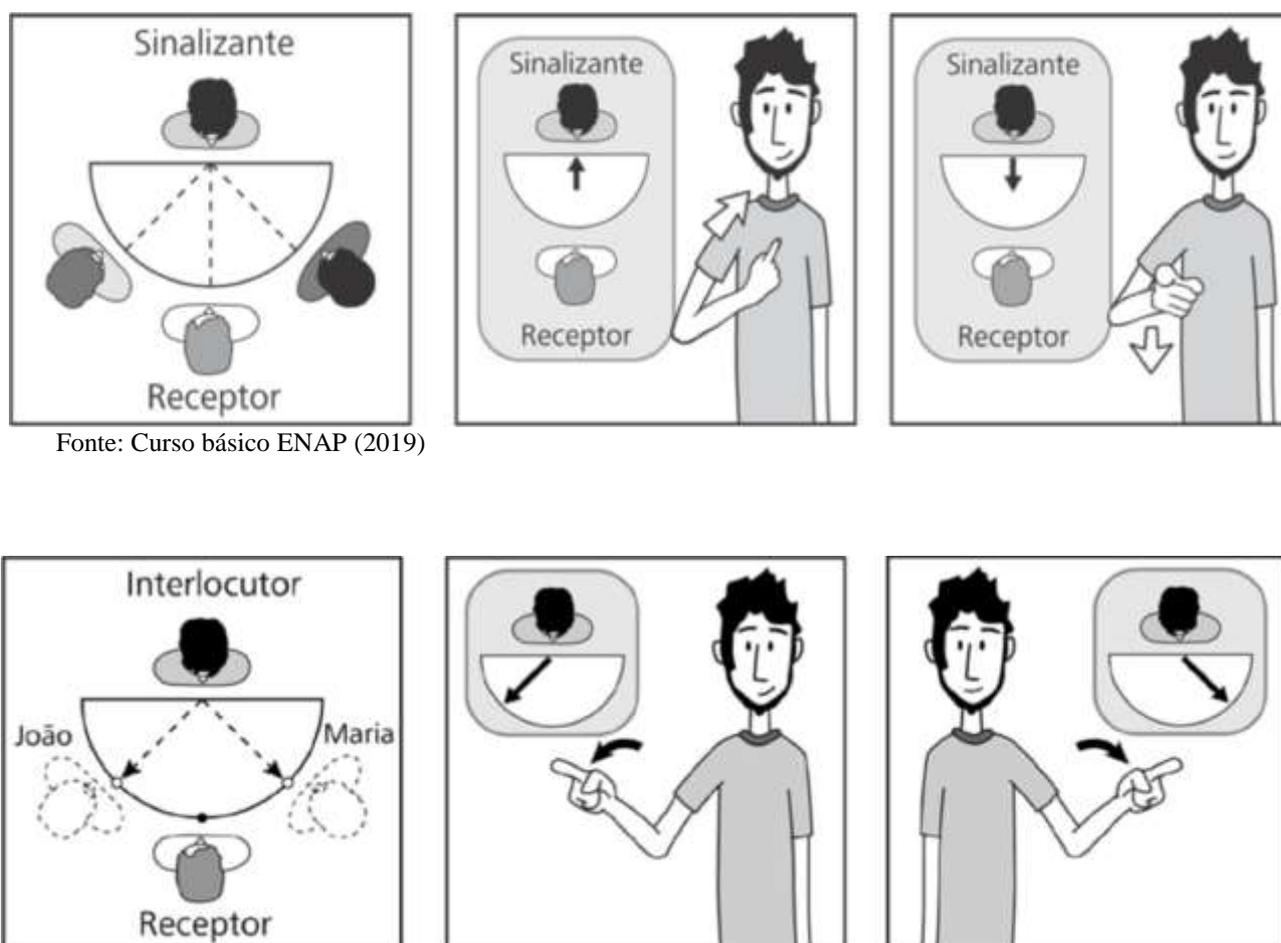
Como funciona o sistema da Libras
Pessoas do discurso: Assim como no português, a Libras reconhece três pessoas do discurso.
Primeira pessoa: Quem fala (eu, nós).
Segunda pessoa: Com quem se fala (você, vocês).
Terceira pessoa: De quem se fala (ele, ela, eles, elas).
Sinais e regras: A Libras usa sinais específicos e regras para representar cada pessoa do discurso.

Eu: O sinal é feito apontando para o próprio corpo.
Você: O sinal é feito apontando para a pessoa com quem se fala.
Ele/Ela/Eles/Elas: O sinal é feito apontando para um local no espaço que representa a pessoa ou pessoas de quem se fala.
Nós: O sinal varia dependendo do contexto, podendo ser um movimento inclusivo ou um sinal específico para "nós dois", "nós três", etc.

Fonte: Autora 2025

Para ampliarmos nossos estudos e entender melhor vamos analisar as imagens explicativas sobre os pronomes pessoais. De acordo com a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP, 2019, p.07)

Figura 44 - Forma indexical pronominal para a primeira e segunda pessoa do discurso, respectivamente



Fonte: Curso básico ENAP (2019)

Fonte: Escola Nacional de Administração Pública (Brasil). **Curso Básico de Libras**. Brasília, DF, 2019. ENAP.

As imagens destacam a importância dos sinais indexicais na Libras, que são usados para indicar pronomes pessoais. Esses sinais são direcionados para o "Receptor" (a pessoa para quem o sinal está sendo direcionado) e variam dependendo da pessoa do discurso:

- **Primeira Pessoa:** O sinal geralmente aponta para o próprio sinalizante.
- **Segunda Pessoa:** O sinal aponta diretamente para o receptor.
- **Terceira Pessoa:** O sinal aponta para um local ou direção que representa a terceira pessoa (ou pessoas) do discurso.

2-Sugestão de atividade: Prontos para praticar.

Compreender os pronomes pessoais é fundamental para uma comunicação eficaz em Libras. Nesta etapa, vamos dedicar nossa atenção ao aprendizado e treino desses sinais. Para isso, utilizaremos o renomado material 'Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante' de Tanya A. Felipe (8ª edição) como guia. Através de exemplos práticos e exercícios, vamos desenvolver nossa habilidade de expressar as diferentes pessoas do discurso em Libras.

Pronomes pessoais

A Libras possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

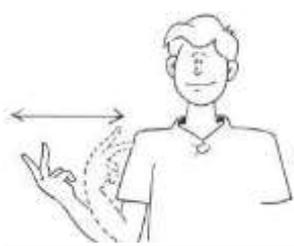
■ **primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural):** EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS- GRUPO, NÓS/NÓS-TOD@S;

Primeira Pessoa do Singular: EU

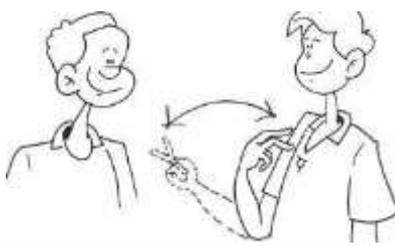
Apontar para o peito do enunciador (a pessoa que fala)



Primeira Pessoa do Plural: NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS/NÓS-TOD@



NÓS-2



NÓS-2



NÓS-3



NÓS-4



NÓS/NÓS-TOD@S

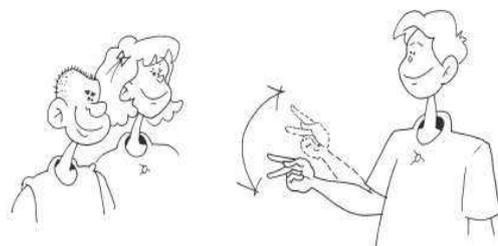
■ segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊS/VOCÊS-TOD@S;

Segunda Pessoa do Singular: VOCÊ

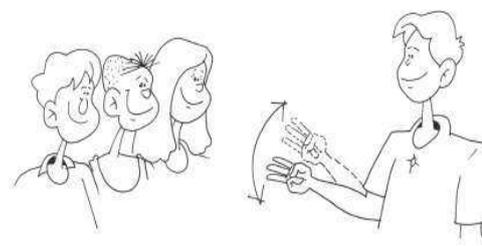
Apontar para o interlocutor (a pessoa com quem se fala)

VOCÊ

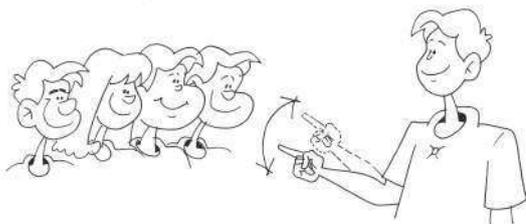
Segunda Pessoa do Plural: VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-TOD@.



VOCÊS- 2



VOCÊS- 3

**VOCÊS- 4****VOCÊS/VOCÊS-TOD@S****VOCÊS- GRUPO**

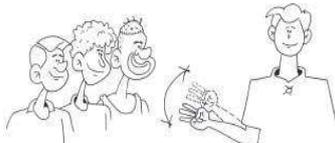
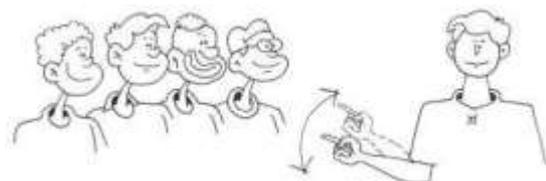
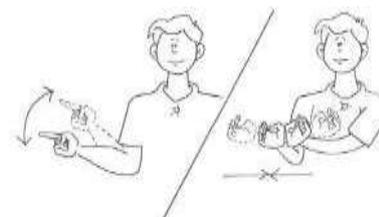
■ terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@, EL@, EL@, EL@, EL@S/EL@S-TOD@S.

Terceira pessoa do singular: EL@

Apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionalizado para uma pessoa.

EL@

Terceira Pessoa do Plural: EL@, EL@, EL@, EL@S/EL@S-TOD@, EL@S-GRUPO.

**EL@- 2****EL@- 3****EL@- 4****EL@ S/EL@ S-TOD@ S****EL@ S- GRUPO**

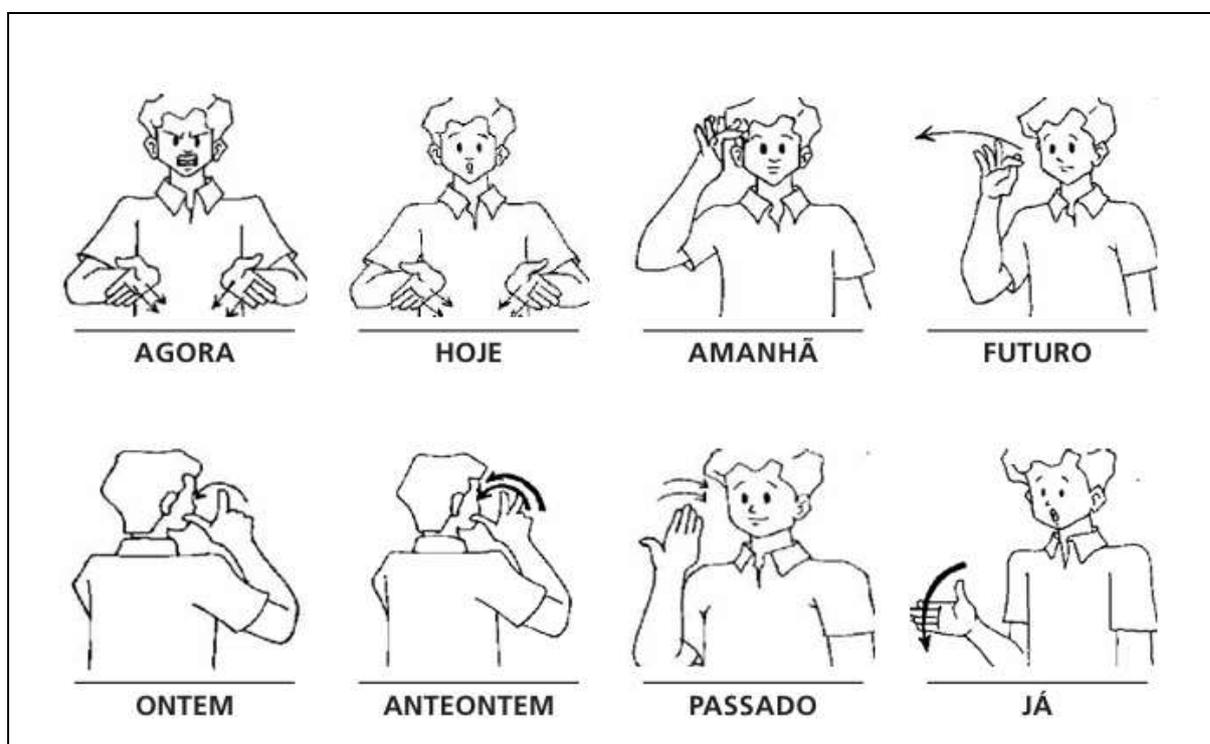
3º ETAPA: Advérbio de tempo e dias da semana

Dando continuidade ao nosso aprendizado, vamos explorar os sinais dos advérbios de tempo e dos dias da semana em Libras. As figuras abaixo serão nossas aliadas nesse processo. Observe-as com atenção e prepare-se para praticar!

Advérbios de Tempo

Segundo Felipe e Monteiro (2007, p.155) O tempo é marcado sintaticamente através de advérbios de tempo que indicam se a ação está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. Por isso os advérbios geralmente vêm no começo da frase, mas podem ser usados também no final. Quando não há, na frase, um advérbio de tempo específico, geralmente a frase, no presente, não é marcada, ou seja, não há nenhuma especificação temporal; já para a frase no passado, pode-se utilizar o sinal PASSADO ou o sinal JÁ, e para a frase no futuro, pode-se utilizar o sinal FUTURO.

Figura 45 - Sinais de Advérbios de Tempo



Fonte: Felipe, Tanya A., Monteiro, Myrna Salerno S. - Libras em Contexto - Livro do Professor p.155.

Aprender os sinais do calendário é essencial para organizar e expressar informações sobre tempo em Libras. Nesta etapa, vamos utilizar a apostila do curso básico do ENAP (2019,

p.18) como guia para dominar esses sinais. Com este material, vamos descobrir como sinalizar os dias da semana, os meses do ano e outras expressões temporais, tornando nossa comunicação ainda mais completa.

Quer aprender? Escaneie o QR Code com seu celular ou acesse diretamente pelo link: **calendário meses do ano** <https://youtu.be/-EcpGGy0E> e **dias da semana** <https://youtu.be/7mRb8WswIMQ>.

Figura 46 – Sinais de calendário meses do ano e dias da semana



Fonte: Escola Nacional de Administração Pública (Brasil). **Curso Básico de Libras**. Brasília, DF, 2019. ENAP.

4º ETAPA: Intensificando a aprendizagem.

Acreditamos que o aprendizado se enriquece com a variedade de materiais selecionados. Por isso, além dos vídeos explicativos, utilizaremos imagens fotográficas de cada sinal. Essa comparação entre o movimento (vídeo) e a forma estática (imagem) é importante para consolidar seu conhecimento e aprimorar a interpretação e entendimento da Libras, contudo utilizaremos o material disponibilizado na apostila de Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. DISTRITO FEDERAL. Escola de Governo. **Curso Libras Básico I**: apostila. Distrito Federal, 2019. p. 18 a 25.

Figura 47 – Sinais de elementos que compõem Calendário



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p.18.



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 19.

Em virtude do volume de imagens, apenas parte do material visual foi apresentado aqui. As demais imagens podem ser consultadas no documento completo, entre as páginas 20 a 25.

O acesso ao material está disponível no seguinte link: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Apostila-1.pdf>

3-Sugestão de atividade: Jogo Interativo

Reforçar o aprendizado em Libras, tanto na parte teórica quanto prática, por meio da criação e participação em jogos interativos.

Criação do Quiz em Grupo:

- Os alunos, divididos em grupos, deverão criar um quiz interativo sobre Libras utilizando plataformas como Kahoot! ou Quizizz.
- O quiz deve abordar tanto o conteúdo teórico (cultura surda, importância da Libras) quanto o prático (todos os sinais já estudados até o momento).
- Os grupos devem incluir perguntas relacionadas aos sinais aprendidos e suas respectivas traduções, utilizando vídeos curtos ou imagens para ilustrar os sinais.
- Após a criação dos quizzes, os grupos participarão dos jogos, desafiando os outros grupos.
- A plataforma irá fornecer feedback imediato.

Quadro 06 - 4 Sequência Didática

4 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Área de Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	Práticas em Libras
Número de aulas	04
Série/ano	1º ano Ensino Médio
Assuntos das aulas	Vocabulário específico do ambiente escolar. Materiais escolares Disciplinas escolares. Meios de Comunicação e redes sociais
Competência específica com base na BNCC	Competência 1: Compreender o funcionamento das linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para que possa ampliar as formas de participação social, exercer a cidadania e conhecer e fruir os bens e produções culturais. Competência 2: Compreender as linguagens como fenômeno histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso,

	reconhecendo-as como formas de expressão de identidades e culturas e como meios de participação e intervenção social.
Habilidade(s) com base na BNCC	<p>(EM13LGG101): Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de intencionalidades, contextos socioculturais, públicos-alvo e mídias disponíveis, avaliando a eficácia de seus efeitos.</p> <p>(EM13LGG102): Analisar e utilizar as linguagens verbais (oral e escrita), visuais, sonoras e digitais, em diferentes mídias, para ampliar as formas de produzir sentidos e de interagir em contextos e práticas sociais distintos, de modo a reconhecer os diferentes letramentos.</p> <p>(EM13LGG201): Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável e heterogêneo e como forma de expressão de identidades e culturas.</p> <p>(EM13LGG204): Dialogar e produzir entendimento público-inclusivo sobre questões do universo das linguagens e suas diversas mídias, a partir da escuta atenta e crítica, do reconhecimento da legitimidade dos diferentes pontos de vista e posicionamentos e do respeito a outras culturas e aos usos sociais das linguagens.</p>
Objeto(s) de conhecimento dos assuntos trabalhados	<p>- Desenvolver a competência comunicativa em Libras para interações em contextos educacionais, sociais e tecnológicos, capacitando os estudantes a utilizar os sinais e estruturas gramaticais adequadas para expressar conceitos relacionados a materiais escolares, disciplinas acadêmicas, meios de comunicação e redes sociais.</p> <p>- Aprender o vocabulário básico de Libras relacionado ao ambiente escolar, incluindo materiais escolares, disciplinas e meios de comunicação.</p>
Recursos utilizados	Internet, multimídia, tablets, celulares.
Referências	<p>BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017.</p> <p>EGOV SEFP GDF. Curso Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2019. Disponível em: https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Apostila-1.pdf.</p> <p>SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL. Curso de Libras. Mato Grosso do Sul, 2015. Disponível em: https://gqr.sh/UtXb</p> <p>Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/177751516529733148/</p> <p>Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/177751516529733147/</p> <p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-sz3J4dQNY</p>

Fonte: a autora 2025

Possível caminho metodológico para desenvolvimento da sequência didática.

Sequência: Libras no Ambiente Escolar (4 aulas)

Vocabulário específico do ambiente escolar.

Materiais escolares

Disciplinas escolares.

Meios de Comunicação e redes sociais

Tempo: aproximadamente quatro aulas, de 45 minutos cada.

1ª ETAPA: Explorar o vocabulário específico do ambiente escolar em Libras é fundamental para ampliar a comunicação e promover a inclusão. Ao aprendermos os sinais que representam materiais escolares, disciplinas e atividades do dia a dia, ampliamos cada vez mais nosso vocabulário em Libras promovendo desta forma interações significativas com a comunidade surda no espaço escolar e na sociedade.

É importante lembrar que a Libras, assim como qualquer língua, possui variações regionais. Um mesmo conceito pode ser sinalizado de formas diferentes em diferentes partes do país. Essa diversidade é uma riqueza cultural que devemos respeitar e valorizar.

Ao aprendermos diferentes sinais para um mesmo conceito, ampliamos nosso repertório comunicativo e nos tornamos mais aptos a interagir com surdos de diversas regiões. Essa flexibilidade é essencial para garantir uma comunicação eficaz e respeitosa, permitindo que todos se sintam incluídos e compreendidos.

Vamos aprender e praticar, iniciamos nosso aprendizado com os sinais de Materiais Escolares, para nossa compreensão vamos assistir uma aula com o Hugo, ele o intérprete virtual 3D da Hand Talk que traduz português para Libras, e também é usado para ensinar Libras a ouvintes link: <https://gqr.sh/UtXb>

Figura 48 - Tela da videoaula “Material Escolar”



Duração: 3:32 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/UtXb>



Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora em 2025.

Fonte: <https://gqr.sh/UtXb>

Sugestão de pesquisa: Outra possibilidade para aprender Libras é com o auxílio do seu celular! Existem diversos aplicativos gratuitos que podem auxiliar, como o **Hand Talk**, e o **Libras Lab**.

1 - Sugestão de atividade: Jogo da Memória: Sinais de Objetos

Instruções do Jogo: Combinar os sinais em Libras com as imagens dos objetos correspondentes.

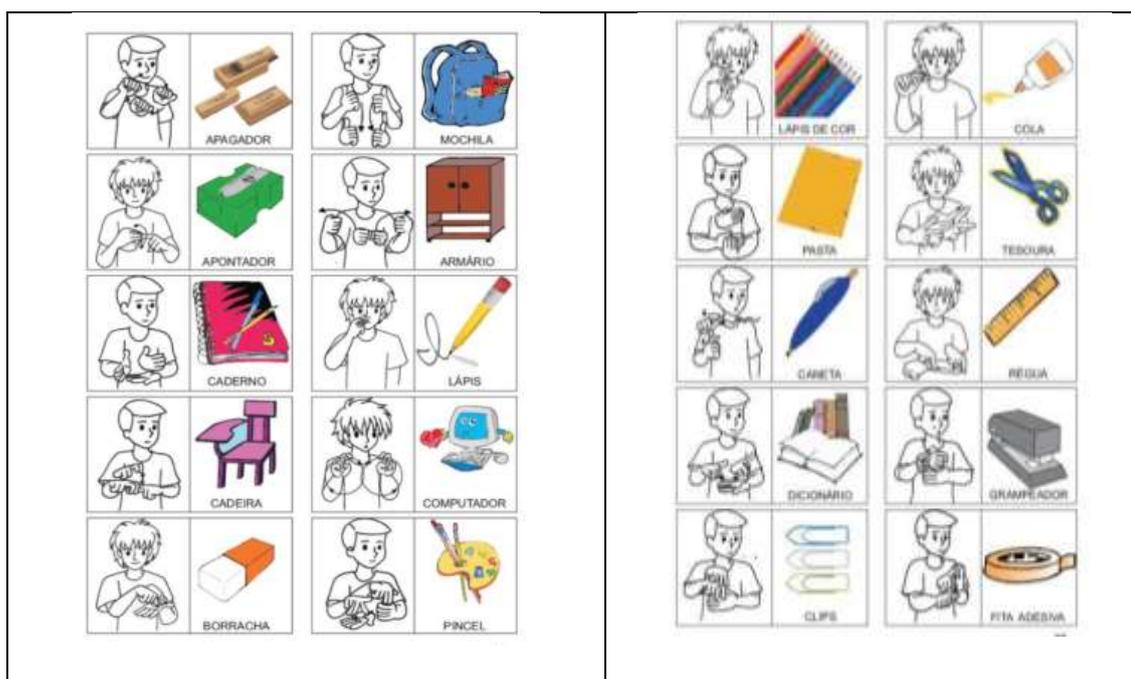
A) Prepare os cartões: Cada aluno vai receber duas folhas de ofício com imagens de sinais em Libras, e imagens de objetos correspondentes aos sinais. Recorte cada imagem de sinal e cada imagem de objeto da figura. Cole-as em um papel cartão mais firme. Cada aluno terá pares de cartões, um com o desenho do objeto e outro com a ilustração do sinal em Libras para aquele objeto.

B) Imagens dos cartões disponíveis nos links:

<https://br.pinterest.com/pin/177751516529733148/>

<https://br.pinterest.com/pin/177751516529733147/>.

Figura 49 - Imagens de sinais e objetos de Material Escolar



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/177751516529733148/> e <https://br.pinterest.com/pin/177751516529733147/>

Comece a Jogar:

A) Misture e Espalhe: Embaralhe todos os cartões e espalhe-os virados para baixo sobre uma superfície lisa.

- O primeiro jogador vira dois cartões.

- Se os cartões formarem um par (a imagem do objeto e o sinal correspondente em Libras), o jogador fica com o par e joga novamente.

- Se os cartões não formarem um par, o jogador virá de volta para baixo no mesmo lugar.
- É a vez do próximo jogador.

B) Vencedor: O jogo termina quando todos os pares forem encontrados. O jogador com o maior número de pares é o vencedor.

Dica: Ao encontrar um par, reproduzir o sinal em Libras e falar o nome do objeto para fixar o aprendizado.

2ª ETAPA: Ampliando o vocabulário. Vamos aprender os sinais de disciplinas escolares e níveis de ensino.

Figura 50 - Tela da videoaula “disciplinas escolares e níveis de ensino”



Duração: 7:55 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/AKvr>

Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora em 2025.

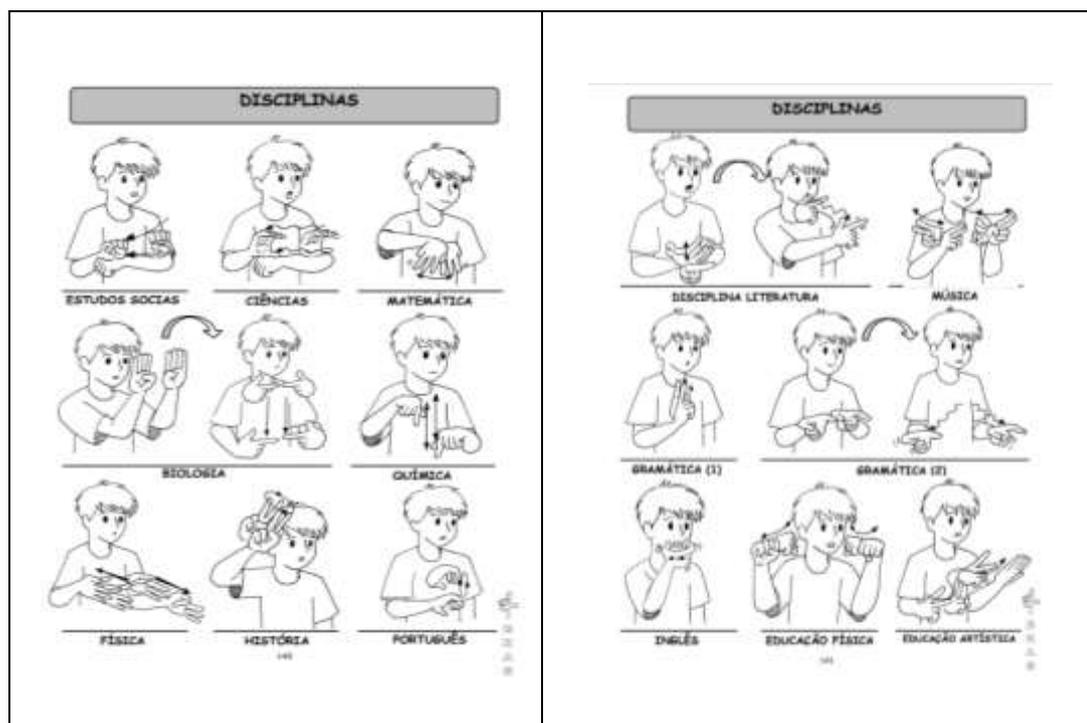


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-sz3J4dQNY>

2 - Sugestão de atividade: Vamos treinar olhe cada imagem com atenção. Tente identificar a configuração de mão, o movimento e a orientação do sinal. Com base no que você observou e no seu conhecimento, tente fazer o sinal, não tenha medo de errar, o importante é tentar.

Um colega pode fazer o sinal e o outro responder qual disciplina é, ou vocês podem praticar juntos, imitando um ao outro e corrigindo-se mutuamente. Imagem extraída da apostila do *Curso de Libras*, segundo a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (MATO GROSSO DO SUL, 2015, p. 140-141).

Figura 51 - Sinais de Disciplina



Fonte: Fonte: MATO GROSSO DO SUL (2015, p. 140-141).

3ª ETAPA: Meios de Comunicação e redes sociais

Vamos aprender os sinais de meios de comunicação

Figura 52 - Sinais de Meios de Comunicação e redes sociais



EGOV SEFP GDF

Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 68.



EGOV SEFP

Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 69.

3 - Sugestão de atividade: Hora de Praticar.

Chegou o momento de colocar em prática tudo o que você aprendeu. Observe as imagens acima referente aos meios de comunicação, com seu conhecimento dos parâmetros, busque verificar a execução de cada novo sinal. Com o conhecimento prévio, que você já possui, você conseguirá perceber qual configuração de mão deve ser usada na execução do movimento do sinal, sua direção e a orientação da palma da mão.

4 - Sugestão de atividade: Para ampliarmos nosso vocabulário vamos analisar, aprender e treinar os sinais da videoaula disponível no link: <https://gqr.sh/5kyZ>

Figura 53 - Tela da videoaula “Meios de Comunicação e Redes Sociais”



Duração: 11:51 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/5kyZ>

Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora em 2025.



Fonte: <https://gqr.sh/5kyZ>

Quadro 07- 5 Sequência Didática

5 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Área de Conhecimento	Linguagens e suas Tecnologias
Componente curricular	Práticas em Libras
Número de aulas	04
Série/ano	1º ano Ensino Médio
Assuntos das aulas	Verbos em Libras; Conquistas da comunidade surda e a diversidade de talentos e autonomia.
Competência específica com base na BNCC	<p>Competência 2: Compreender as linguagens como fenômeno histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as como formas de expressão de identidades e culturas e como meios de participação e intervenção social.</p> <p>Competência 4: Compreender as línguas como fenômeno geopolítico, histórico, social, cultural, formas de identidades e culturas, e analisar criticamente os discursos de preconceito, exclusão e negação da diferença em línguas (materna e estrangeiras).</p>
Habilidade(s) com base na BNCC	<p>(EM13LGG201): Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável e heterogêneo e como forma de expressão de identidades e culturas.</p> <p>(EM13LGG204): Dialogar e produzir entendimento público-inclusivo sobre questões do universo das linguagens e suas diversas mídias, a partir da escuta atenta e crítica, do reconhecimento da legitimidade dos diferentes pontos de vista e posicionamentos e do respeito a outras culturas e aos usos sociais das linguagens.</p> <p>(EM13LGG401): Analisar criticamente textos de diferentes naturezas (literários e não literários) e mídias, com base em interpretação dirigida por aspectos situacionais, históricos, sociais e culturais.</p> <p>(EM13LGG402): Reconhecer e analisar formas de exclusão, preconceito e discriminação presentes em discursos e práticas sociais, a partir da análise de textos de diversas naturezas (artísticos, jornalísticos, midiáticos, publicitários etc.), promovendo ações de respeito à diversidade e de combate a discursos discriminatórios.</p>
Objeto(s) de conhecimento dos assuntos trabalhados	- Proporcionar aos alunos o desenvolvimento do vocabulário em Libras, com foco em verbos, e promover a imersão na cultura surda, reconhecendo e valorizando a diversidade de talentos e autonomia nas conquistas da comunidade surda.
Recursos utilizados	Internet, multimídia, tablets, celulares.
Referências	BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017. EGOV SEFP GDF. <i>Curso Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I</i> . Brasília: Governo do Distrito Federal, 2019. Disponível em: https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Apostila-1.pdf .

Fonte: a autora 2025

Possível caminho metodológico para desenvolvimento da sequência didática.

Sequência: Desenvolvimento do Vocabulário em Libras e a Imersão na Cultura Surda (4 aulas)

Verbos em Libras; Reconhecer as conquistas da comunidade surda e a diversidade de talentos e autonomia.

Tempo: aproximadamente quatro aulas, de 45 minutos cada.

1ª ETAPA: Aprendendo os verbos

Na quinta sequência didática, dedicada ao desenvolvimento do vocabulário em Libras e à imersão na cultura surda, os verbos serão apresentados em ordem alfabética, facilitando o aprendizado e a consulta. Para isso, utilizaremos a apostila indicada abaixo como referência:

Curso Libras Básico I: da Escola de Governo do Distrito Federal e Secretaria de Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão. (Escola de Governo. **Curso Libras Básico I:** apostila. Distrito Federal, 2019)

Embora as apostilas não informem o ano de publicação, elas são recursos valiosos para o ensino de Libras. A apresentação dos verbos em ordem alfabética permitirá que os alunos:

- Familiarizar-se com a estrutura do vocabulário em Libras.
- Aprendam a identificar e utilizar os verbos em diferentes contextos.
- Desenvolvam a habilidade de se comunicar de forma mais eficaz em Libras.

Além da apresentação dos verbos, a sequência didática também promoverá a imersão na cultura surda, com o objetivo de reconhecer e valorizar a diversidade de talentos e conquistas da comunidade surda.

Sugestão de Atividade: Vamos iniciar nossa aprendizagem dos verbos utilizando a apostila mencionada acima.

Figura 54 - Sinais de Verbo



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 26.



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 27.



Fonte: Módulo básico I: EGOV SEFP GDF. Distrito Federal, 2019. p. 28.

As imagens restantes podem ser visualizadas no documento completo, disponível no link abaixo. Para quem tiver interesse em explorar com mais calma, as páginas com os registros visuais estão entre as páginas 29 a 33. O acesso ao material está disponível no seguinte link: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Apostila-1.pdf>

1. **Sugestão de atividade: Sugestão de atividade:** Agora que você já conheceu alguns verbos indico que você faça uma pesquisa no link indicado ou aponte seu celular para o QR CODE, observe, sinalize se envolva com essa rica cultura.

Figura 55 – Videoaula “Verbos”



Linke de acesso: <https://gqr.sh/29ZB>

Tempo: 28:19 minutos

Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora 2025.



Fonte: <https://gqr.sh/29ZB>

2ª ETAPA: Reconhecer as conquistas da comunidade surda e a diversidade de talentos e autonomia do sujeito surdo, sem ou com o auxílio do sujeito ouvinte.

A comunidade surda, ao longo da história, tem demonstrado uma rica diversidade de talentos e vem alcançado conquistas notáveis em diversas áreas, isso é fruto de suas lutas e conquistas. Longe de serem limitados pela ausência da audição, os indivíduos surdos têm contribuído significativamente para a sociedade, enriquecendo-a com suas perspectivas únicas e habilidades excepcionais demonstrando dessa forma sua autonomia surda.

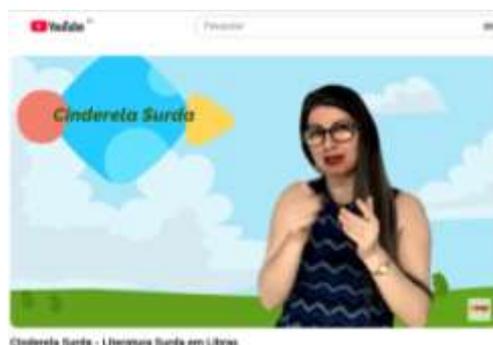
Figura 56 - Imagem da capa do livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”



Podemos citar a produção de livros com cunho científico, como o trabalho de Karin Strobel, que exploram a cultura surda e a experiência de ser surdo, demonstra a capacidade intelectual e a importância da pesquisa na comunidade surda, em seu livro As imagens do outro sobre a cultura surda.

Criação de material para literatura surda, incluindo poesia, contos e romances, permite a preservação e a disseminação da cultura e da língua de sinais.

Figura 57 - Vídeo Cinderela Surda



Duração: 13:04 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/AGpN>

Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora 2025



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=J0Eq8eLkEZO>

2- Sugestão de atividade: Conversar com os alunos sobre.

- a) Comparar a versão tradicional da Cinderela com a versão surda, identificando as diferenças e semelhanças na narrativa, nos personagens e nos valores transmitidos.
- b) Debater como a cultura surda influencia a adaptação da história, destacando elementos como a comunicação em Libras, a importância da comunidade surda e a superação de barreiras.
- c) Explorar os sinais em Libras presentes no vídeo, aprendendo alguns sinais básicos e discutindo a importância da língua de sinais para a comunidade surda.

Outro exemplo são as piadas surdas, as quais são expressas em forma de humor que reflete a cultura e as experiências da comunidade surda. Elas frequentemente abordam temas como a comunicação entre surdos e ouvintes, a identidade surda e as situações cotidianas vividas por pessoas surdas. Na sua execução elas necessitam de elementos visuais, como expressões faciais, gestos e linguagem corporal, para transmitir o humor, para tanto abordam questões sociais e políticas, como a discriminação e a falta de acessibilidade enfrentadas pela comunidade surda.

Apresentamos para vocês a piada da árvore surda.

Figura 58 - Vídeo A árvore Surda



Fonte: <https://gqr.sh/UyX5>

Duração: 07:17 minutos

Link de acesso: <https://gqr.sh/UyX5>

Se preferir visualize a aula pelo QR code gerado pela autora 2025



3-Sugestão de atividade

a) Realizar atividades de dramatização, onde os alunos representam as cenas utilizando a comunicação visual.

b) Criar roteiros, figurinos e cenários, desenvolvendo a criatividade e a habilidade de trabalho em equipe.

c) Os alunos podem produzir vídeos em Libras, dramatizando a piada "Árvore Surda".

Sob outro prisma, observamos que durante o período pandêmico, as redes sociais ganharam grande destaque, como Instagram, TikTok e YouTube e outras plataformas se tornaram essenciais na produção e disseminação de materiais ricos e diversos voltados para a cultura surda. A exemplo disso demos o “Bla Bla Bla Libras”.

Figura 59 - Bla Bla Bla Libras @blablalibras



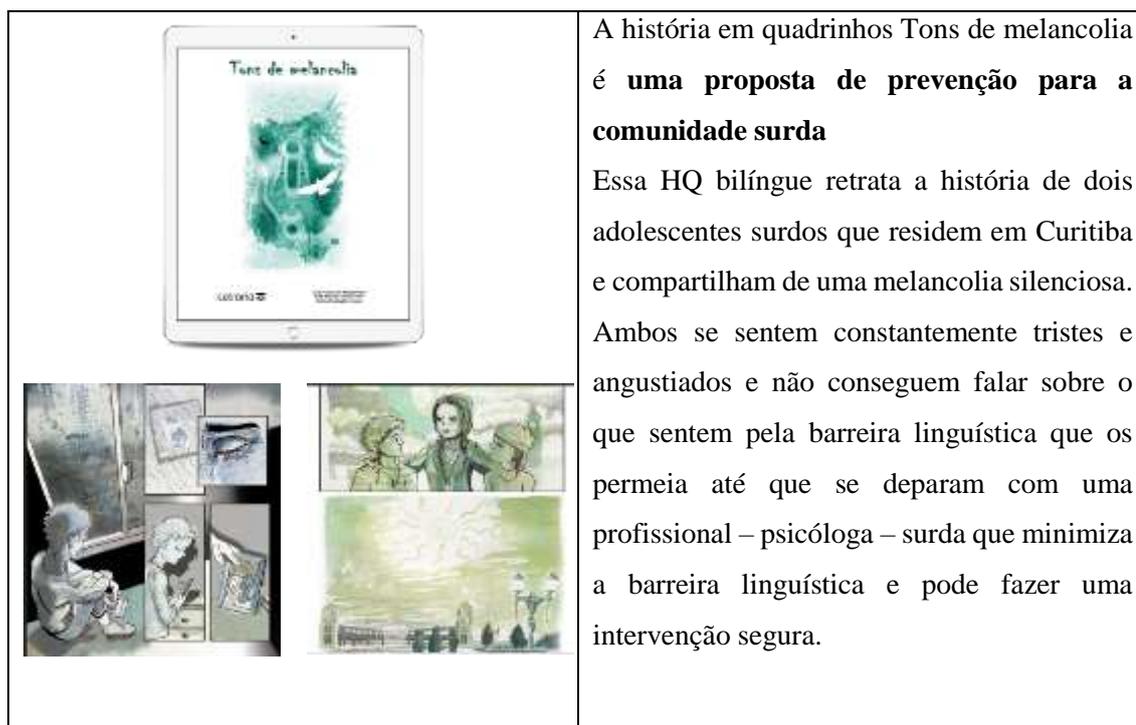
Fonte: <https://www.instagram.com/blablalibras/>

Vamos conhecer um pouco a história; O Bla Bla Bla Libras é um projeto idealizado por duas ouvintes, comprometidas com a promoção da Libras como ferramenta de inclusão, respeito e transformação social. Contudo, por acreditarem no potencial das pessoas surdas, trouxeram para junto do projeto um colaborador surdo que é a pessoa que, por viver a Língua Brasileira de Sinais – a Libras, todos os dias, é quem promove o ensino e a aprendizagem desta para a comunidade ouvinte. Surgido em maio de 2020, em meio à pandemia, e com o sucesso das redes sociais naquele período, o projeto foi ganhando forma e força e hoje já atuou em diversas áreas com a prestação de serviço, e também com parceria relevantes, como o Instituto Guga Kuerten. Sua proposta vai além do ensino da Língua Brasileira de Sinais: trata-se de uma iniciativa voltada à valorização da cultura surda e à ampliação do acesso linguístico, por meio de práticas pedagógicas criativas, dinâmicas e acessíveis. O grupo grava e divulga vídeos com aulas de Libras, além de conteúdos sobre a cultura e a comunidade surda, tudo isso nas suas redes sociais, incluindo Instagram, Tik Tok e Youtube (todas as redes identificadas como @blablalibras). Logo o projeto irá ampliar a produção de vídeos, também com um PodCast exclusivo para o Youtube e que terá como tema somente assuntos voltados a Libras, surdez e comunidade surda. A presença de um dos idealizadores surdo no desenvolvimento do projeto é um elemento essencial, pois sua participação assegura autenticidade às ações e reforça o protagonismo da Comunidade Surda em iniciativas que envolvem sua própria língua. Projetos como o Bla Bla Bla Libras evidenciam a importância de os surdos ocuparem espaços de decisão, produção e ensino, contribuindo diretamente para a construção de uma sociedade mais equitativa. Além disso, o ensino da Libras a pessoas ouvintes têm papel fundamental na superação das barreiras comunicacionais que, historicamente, excluem os surdos de espaços sociais, educacionais e profissionais. Ao incentivar o aprendizado da Libras por parte dos ouvintes, o Bla Bla Bla Libras fomenta o respeito à diferença, promove o diálogo intercultural e fortalece os princípios da inclusão. Por meio de conteúdos interativos, linguagem acessível e estratégias inovadoras de ensino, o projeto tem se destacado cada vez mais, alcançando públicos diversos e incentivando o interesse por uma educação bilíngue e verdadeiramente inclusiva.

Sugestão de pesquisa: Incentivar os alunos a pesquisar páginas que divulguem material sobre a cultura surda.

Em outra vertente temos o exemplo das histórias em quadrinhos, as quais podem abordar diversos temas, desde aventuras e comédia até questões sociais e políticas, atendendo aos interesses e necessidades da comunidade surda.

Figura 60 - HQ bilíngue



Fonte: <https://www.letraria.net/tons-de-melancolia/>

O exemplar de "Tons de Melancolia", uma HQ bilíngue, está disponível para acesso totalmente gratuito.

4- Sugestão de atividade:

a) Encaminhar os alunos para o laboratório de informática, disponibilizar a todos o acesso ao Link: <https://www.letraria.net/tons-de-melancolia/>.

b) Permitir um tempo para que os alunos observem atentamente as imagens. O que os desenhos, as expressões e os detalhes visuais nos contam sobre essa história?

1- Questionar os estudantes o que eles entendem por melancolia, qual seu significado.

2- Promover um debate sobre a importância da saúde mental, explorando os desafios e as barreiras enfrentadas pelos adolescentes ouvintes e surdos;

3- Analisar e discutir como as barreiras linguísticas podem afetar a saúde mental dos surdos e como a presença de profissionais que dominam a Libras pode fazer a diferença.

4- Propor uma atividade envolvendo a metodologia de Rotação por Estações, combinada com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDICs.

Para desenvolver a atividade de criação de história em quadrinhos vamos utilizar as metodologias ativas combinadas com as TDICs conforme cita Bandiera (2024).

As metodologias ativas de aprendizagem também são abordagens pedagógicas que colocam os estudantes centralizados no processo educacional, promovendo o protagonismo e a autonomia dos estudantes. Essas metodologias visam estimular a participação ativa dos estudantes, incentivando-os na resolução de problemas, a trabalharem em equipe, desenvolver análise crítica e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Quando combinadas com as TDICs essas metodologias ganham uma nova dimensão. (Bandiera, 2024, p. 142).

As metodologias ativas vão propor aos estudantes estar no centro do processo de aprendizagem, combinando com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) vão potencializar o entendimento e a aprendizagem. Desta forma ao desenvolver a atividade de metodologia de Rotação por Estações, combinada com as TDICs” vamos proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizado dinâmica, aonde os mesmos vão experienciar as quatro estações elaboradas, utilizando a história em quadrinhos "Tons de Melancolia”.

Figura 61 - Exemplo de organização da sala de aula para aplicar atividade de metodologia de rotação por estações



Fonte: Autora (2025)

A figura oferece um guia visual para a organização da sala de aula nesta abordagem didática, com sugestões de atividades adaptáveis para cada estação. A personalização do conteúdo e das atividades é essencial para atender às necessidades de cada planejamento e contexto escolar.

Iniciamos a rotação por estação com a Leitura do material em grupo, os grupos serão compostos por cinco alunos cada, após analisar o material, as imagens, a narrativa, as emoções dos personagens, as expressões os elementos que compõem a história em quadrinho "Tons de Melancolia". Entretanto na segunda estação os alunos vão criar um jogo educativo "quiz de perguntas e respostas" sobre saúde mental, para essa atividade vamos utilizar o Kahoot ou Quizizz. Outrossim, na terceira estação os alunos criarão um folder informativo que condense as informações relevantes e as apresente de forma clara e acessível, trazendo para as informações os sinais e sintomas de problemas de saúde mental, como melancolia, ansiedade e depressão, bem como recursos e serviços de apoio disponíveis para a comunidade surda e ouvinte, busquem desenvolver a criatividade, usem imagens, sinais e outros elementos para enriquecer o trabalho.

Para finalizar na quarta rotação com a autorização da gestão escolar e supervisão do professor os alunos vão criar um blog ou Instagram informativo, nesses espaços os alunos vão divulgar o folder, o quiz. Além da divulgação dos materiais, os grupos precisam verificar e cuidar dos elementos visuais do ambiente, garantir informações claras ao público. Alimentar blogs ou Instagram com as atividades propostas e desenvolvidas. E para finalizar a atividade divulgar no ambiente escolar sua página no blog ou integrar, por meio de QR code afixado nas paredes da escola. Despertando no público escolar o desejo de visualizar os ambientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado. E é então que se pode escrever – como agora faço – a história (Soares, 1991, p. 28).

A epígrafe escolhida reflete com precisão o que senti no início desta jornada de pesquisa: uma peça que é tecida sem que o seu padrão seja totalmente conhecido. Cada fio, cada debate teórico e cada fonte de pesquisa representaram um elemento a ser incorporado nessa tessitura, que se mostrou marcada por desafios e inquietações. Essas tensões, no entanto, instigaram um processo contínuo de crescimento, exigindo o uso de novos instrumentos e abordagens para dar forma ao bordado.

Nesse "bordado da vida acadêmica", a investigação me permitiu ter um olhar aprofundado e mais sensível para as propostas de ensino de Libras, bem como para as necessidades dos estudantes ouvintes e surdos. Essa nova perspectiva me impulsionou a ir além, motivando-me a aprimorar minha atuação profissional e a expandir meus estudos na área da educação inclusiva.

Compreendo, portanto, a investigação como um processo de articular os fios que, embora no início pareçam soltos e desconexos, vão gradualmente organizando-se. Ao longo do tempo, pude apropriar as habilidades de pesquisa, organizar as ideias e (re)aprender a utilizar os recursos disponíveis. Foi nesse processo que consegui ver a dissertação consolidar-se e, enfim, alcançar o objetivo proposto, transformando os fios dispersos em um bordado coerente e significativo.

Assim a dissertação está vinculada à linha de pesquisa 3, intitulada 'Processos Educativos, Linguagens e Tecnologias', do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da URI, onde destaca-se por seu caráter inovador no campo da pesquisa de nível de Mestrado. Sua originalidade reside na proposta educativa que articula a implementação de materiais didáticos multimodais e metodologias ativas no ensino de Libras para estudantes ouvintes e surdos no Ensino Médio. Essa abordagem singular tem como propósito central promover a inclusão e valorizar a cultura surda no ambiente escolar.

A jornada de estudos, pesquisas e construção da dissertação foi um desafio constante e profundamente enriquecedor.

Envolver-me com a temática do ensino de Libras no Ensino Médio, exigiu um esforço significativo, demandando um olhar crítico e reflexivo, para além de minhas próprias

concepções iniciais. Foi um exercício de desprendimento, buscando a objetividade necessária para trilhar os caminhos rigorosos da investigação científica, analisar o objeto de estudo frente ao material documental selecionado, aos estudos acadêmicos, às leis, decretos e à literatura existente.

Dedicar-me a pesquisa e analisar como o ensino da Libras no Ensino Médio pode constituir-se como uma proposta educativa inclusiva para alunos ouvintes e surdos, onde o ponto de partida para esta jornada reside em uma questão fundamental que me inquietou desde o início: de que maneira o aprendizado da Libras por estudantes ouvintes pode, de fato, promover a inclusão, desenvolver habilidades linguísticas e expandir a mobilidade comunicativa de estudantes ouvintes na interação com a comunidade surda.

Com o objetivo de encontrar instrumentos capazes de elucidar essas questões complexas e de oferecer possíveis abordagens para enfrentar tais processos, a presente investigação foi estruturada.

Nesse contexto, pude investigar o potencial do ensino de Libras no Ensino Médio, por meio da análise da aplicação de sequências didáticas fundamentadas em materiais didáticos multimodais, e elaborar uma proposta pedagógica que maximize a inclusão, a aquisição de competências linguísticas e a expansão da mobilidade comunicativa de estudantes ouvintes na interação com a comunidade surda.

Para isso, realizei o levantamento do estado do conhecimento sobre a temática no Catálogo de Teses e Dissertações, concentrando a busca, a coleta de dados e a análise em produções acadêmicas vigentes no período de 2013 a 2023. Contamos com as valiosas reflexões e contribuições dos pesquisadores mencionados abaixo. Durante a análise, emergiram três categorias: a primeira, denominada Processos Educativos e o Ensino de Libras, inclui Silva (2016), Sousa (2017), Lima (2017), Ferrera (2019), Ildebrand (2020), Heidmann (2021), Lopes (2022) e Leite (2022); a segunda, Educação e Inclusão de Libras, conta com as pesquisas de Santos (2019), Santos (2019) e Junior (2021), que auxiliam na compreensão da terceira categoria, relacionada à Proposta Curricular para o Ensino de Libras, cuja pesquisa de referência é de Rodrigues (2019).

Ao longo da pesquisa, busquei mapear o panorama das investigações realizadas no Brasil na última década sobre a temática em questão. Nesse processo, nas teses e dissertações analisadas, constatamos uma relativa escassez de estudos focados especificamente no ensino de línguas de sinais, particularmente no que diz respeito à aquisição da Libras por estudantes ouvintes no contexto do Ensino Médio.

Outrossim, em desdobramento ao objetivo geral, traçamos os objetivos específicos, que são:

O primeiro objetivo específico foi analisar o desenvolvimento histórico e a regulamentação legal da Língua Brasileira de Sinais - Libras no Brasil, com ênfase na implementação e importância do ensino de Libras para alunos ouvintes e surdos no Ensino Médio. Assim, voltamos nosso olhar para questões conceituais e teóricas, dando aporte à fundamentação e desenvolvimento desta pesquisa, na qual contamos com as contribuições de autores importantes, como Quadros (1997), Goldfeld (2001), Perlin e Strobel (2008), Strobel (2009), Veloso e Filho (2009), que relatam em suas investigações a história da comunidade surda, marcada por sofrimento, perseguições e conflitos. Vale ressaltar que esse processo de compreender a jornada da língua de sinais, desde a antiguidade até os dias atuais, requer a análise de alguns eventos históricos que, por sua vez, moldam os processos de ensino, conduzindo às filosofias utilizadas nas abordagens educacionais dos surdos, que são denominadas de oralismo, comunicação total, bilinguismo e a Língua Brasileira de Sinais – Libras, influenciadas pelas pesquisas de Goldfeld (2001), Formozo (2008), Perlin e Strobel (2008), Brito (1986), Goes (1996), Quadros (1997, 2005), Fernandes (1998), Salles (2002) e Honora (2009). Diante do processo histórico, evidencia-se um importante avanço para garantir os direitos linguísticos da comunidade surda e o amparo legal para que os sujeitos surdos aprendam Libras. A Libras é considerada a primeira língua das pessoas surdas, reconhecida pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Para finalizar esta proposta de aprendizagem de Libras, torna-se necessário fundamentá-la nas Leis e Diretrizes Educacionais, com especial atenção à Base Nacional Comum Curricular.

O segundo objetivo específico consiste em analisar o ensino de Libras no Ensino Médio, identificando desafios e oportunidades para aprimorar as competências comunicativas dos estudantes ouvintes em uma sociedade bilíngue, buscamos compreender o impacto da reforma, bem como os desafios e oportunidades que emergem do Novo Ensino Médio, especialmente no que se refere à inclusão da Libras como disciplina e à formação integral dos estudantes em geral. Refletindo nas questões que envolvem a oferta de Libras como disciplina em uma visão nacional, realizamos uma busca no site oficial da Câmara dos Deputados do Senado Federal, buscando projetos de lei que citam o ensino de Libras no ensino médio e tratam da importância da inserção da disciplina de Língua de Sinais. Foram encontramos doze projetos de lei referentes à temática do ensino de Libras no Ensino Médio no Brasil.

Diante do exposto, evidencia-se que dez projetos de lei foram rejeitados e arquivados. Além disso, é importante informar que estamos com dois projetos de lei em andamento, o que representa um progresso significativo na luta pela educação inclusiva e pelo reconhecimento dos direitos da comunidade surda. Nessa direção, ampliamos nossas pesquisas ao tratar da importância de uma escola inclusiva. Para compreender esse conteúdo, contamos com as contribuições da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) número 9.394/96, que busca estabelecer que todos os estudantes têm o direito de acessar o currículo escolar. Para aprofundar a pesquisa, analisamos as leituras de Mantoan (2026), Veiga-Neto (2005), Sasaki (2005) e Skliar (2005), que tratam da escola inclusiva.

À medida que avançava na investigação, revelou-se que a língua e a linguagem são elementos intrínsecos e inseparáveis da experiência humana e da vida em sociedade. Elas constituem as principais formas pelas quais expressamos nossos pensamentos, sentimentos, cultura e identidade. Ao refletir sobre a implementação do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua para pessoas ouvintes, buscamos embasamento teórico em estudos de Saviani (2015), Caporali (2005), Pedroni (2021) e Lima (2022). Esses autores reafirmam a importância de os ouvintes aprenderem Libras, sendo uma oportunidade de o sujeito ouvinte ampliar a comunicação e o respeito para com o sujeito surdo. Desse modo, promove-se um ambiente mais inclusivo e consciente nas interações sociais.

Por fim, tem-se como terceiro objetivo específico a elaboração de sequências didáticas que abordem o vocabulário básico da Libras e envolvam aspectos da cultura surda. Para contemplar esse objetivo, busquei elaborar cinco propostas a serem trabalhadas na sequência didática. As quais foram estruturadas em cinco eixos temáticos interligados, com o propósito de promover a inclusão efetiva de alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar, através do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais - Libras e da valorização da cultura surda. Cada eixo temático foi minuciosamente planejado para contemplar objetivos do conhecimento, os objetivos da aprendizagem e as habilidades a serem desenvolvidas, com conteúdos relevantes ao ensino básico da Língua Brasileira de Sinais, garantindo uma progressão lógica e significativa no processo de aprendizagem.

Com bases teóricas relacionadas de acordo com propostas na área de linguagens da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo fundamentada em materiais didáticos multimodais e metodologias ativas, no decorrer deste estudo, foram analisados e separados conteúdos e atividades com o objetivo de minimizar a visão limitada e baseada em preconceitos sobre a comunidade surda. Priorizei a iniciação ao conhecimento da cultura e identidade surda, além

de um vocabulário básico em Libras para fomentar a comunicação inicial entre ouvintes e surdos. Essas trocas culturais e as discussões entre os contextos surdo e ouvinte expandem a percepção de mundo dos aprendizes durante as aulas.

Das reflexões, a pesquisa nos permite constatar uma realidade preocupante: a ausência da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina formal na maioria das escolas, sejam elas públicas ou privadas. Mesmo com os avanços legislativos, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, que reconhecem a Libras como meio legal de comunicação e expressão, sua inserção no currículo escolar ainda é pontual, muitas vezes restrita a iniciativas isoladas ou projetos extracurriculares. Essa lacuna compromete não apenas a inclusão efetiva de estudantes surdos, mas também limita o desenvolvimento de uma cultura escolar verdadeiramente bilíngue e inclusiva.

A proposta aqui apresentada visa justamente suprir essa lacuna, direcionando o ensino da Libras aos estudantes ouvintes e, por extensão, promovendo uma mediação comunicativa eficaz com seus colegas surdos. Ao oferecer Libras como segunda língua para alunos ouvintes, contribui-se para a construção de ambientes escolares mais acessíveis, colaborativos e empáticos, nos quais a diversidade linguística é valorizada e respeitada. Além disso, fomenta-se a formação de cidadãos mais conscientes de seu papel social e preparados para atuar em uma sociedade plural, inclusiva e democrática.

As sequências didáticas, enquanto proposição para uma educação mais inclusiva, revela-se uma ferramenta pedagógica de fundamental importância. Elas oferecem uma estrutura coerente e sistemática para a organização do ensino, superando a fragmentação de conteúdos proporcionando sugestões de percursos claros para o professor e o estudante. A criação de situações comunicativas contextualizadas reforça a importância de práticas significativas de ensino. Desta forma, os objetivos delineados na investigação foram plenamente atingidos, conforme demonstrado, quando adaptamos essas sequências com base nas referências, tornando a proposta um plano de caráter interventivo, aproximando teoria e prática, e permitindo que o ensino de Libras se desenvolvesse de maneira integrada aos aspectos culturais da comunidade surda. No contexto da cultura surda e do ensino de Libras, essa estrutura permitiu a articulação de materiais multimodais e metodologias ativas, integrando a língua e seus aspectos culturais de forma orgânica ao processo de aprendizagem. Assim, as sequências didáticas funcionam, como uma metodologia pedagógica prática, assegurando que a abordagem da Libras fosse consistente e acessível, consolidando o respeito à diversidade no ambiente escolar.

Considerando a totalidade do que foi pesquisado, planejado, produzido e executado, é pertinente destacar que as reflexões evidenciam a necessidade de refletir sobre a importância

do ensino de Libras tanto para estudantes surdos quanto para não surdos — um ensino que vai além da mera comunicação entre as comunidades surda e ouvinte. Envolve o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos e das ricas variações culturais inerentes aos indivíduos e grupos minoritários que compõem a comunidade surda brasileira.

Acredito que a implementação efetiva do ensino de Libras no Ensino Médio é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente inclusiva, onde a diversidade linguística e cultural sejam não apenas respeitada, mas celebrada e reconhecida como um valor essencial. Que esta dissertação possa inspirar novas investigações e ações concretas, onde a discussão iniciada aqui busque trazer algumas reflexões e apontar caminhos considerados importantes para compreensão da desigualdade comunicativa existente entre os sujeitos surdos e ouvintes.

Pensando em estudos futuros, ficou a curiosidade de aplicar essas sequências didáticas, podendo investigar o potencial de nossos alunos. Ou seja, analisar a possibilidade de compartilharmos e aplicar a pesquisa em um espaço de convívio com inclusão e interação com alunos surdos e ouvintes.

Escrever esta dissertação representou, em grande parte, um estudo solitário, uma jornada de introspecção e dedicação individual. Em um trânsito constante entre leituras, reflexões e a organização das ideias. O grande desafio inicial foi à escassez de pesquisas que fundamentassem o estudo, especialmente no que tange à temática do “Ensino de Libras como Segunda Língua para Ouvintes no Ensino Médio e ao Processo de Aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais”. Essa lacuna no conhecimento demandou uma investigação mais aprofundada e um esforço adicional para construir um referencial teórico que sustentasse a proposta da dissertação.

Embora as produções científicas ainda sejam escassas, envolvi-me com uma diversidade de materiais, físicos e digitais, que forneceram aportes relevantes à construção do referencial teórico. Nesse processo, senti a necessidade de revisitar meus próprios guardados, livros e dicionários sobre Libras que estavam esquecidos e empoeirados em um canto da estante. Eles ganharam nova vida ao serem folheados novamente, e, junto a eles, novos títulos foram adquiridos com o intuito de ampliar e fortalecer o embasamento teórico necessário para esta dissertação. A cada página lida, o tato com o papel provocava uma experiência sensorial que reavivava o significado profundo do conhecimento ali presente. Essa imersão em bibliotecas e materiais físicos, aliada ao suporte das tecnologias digitais, oferecem acesso direto a um acervo inestimável de recursos (livros, teses, dissertações, artigos, etc.), transformou a pesquisa em uma rica fonte de descobertas.

É importante ressaltar a relevância da tecnologia, a qual se tornou uma aliada valiosa nesse processo da pesquisa para o corpus da dissertação. A escrita desta dissertação constituiu, portanto, uma jornada de profunda conexão e aprendizado. A solidão do processo foi superada pela imersão em um universo de informações que me permitiu revisitar, explorar e ampliar o conhecimento de forma exponencial. Foi a partir desse acesso privilegiado e diversificado à literatura que consegui elaborar e organizar minha escrita de maneira mais coesa e estruturada.

Ao final, essa experiência não apenas enriqueceu minha formação acadêmica, mas também me proporcionou um crescimento pessoal significativo.

Contudo, a jornada que inicialmente pareceu ser solitária, transformou-se em uma rica teia de aprendizado, contando com as valiosas orientações e apontamentos da professora doutora Luana Teixeira Porto. Cada desafio proposto e cada discussão em nossos encontros me permitiram expandir o pensar, pesquisar e atuar de forma mais abrangente na organização da dissertação. O que começou como um desafio individual de escrita tornou-se uma profunda experiência de expansão pessoal e profissional. Minha relação com a pesquisa se fortaleceu, e agora, não me vejo sozinha, mas conectada a uma comunidade de educadores e pesquisadores com o propósito de utilizar este conhecimento para impulsionar a educação inclusiva, contribuindo ativamente para a transformação da realidade e a valorização da diversidade.

Do mesmo modo, saliento que o presente estudo contribuiu para (re)pensar a prática pedagógica sob a ótica da educação inclusiva, oferecendo uma contribuição significativa e multifacetada para o ensino de Libras no Ensino Médio. Ao propor e defender o uso de sequências didáticas, esta dissertação se estabelece como um referencial prático e valioso, preenchendo uma lacuna na literatura e fornecendo aos educadores uma metodologia concreta e replicável para o ensino em contextos de diversidade.

A grande contribuição da dissertação reside na valorização da cultura e identidade da comunidade surda. Ao contextualizar o aprendizado da Libras com temas de cidadania e eventos históricos, o trabalho transcende a aquisição de uma segunda língua. Ele se torna um instrumento para ampliar a convivência e promover o respeito e a empatia, expandindo a linguagem e o entendimento mútuo entre sujeitos surdos e ouvintes.

Além disso, as reflexões apresentadas, abrem caminho para futuros estudos, especialmente em nível de doutorado. A continuidade lógica desta pesquisa seria a aplicação das propostas pedagógicas apresentadas em um ambiente real de Ensino Médio, com o objetivo de verificar a efetividade da proposta educativa no ensino de Libras como segunda língua para estudantes ouvintes. Essa iniciativa terá o potencial de confirmar e consolidar a proposta apresentada, fortalecendo a troca de conhecimentos. Ainda, esta pesquisa pavimenta um

caminho para que a escola se torne um espaço inclusivo, onde a diversidade é valorizada e a educação atue em consonância a transformação social.

Nesse cenário, a discussão iniciada neste estudo, buscou trazer reflexões vivenciadas em minha trajetória pessoal, que constituíram para esta caminhada enquanto sujeito da pesquisa, abrangendo-me nos âmbitos científico, profissional e pessoal.

Essa expansão de horizontes teve um impacto direto e profundo na minha visão profissional. Como professora, a dissertação vai muito além de um documento acadêmico; ela é um guia prático e uma filosofia de ensino que me acompanhará para sempre. A pesquisa me equipou com uma metodologia sólida. As sequências didáticas me permitiram planejar e idealizar aulas de maneira intencional, priorizando a inclusão, em que a proposta educativa consolida a certeza de que meu papel é ir além da transmissão de conteúdo, atuando como uma agente de inclusão e valorizando a diversidade de saberes e de linguagens. O processo me transformou em uma educadora mais preparada, reflexiva e comprometida com a equidade e o respeito ao próximo. A partir disso, busco (agora mais do que sempre busquei) estimular os educandos, e todos meus colegas educadores, a respeitar e a valorizar a língua, identidade e cultura do outro, despertando neles a consciência de seu papel transformador na sociedade.

Por fim, no âmbito pessoal, este trabalho é a materialização dos meus valores e crenças em uma educação mais justa e humana. A imersão na cultura surda, a compreensão da importância da Libras e a defesa da inclusão como um direito inalienável moldaram minha visão de mundo e ampliaram minha empatia. O desafio individual da escrita da dissertação se converteu em uma experiência de expansão pessoal e profissional.

Assim, busco concluir esta dissertação recorrendo às palavras de Streck (2006, p. 262), para quem

[...] não se pode negar que todos os projetos têm sua relevância e não se pode avaliar os resultados da pesquisa de uma forma linear ou imediata. Nesse sentido, todas as pesquisas contribuem de alguma forma para um acúmulo de conhecimentos que, em certo momento, pode permitir passos maiores ou a descoberta de caminhos alternativos na compreensão da realidade.

Espera-se que as reflexões apresentadas sirvam de referência para professores que buscam inovar em suas práticas, promovendo um diálogo constante entre a teoria e a ação pedagógica. Embora se reconheça que a implementação de novas abordagens não seja isenta de desafios, a superação dos obstáculos inerentes a esse percurso é fundamental. Em última análise, os resultados obtidos confirmam que o esforço dedicado é recompensador e contribui para uma compreensão mais aprofundada da realidade educacional.

Por fim, a materialização prática dessa abordagem ocorre nas propostas metodológicas, baseadas em sequências didáticas, que se encontram detalhadas no quinto capítulo. Essas propostas consolidam uma contribuição educacional concreta, que pode ser amplamente divulgada e utilizada por outros docentes, transformando a teoria em ação e ampliando o alcance da educação inclusiva.

Diante de exposto, os convido a observar com atenção o bordado já feito e perceber que, nele, o ensino de Libras não é apenas um adereço, mas sim parte fundamental do desenho que queremos construir, uma sociedade em que todas as vozes orais ou sinalizadas, sejam respeitadas, valorizadas e reconhecidas. Que possamos continuar a feitura do bordado com coragem, confiando que cada ponto, cada gesto e cada sinal têm seu valor, na tapeçaria marcada por fios de sabedoria, do conhecimento compartilhado e no processo de aprendizado que nos transforma e aproxima.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érica. Estudo da Disciplina de Libras em duas Licenciaturas no Litoral do Paraná. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 6, n. 1, p. 39-51, jan/jun, 2013.

ARAÚJO, P. F. de. Desporto Adaptado no Brasil: **Origem, institucionalização e atualidade**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: INDESP, 2003.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS SURDOS – APAS. *Dicionário de Libras Migueloestino*. [s.n.], [s.d.]

BANDIERA, Eliara Maria. *Práticas inovadoras para o ensino de Ciências da Natureza e a utilização de novas tecnologias na (ir)realidade da educação em escolas públicas do extremo oeste de Santa Catarina*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen, 2024.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAKHTIN, M. (1995). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: 153 MUELLER, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Notícias**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias>. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicado no Diário Oficial da União, em 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União, em 24 de abril de 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 02 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio: dúvidas**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília, 2014a. 24 p.

BRASIL. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 2018b. Disponível em: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

BRITO, Fábio Bezerra de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

BRITO, Lucinda Ferreira et al. (org). **Língua Brasileira de Sinais**. In: Brasil, SEESP. Brasília, 1998. v3.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. TB-Edições Tempo Brasileiro, 2010.

BOURDIEU, P. (1991). **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Harvard University Press.

CANDAU, V.M. **Relatório da Pesquisa Universidade, Diversidade Cultural e Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC-RIO, 2003.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania sobre o PL nº 2.040/2011. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias>. Acesso em: 10 out. 2024.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza; QUADROS, Ronice Muller. **LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais: curso de licenciatura em matemática na modalidade à distância**. Florianópolis: UFSC, 2010.

CAPORALI, S. A., DIZEU, L. C. T. B. **A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo**. Campinas – SP: Educ. Soc., vol. 26, nº91, p. 583-597, maio/agosto 2005. Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br/>. Acesso em 01 de outubro de 2024.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

CASTELLS, M. (2003). **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CASTELLS, M. (2003). **The Information Age: Economy, Society and Culture**. Malden: Blackwell.

CHAVEIRO, Neuma; PORTO, Celmo Celeno; BARBOSA, Maria Alves. Relação do paciente surdo com o médico. **Rev. Bras. Otorrinolaringol**, São Paulo, v. 75, n.1, p.147-150, fev. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rboto/a/g8Y96kcNmtxPLZTHh9Zh5bB/?Acesso em: 01 de maio 2024>.

CHOMSKY, N. (1965). **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press.

DISTRITO FEDERAL. Escola de Governo. **Curso Libras Básico I**: apostila. Distrito Federal, 2019

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DUBEUX, M.H.S.; SOUZA, I. P. Organização do trabalho pedagógico por sequências didáticas. In: BRASIL; **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas. Ano 01, unidade 06. Brasília: MEC, SEB, 2012. p. 27-37.

ELLIS, R. 1994. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press.

ESCOLA DE GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. *Curso Língua Brasileira de Sinais (Libras) – Módulo básico I*. Brasília: GDF, 2019. Disponível em: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Apostila-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Escola Nacional de Administração Pública (Brasil). **Curso Básico de Libras**. Brasília, DF, 2019. ENAP.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante / Tanya A. Felipe. 8ª. edição- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FERNANDES, F. **Comunidade e sociedade**: Leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA, Sergio. **A construção de identidade do ouvinte aprendiz de Libras como segunda língua**. UFPR, 136 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal Do Paraná, Curitiba, 2019.

FILATRO, Andrea; LOUREIRO, Ana Claudia. **Novos Produtos e Serviços na Educação 5.0**. 1. ed. São Paulo-SP: Artesanato Educacional, 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FORMOZO, D. de S. Currículo e a educação de surdos. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188280/FORMOZO%20Daniele%20de%20Paula%202008%20%28disserta%C3%A7%C3%A3o%29%20UFPel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 de ago. 2024.

FOUCAULT, M. (1971). **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FRYDRYCH, Laura A. K. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAMSCI, A. (1971). **Selections from the Prison Notebooks**. New York: International Publishers.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2001.

HABERMAS, J. (1987). **The Theory of Communicative Action**. Boston: Beacon Press.

HEIDMANN, Marciele Keyla. **F-Libras: aplicativo móvel como instrumento didático-tecnológico no ensino de conceitos de física em Libras para estudantes surdos e ouvintes que ingressam no ensino médio**. 179 p. Dissertação (Mestrado em Ensino De Ciências E Matemática), Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. **Livro Ilustrativo da Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

ILDEBRAND, Isaias dos Santos. **Língua brasileira de sinais e língua portuguesa no ensino médio: uma proposta de ensino com foco na língua e cultura surda**. UNISINOS, 144 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

JUNIOR, Edivaldo dos Santos. **Pegadas da inclusão: um jogo de tabuleiro digital em Libras para o contexto do ensino médio integrado**. 159 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional E Tecnológica) Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Tocantins, Vitória, 2021.

LACERDA, C. B. F de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: O que dizem Alunos, Professores e Intérpretes Sobre Esta Experiência.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: ago.02/2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo, SP: Atlas, 2003. P.44-73.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: _____. **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil.** Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.

LEITE, M. de S.; ARAÚJO, A. C. S. **Relatos de Experiência: Libras na Escola, Despertando Uma Nova Língua e Promovendo a Inclusão.** Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 108-119. ISSN: 1981-1179.

LEITE, Franciele de Jesus Ferreira. **A ensinagem ativa dialógica para ouvintes de Libras como segunda língua: uma abordagem teórica.** 118 p. Dissertação (Mestrado em Estudos De Linguagem) Universidade Federal De Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

LIMA, Maria Cecilia Villaca. **Curso de Libras para ouvintes: Uma pesquisa exploratória. 90 p. Dissertação** (Mestrado em Educação) Instituição de Ensino: Universidade Do Estado De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, S. L. **Práticas de leitura em meio digital e produção textual multimodal no ensino médio.** In: VI Simpósio Internacional e VIII Simpósio Nacional de Literatura e Informática. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2016.

LIMA, José Willen Brasil. **Ensino híbrido como estratégia metodológica no ensino da Libras como L2 para ouvintes: contribuições para atuação docente.** 2022.

LABORIT, Emmanuelle. O grito da gaivota. Tradução de Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny.

LOPES, Alice Casimiro. **Políticas de currículo em um enfoque discursivo: notas de pesquisa.** In: LOPES, Alice Casimiro; OLIVEIRA, Anna Luiza de; OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. A teoria do discurso na pesquisa em educação. Pernambuco: UFRPE, 2018.

LOPES, Antonia Aparecida. **O ensino da língua brasileira de sinais - Libras - a ouvintes pela perspectiva da abordagem intercultural.** UNIOESTE, 135 p. Dissertação (Mestrado em Ensino), Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná, Foz do Iguaçu, 2022.

LÔPO-RAMOS, Ana Adelina. **Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”.** Revista Brasileira de Linguística Antropológica. 2021.

LUCHESE, Anderson. **Formação docente para atuação com estudantes surdos.** 2016. 156 f. (Dissertação de Mestrado) Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Chapecó, 2016.

LUZ, Renato Dente. **Cenas Surdas**: os surdos terão lugar no coração do mundo? 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. 192p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha**. Artigo recebido em: 12 jun. 2006; aprovado em: 22 ago. 2006. Universidade Estadual de Campinas; Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade – LEPED/Unicamp. E-mail: tmantoan@unicamp.br.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002

MARTINS, Vanessa R. de O.; LISBÃO, Sarah Leite. Libras no contexto educacional. In: LACERDA, Cristina Boglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira (org.). **Libras**: aspectos fundamentais. Curitiba: Intersaberes, 2019, p. 196-231.

MEAD, G. H. (1934). **Mind, Self, and Society**. Chicago: University of Chicago Press.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar, 1921- **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. **Estado do Conhecimento**: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, mar. 2022 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/18875>

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro: **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier**. In: ETD – Educação Temática Digital 7 (2006), 2, pp. 255-265. URN: Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/807>. Acesso em: 17 maio 2024.

NASCIMENTO, A. M. do. **Interculturalidade**: apontamentos conceituais e alternativas para a educação bilíngue. Revista Sures, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/121/127>. Acesso em: 23 ago.2024.

NASCIMENTO, C. E. R. **O jogo na aula de língua estrangeira**: espaço aberto para a manifestação do eu. Alfa: rev. de linguística, São Paulo, v. 52, n. 1, 2008, p. 149 – 156.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo 1.3 (1996): 2.

NUNES, Ariane Vitoriano Duarte Santos. **O ensino na escola inclusiva**: aproximações com o desenho universal para aprendizagem. São Caetano do Sul: USCS, 2023. 128 p.: il.

PAGNUSSAT, Rosane; PORTO, Luana Teixeira. Datilologia: recurso essencial para quem deseja aprender e se comunicar em língua brasileira de sinais - Libras. In: CONGRESSO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM DIREITO EDUCATIVO, 4., 2024, Frederico Westphalen. **Anais** [do] IV Congresso Nacional de Investigação em Direito Educativo [recurso eletrônico]: Direito Educativo e Educação Infantil em diálogo. Frederico Westphalen: URI Frederico Westphalen, 2024. p. 97-102

PALÚ, Janete. *Planos de Gestão Escolar em Santa Catarina: a gestão democrática em questão*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, Chapecó, SC, 2019.

PEDRONI, Vinícius Hidalgo. **Contribuições do ensino de Libras nos cursos de licenciatura**. 2021.

PENHA, N. M. da. **Parâmetros de ensino em Língua Brasileira de Sinais como L1**. Indaial: Uniasselvi, 2018.

PERLIN, Gládis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. CCE. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: UFSC, 2008.

PERLIN, G. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PIZZIMENTI, Cris. Eu sou feita de Retalhos. In Facebook, página ‘Uma pitada de encanto’ by Cris Pizzimenti, 2013. Disponível em: (1) Uma pitada de encanto - by Cris Pizzimenti Facebook. Acesso em: 31 jul.2025.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: a aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE Patrícia Luiza Ferreira. **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS II**. UFSC: Florianópolis, 2008

REILY, L. **Escola inclusiva: Linguagem e mediação**. São Paulo: Papirus, 2004.

ROA, Maria Cristina Iglesias. **Ensino de Libras a Crianças Ouvintes como Segunda Língua e Fator Possível de Inclusão Social**. Editora Appris, 2020.

ROCHA, Solange Maria da. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2008.

RODRIGUES, Sara dos Santos. **Proposta curricular para o ensino de Libras para ouvintes do primeiro segmento do ensino fundamental: um caminho para a inclusão de surdos**. 173

p. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Teixeira Motta: São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: o paradigma do século 21**. Inclusão - Revista da Educação Especial, [S.l.], MEC, out. 2005, p. 19-28.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.1-15, jul. 2009.

SANTOS, Marcos Serafim dos. **Comunicação em Libras como possibilidade para assistência à saúde: o encontro enfermeiro-paciente surdo do município de Humaitá – AM**. UNAERP, 97 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Educação) Universidade De Ribeirão Preto, 1997.

SANTOS, Marina Santana dos. **Educação e inclusão: os resultados de um curso de LIBRAS nas relações comunicativas entre estudantes Surdos e ouvintes**. Mestrado Profissional em Educação Escolar Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho, 2019.

SAPIR, E., & Whorf, B. L. (1956). **Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf**. Cambridge: MIT Press.

SAUSSURE, F. (2006). **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40 jan./abr. 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL. *Curso de Libras*. Mato Grosso do Sul, 2015.

SILVA, Bruno Rafael Ferreira Souza Barbosa da. **Objeto de aprendizagem baseado em redes sociais para apoiar o ensino de Libras a ouvintes**. 81 p. Dissertação (Mestrado em Informática), Universidade Federal De Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, Carlos Dyego Batista da. **Oferta da disciplina Libras no ensino fundamental na rede municipal de Castanhal-PA**. 2024.

SILVA, Ana Cristina Pereira da. **O ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras como segunda língua para ouvintes: inclusão à comunidade afro-surda de São Francisco do Conde-Bahia**. 2024.

SKLIAR, C. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo. Notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Org) **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. (Material disciplina Letras/Libras).

SOARES, M. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991. 124p. (Educação contemporânea. Memória da educação)

SOUSA, Danielle Vanessa Costa et al. **Reflexões sobre o ensino de Libras como L2 para crianças ouvintes no contexto de escolas regulares inclusivas**. 2017.

TORRES, Lucas Miranda; QUEIROZ, Camila Ramos de Oliveira. **Aprendizagem de Libras como segunda língua para ouvintes**. 2021.

VALADÃO, Michelle Nave et al. Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 10, n. 15, p. 125-147, 2016.

VEIGA-NETO, A. (2005). Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão. In: Machado, A. M. et al. (Org.). **Psicologia e direitos humanos: escola inclusiva: direitos humanos na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 55-70.

VELOSO, Éden; FILHO, Valdeci Maia. **Aprenda a Libras com eficiência e rapidez**. Editora - Mãos Sinais. Curitiba - PR. 2009.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne; LÍRIO, Larissa. **A Disciplina de Libras e a Formação Inicial dos Professores: experiências dos alunos de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Espírito Santo**. Revista FACEVV, Vila Velha, n. 6, p. 96-104, jan/jun 2011.

VYGOTSKY, L. (2007). **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

ZABALA, A. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. In.: **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.